



À descoberta da profissão e da identidade profissional do professor de Educação Física:

Será que gostar de crianças é suficiente?

Relatório de Estágio Profissional

Relatório de Estágio Profissional, apresentado com vista à obtenção do 2º Ciclo de Estudos conducente ao Grau de Mestre em Ensino da Educação Física nos Ensinos Básico e Secundário, da Faculdade de Desporto da Universidade do Porto, ao abrigo do Decreto-Lei 74/2006, de 24 de março, na redação dada pelo Decreto-Lei 65/2018, de 16 de agosto e do Decreto-Lei nº 79/2014 de 14 de maio.

Orientador: Professor Doutor Amândio Braga Santos Graça

Christine Nathalie Barandas Gomes

Porto, setembro de 2020

Ficha de Catalogação

Gomes, C. (2020). *À descoberta da profissão e da identidade profissional do professor de Educação Física: Será que gostar de crianças é suficiente?* Porto: C. Gomes. Relatório de Estágio Profissional para a obtenção de grau de Mestre em Ensino de Educação Física nos Ensinos Básico e Secundário, apresentado à Faculdade de Desporto da Universidade do Porto.

PALAVRAS – CHAVE: Estágio Profissional, Educação Física, Identidade Profissional, Inclusão, Partilha Pedagógica

Dedicatória

Quando se ama a profissão, fazemos de tudo pelos nossos alunos, sempre!

Aos meus alunos, a minha força e dedicação. A minha motivação!

O Melhor Professor do Mundo

“O melhor professor do mundo é aquele que faz quilómetros e quilómetros, todos os dias. De casa para a escola e de uma ideia para a outra. E que, em vez de se estafar ou esbaforir, nunca desiste de se apaixonar (mais e mais) por ser professor.

O melhor professor do mundo é aquele que, a cada coisa que uma criança lhe conta, agasalha as histórias e lhe adivinha os sentimentos. E, delicadamente, escuta. E tem a cortesia de aconselhar. Sem que se dê por isso.

O melhor professor do mundo, quando sente que lhe faltam as condições para ensinar, inventa-as. E quando os materiais rareiam se recria. E aprende, quando dá a aprender. E, quando se põe em dúvida ou vacila em relação a tudo o que a escola lhe confia, apura aquilo em que acredita. E vai. E sabe que as crianças não aprendem com aquilo que se diz; descobrem com os exemplos que adivinham.

O melhor professor do mundo comove-se quando uma criança o descreve como “simpático”. “Baba-se” (de vaidade!!) quando desconfia que os alunos gostam de si. E “perde a compostura” quando algum deles lhe confia um desabafo ou um segredo. Ele é um brincador. E um apanhador de sonhos. Desconcentra, pelo entusiasmo com que dá. E desarruma, pela gratidão com que divide.

O melhor professor do mundo é aquele que se entusiasma e se comove. Que nunca é imparcial, quando se trata de conhecer. E que, mesmo quando sente que repete, reinventa. É aquele que conversa. E, entre “o programa” e a paixão, vai por aquilo que intui e desafia. Porque ele sabe que, na escola, cada segundo que não se vive é um gracejo com a eternidade que se perde.

À poluição luminosa, o melhor professor do mundo prefere as estrelas. E aceita, até, ser uma delas. Porque acredita que por cada estrela que se descobre é um escuro que se conquista. Por onde se vai - sempre! - mais fundo. E se vê mais longe.

Ao melhor professor do mundo nunca é indiferente o olhar de um aluno. Tenha ele picos ou o aconchegue. Seja áspero ou aninhado. Ou assustado. Ou, mesmo, vago. Porque ele sabe que quem olha pergunta, muito antes de falar. E que quem sente vê.

Antes de ver.

O melhor professor do mundo não passa sem as crianças e cansa-se com elas. Barafusta com a escola e desencanta-se se não a tem. É por isto que eu acho que os professores que são únicos e irrepetíveis, aqueles que se guardam no coração e nunca se esquecem, nunca são professores. São uma mão e um mundo que se dão.

E que se guardam. Para nunca mais se desencontrarem ou se perderem!”

Eduardo Sá, 24 janeiro 2020

Agradecimentos

À família Perestrelo pela disponibilidade e por todos os ensinamentos, por me apoiar durante este longo e contínuo processo, pois sei que não sou nada fácil. Acima de tudo, obrigada por acreditarem em mim, mais do que eu própria acredito.

Às minhas amigas, à minha melhor amiga Ana Oliveira e à minha afilhada Ana Câmara, que mesmo longe, fizeram parte deste meu percurso. Agradeço por todo o apoio, incentivo e motivação em todas as decisões da minha vida, mesmo quando as coisas não corriam como gostaria. Obrigada por me terem ajudado a ultrapassar mais um ano.

Aos meus colegas de estágio, pela partilha de conhecimentos. Em especial ao Rodrigo Ribeiro, por ter estado sempre disponível para me ajudar e por se ter mostrado sempre disponível.

À Professora Cooperante, Helena Abrunhosa, por ser uma grande profissional, pelo gosto e dedicação que tem pela profissão o que, de alguma forma, foi uma motivação para mim, levando-me a querer ser mais e a fazer melhor. Obrigada por ter partilhado vivências, conhecimentos, por me ter acolhido e por toda a confiança depositada dentro e fora do espaço de escolar. Obrigada por todos os conselhos, pela ajuda diária, pelo apoio constante, pela amizade e por todos os momentos proporcionados. Sem dúvida, foi uma das pessoas que mais me marcou e é alguém por quem guardo grande carinho.

Ao Professor Orientador, Amândio Graça, por todo o conhecimento partilhado em todos os momentos, pela preocupação, disponibilidade e atenção que teve para comigo, sempre; pela ajuda, pelos sábios conselhos, por me fazer refletir sobre todas as minhas ações e atitudes e pela autonomia dada, pelo desafio lançado na procura de querer sempre mais.

À Escola Pêro Vaz de Caminha, mais especificamente à comunidade escolar, por me terem acolhido, pela disponibilidade e por todos os conhecimentos partilhados durante o estágio. Pela oportunidade de formação, por todos os conselhos, pela partilha de vivências que tornaram esta experiência mais rica.

Obrigada a todos os professores e funcionários da escola por me terem recebido de braços abertos e por todo o carinho.

À Diretora de Turma da minha turma residente, Fátima Almeida, meu “anjinho da guarda”, que apareceu no meu caminho, com um objetivo em comum, ajudar os alunos da turma a crescer, a serem mais responsáveis e melhores meninos. Destas preocupações com a turma, criou-se um sentimento de empatia, de partilha e de uma grande amizade. Obrigada por ter estado sempre presente, obrigada por me ouvir, obrigada por ser quem é. Obrigada por todo o carinho, sendo certo que a levo no meu coração.

Aos meus alunos, aos meus meninos, principal razão de estar aqui hoje. Estou grata por terem sido incríveis comigo, por terem estado disponíveis durante todo o processo e terem tornado as aulas momentos de aprendizagem mútua; por me terem proporcionado momentos de alegria e de conquista. Obrigada por todas as conversas e por cada palavra, por me desafiarem a querer fazer mais, a ser melhor profissional e pessoa, o que me tornou mais forte e mais capaz, sem dúvida alguma! Obrigada pela confiança que depositaram em mim, pela amizade, pelo carinho e acima de tudo pelo respeito que sempre tiveram comigo. Termino este ano com o sentimento de dever cumprido com todos, em todos os sentidos. Obrigada por terem cruzado o meu caminho, por terem contribuído para o meu desenvolvimento, obrigada por toda a experiência. Foi um gosto ter-vos como turma, fazer parte da turma, ser vossa professora, foi um prazer conhecer-vos. Ficarão sempre na minha memória e no meu coração!

Um grande obrigado do fundo do coração!

Índice Geral

Dedicatória	I
O Melhor Professor do Mundo	III
Agradecimentos	V
Índice Figuras	XI
Índice Tabelas	XIII
Índice de Anexos	XV
Resumo	XVII
Abstract	XIX
Lista de Abreviaturas	XXI
1. INTRODUÇÃO	1
2. DIMENSÃO PESSOAL	5
2.1 Uma parte de mim	5
2.2 Entendimento do Estágio Profissional	8
3. ENQUADRAMENTO DA PRÁTICA PROFISSIONAL	17
3.1 A Educação Física na atualidade	17
3.2 Ser professor, ser professor de Educação Física	24
3.3 Enquadramento Legal e institucional do Estágio Profissional	27
3.4 A Escola	30
3.4.1 Caraterização do Agrupamento de Escolas Pêro Vaz de Caminha	31
3.4.2 A Escola como instituição e o papel da Escola na Comunidade	37
3.4.3 Professor Cooperante e Professor Orientador: Guias e Conselheiros desta caminhada	39
3.4.4 O Núcleo de Estágio: Aprender para crescer	44
3.4.5 Os meus alunos: A razão pela qual estou aqui	47
3.4.6 Turma Residente: Um desafio, uma aprendizagem, uma descoberta... uma história!	51

3.4.7 Turma Partilhada: A turma que nos marca!	57
3.4.8 A experiência com o 1º ciclo: Os reguilas	60
4. REALIZAÇÃO DA PRÁTICA PROFISSIONAL	65
4.1 Área1 – Organização e Gestão do Ensino e Aprendizagem	65
4.1.1 Programas Nacionais de Educação Física	66
4.1.2 Planeamento	67
4.1.2.1 Plano Anual	69
4.1.2.2 Unidades Didáticas	72
4.1.2.3 Modelo de Estrutura do Conhecimento	73
4.1.2.4 Plano de Aula	75
4.1.3 Realização do Ensino: O meu trajeto	79
4.1.3.1 O Primeiro Impacto	80
4.1.3.2 Conhecimento	84
4.1.3.3 A Polivalência dos Modelos de Ensino	90
4.1.3.4 Momentos de Aprendizagem e de Evolução: Observação das aulas	99
4.1.3.5 Aprender a lecionar EF para um aluno com NEE no ensino regular	101
4.1.3.6 O Ensino da Educação Física em tempo de pandemia: Educação Física à Distância	106
4.1.3.7 Avaliação: Ao serviço da aprendizagem e não apenas um simples registo	111
4.2 Área2 – Participação na Escola e Relação com a Comunidade	114
4.2.1 Direção de Turma	115
4.2.2 Atividades não Letivas	118
4.2.2.1 Atividades e Torneios: o elo de ligação e de interação entre toda a comunidade escolar	120
4.2.2.2 Sensibilizar e valorizar a diferença dentro e fora do desporto	121

4.2.2.3 Visitas de Estudo	123
4.2.3 Atividades Realizadas pelo Núcleo de Estágio	123
4.2.3.1 “Constrói o teu kit de Polybat”	123
4.2.4 Desporto Escolar	125
4.2.4.1 Desporto Escolar Andebol	125
4.2.4.2 Desporto Escolar Dança	126
4.3 Área3 – Desenvolvimento Profissional – <i>As Necessidades Educativas Especiais na Educação Física e sua Inclusão: um estudo realizado com uma turma de 8ºano de escolaridade com alunos com NEE</i>	129
Resumo	129
4.3.1 Introdução	130
4.3.2 Metodologia	132
4.3.3 Apresentação dos resultados e discussão	139
4.3.4 Conclusão do Estudo	144
5. CONCLUSÃO E PERSPETIVAS FINAIS	147
6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	151
ANEXOS	

Índice Figuras

Figura 1 – Eu	5
Figura 2 – EB 2/3 Pêro Vaz de Caminha	31
Figura 3 – EB 2/3 Pêro Vaz de Caminha	32
Figura 4 – EB1 / JI São Tomé	32
Figura 5 – EB1 / JI Miosótiis	32
Figura 6 – EB1 / JI Agra	32
Figura 7 – Pavilhão	36
Figura 8 – Ginásio	36
Figura 9 – Núcleo de Estágio	48
Figura 10 – Momentos com a TR	51
Figura 11 – Visita ao Jardim Botânico TP	57
Figura 12 – Miminho do 1ºciclo	60
Figura 13 – 1ºciclo (Corta Mato)	61
Figura 14 – Registo de Pontuação UD Basquetebol	93
Figura 15 – Torneio Final Basquetebol	93
Figura 16 – Coreografia Ginástica Acrobática G3	94
Figura 17 – Coreografia Ginástica Acrobática G2	95
Figura 18 – Coreografia Ginástica Acrobática G1	96
Figura 19 – Registo de Pontuação UD Futebol	97
Figura 20 – Cartazes de Divulgação das Atividades	119
Figura 21 – Eu, RC e a dona AD (Corta Mato)	120
Figura 22 – Jogos de Conquista	120
Figura 23 – Aula de Ténis TR com CSNA	121
Figura 24 – Ténis de Cadeira de Rodas com CSNA	121
Figura 25 – Galeria da Biodiversidade	123
Figura 26 – Vídeo Promotor FPDD “Polybat”	124
Figura 27 – Cartaz DE Andebol	125
Figura 28 – 1ºEncontro DE Dança	126
Figura 29 – Lembrança da TR 8ºC	149

Índice Tabelas

Tabela.1 – Total de aulas lecionadas por cada modalidade	70
--	----

Índice de Anexos

Anexo 1 – Planeamento Anual Geral de EF	160
Anexo 2 – Ficha de Caraterização do aluno	161
Anexo 3 – Questionário – “As NEE na EF e a sua Inclusão”	162
Anexo 4 – Respostas ao Questionário	163
Anexo 5 – Questionário Final – “Momento de Reflexão”	165
Anexo 6 – Respostas ao Questionário	166
Anexo 7 – Relatório Final da Diretora de Turma da TR	173
Anexo 8 – Relatório Final da Assistente Operacional do RC	174
Anexo 9 – Relatório Final da Professora Titular do 4ºano	176

Resumo

O presente documento revela a prática supervisionada, inserida no plano de estudos do 2ºano do Mestrado de Ensino de Educação Física nos Ensinos Básico e Secundário da Faculdade de Desporto da Universidade do Porto. O Estágio Profissional assume a confluência de todo o conhecimento, de vivências e das competências adquiridas na formação académica. Neste, o estudante estagiário, pela primeira vez, confronta-se com a realidade da profissão docente e integra uma etapa fundamental do seu processo de formação.

Este documento reflete o caminho percorrido durante este ano letivo, marcado pelas situações do momento, do meio e do contexto escolar. Procura descrever e partilhar as experiências pessoais e profissionais bem como o processo de evolução de estudante estagiário para professor de Educação Física em resposta, aos sentimentos e dúvidas no desenvolvimento da identidade profissional. Este relatório reflete as vivências sobre as práticas pedagógicas nos vários ciclos de ensino e está dividido por três áreas distintas: “Organização e Gestão do Ensino e Aprendizagem”, “Participação na Escola e Relação com a Comunidade” e “Desenvolvimento Profissional”. Esta última integra o estudo de investigação que se debruça sobre as Necessidades Educativas Especiais na Educação Física e a sua Inclusão.

Este documento reflete o processo formativo ao longo do ano letivo, marcado pela descoberta da identidade profissional em torno da questão inicial: Será que gostar de crianças é suficiente para esta profissão? Conclui-se que gostar de crianças é, sem dúvida, um ponto chave para o sentir de realização enquanto professor, contudo, outros fatores inerentes ao ambiente escolar são também determinantes, como a dinâmica de relacionamento com o conselho de turma e comunidade escolar e os contextos familiares dos alunos.

PALAVRAS – CHAVE: Estágio Profissional, Educação Física, Identidade Profissional, Inclusão, Partilha Pedagógica

Abstract

The present document reveals the supervised practice, included in the study plan of the 2nd year of the Master of Physical Education Teaching in Basic and Secondary Education of the Faculty of Sport of the University of Porto. The Professional Internship intends to put in practice the confluence of knowledge, experiences and skills acquired in academic training, in which the intern student, for the first time, is confronted with the reality of being a teacher, one of the stages of the training process.

This document reflects the path taken during this school year, marked by the various situations of the moment, the environment and the school context, seeking to describe and share the personal and professional experiences and the process of evolution from an intern student to a Physical Education teacher in response, feelings, doubts in the development of professional identity. This report reflects the experiences of pedagogical practices in the various teaching cycles and is divided into three distinct areas: “Organization and Management of Teaching and Learning”, “Participation in School and Relationship with the Community” and “Professional Development”. The last area will be dedicated to the research study that focuses on Special Needs in Physical Education and its Inclusion.

This document reflects the entire formative process that has been extended in this school year, is marked by the discovery of professional identity, and will answer the initial question: Is it liking children enough for this profession? Throughout this internship year, it was possible to conclude that liking children is undoubtedly a key point for feeling fulfilled as a teacher, however, other factors inherent to the school environment are also decisive, such as the relationship with the board class and school community and students' family contexts.

KEYWORDS: Professional Internship, Physical Education, Professional Identity, Inclusion, Pedagogical Sharing

Lista de Abreviaturas

DB – Diário de Bordo

DT – Diretora de Turma

EE – Estudante Estagiário/a

EF- Educação Física

EP- Estágio Profissional

FADEUP- Faculdade de Desporto da Universidade do Porto

GEF – Grupo de Educação Física

MAC – Modelo de Aprendizagem Cooperativa

MEC- Modelo de Estrutura do Conhecimento

MED – Modelo de Educação Desportiva

MEJC – Modelos de Ensino do Jogo para a Compreensão

MID – Modelo de Instrução Direta

NE – Núcleo de Estágio

NEE – Necessidades Educativas Especiais

PA – Plano Anual

PC – Professor Cooperante

PDA – Plano de Aula

PEE – Projeto Educativo de Escola

PNEF – Programa Nacional de Educação Física

PO – Professor Orientador

PP – Prática Pedagógica

RE – Relatório de Estágio

TP – Turma Partilhada

TR – Turma Residente

UD(s) – Unidade(s) Didática(s)

1. INTRODUÇÃO

O Relatório de Estágio Profissional apresenta-se como a narrativa da experiência realizada no âmbito de Estágio Profissional (EP) que decorre no ano da prática de ensino supervisionada. Constitui-se como uma etapa importante no percurso de formação do professor. Ao longo desta etapa, o Estudante Estagiário (EE) procura colocar em prática as aprendizagens, os conhecimentos e competências adquiridas ao longo da formação académica, como também, construir a sua identidade profissional através de um conjunto de reflexões sobre a prática pedagógica, as ações e procedimentos desenvolvidos e aplicados ao longo do EP, com o intuito de desenvolver e refletir sobre a sua Prática Pedagógica (PP) no futuro.

De forma global, pretende-se que o EE partilhe e reflita de forma consciente e construtiva, sobre o processo de formação que permitiu construir a sua identidade profissional, passando de EE a docente de Educação Física (EF).

Por sua vez, e segundo as normas orientadoras da FADEUP (p.3), a prática supervisionada *“visa a integração no exercício da vida profissional de forma progressiva e orientada, em contexto real, desenvolvendo as competências profissionais que promovam nos futuros docentes um desempenho crítico e reflexivo, capaz de responder aos desafios e exigências da profissão”*. A prática supervisionada aqui apreciada enquadra-se numa instituição de ensino, a EB. 2/3 Pêro Vaz de Caminha, uma escola integrante do programa TEIP, situada no Porto. O núcleo de estágio (NE) foi constituído por mim e mais dois colegas que, em conjunto com a professora cooperante (PC) e com o professor orientador (PO), procuraram integrar uma *“comunidade de prática”* (Nóvoa, 2009), proporcionando a partilha e o incremento de conhecimentos, de saberes e de ideias, de competências que permitiram sustentar o desenvolvimento da ação e o caminho a seguir para o encontro da identidade profissional docente e da minha vocação.

Ao longo deste ano, tive a oportunidade de lecionar em diferentes turmas: i) a minha turma residente (TR), do 8ºano; ii) uma turma do 4ºano, na EB1/JI S.

Tomé, pertencente ao agrupamento da escola cooperante e III) em colaboração com os meus colegas do NE, uma turma partilhada (TP), do 6º ano.

E porque ao professor não compete apenas lecionar a disciplina, mas fazer parte integrante da comunidade escolar, tive ainda participar em várias atividades docentes: i) reuniões de departamento de expressões, de grupo de educação física (GEF) e de conselho de turma; ii) colaborei estreitamente com a diretora de turma da minha turma residente; iii) participei ativamente nas várias atividades de grupo e iv) dinamizei e desenvolvi atividades aplicadas em tempo de confinamento.

No sentido de partilhar as experiências e as vivências conseguidas ao longo desta etapa que foi o EP, este relatório encontra-se dividido em cinco capítulos, desde a contextualização do documento a partir da *Introdução*, passando depois pelo segundo capítulo, pela *Dimensão Pessoal* onde surge uma parte de mim, contemplando um enquadramento biográfico e pessoal que reflete o meu percurso, as minhas vivências e o gosto pelas crianças, mas também as expectativas e crenças que tenho quanto a este novo mundo a descobrir, que é o da docência. De seguida, o *Enquadramento da Prática Profissional*, que abrange a EF na atualidade, mencionando o papel e a importância do professor e do professor de EF (na sua especificidade) na escola e na vida dos alunos. Neste ponto abordo o enquadramento legal e institucional do EP, apresento o contexto e faço a caracterização da escola onde decorreu o estágio e destaco todos os intervenientes que fizeram parte desta etapa (o NE, o grupo de educação física (GEF), a professora cooperante (PC), o professor orientador (PO) e, por fim, o centro deste caminho, as minhas turmas).

O quarto capítulo destina-se à *Realização da Prática Profissional*. A área 1, “Organização e Gestão do Ensino e Aprendizagem”, apresenta a preparação e intervenção, tendo em conta o planeamento e a operacionalização do ensino a partir dos planeamentos, unidades didáticas e planos de aula. Aqui englobam-se, ainda, os modelos de ensino e a avaliação e os momentos de ação e de reflexão que, a partir do diário de bordo aprofundam o meu pensamento, os meus medos, sentimentos, desafios e estratégias para melhorar o meu trabalho

enquanto futura docente. A área 2, “Participação na Escola e Relação com a Comunidade”, diz respeito ao papel do professor e que vai para além da (sala de) aula de EF, incluindo, como no meu caso, a participação e envolvimento nas reuniões e atividades escolares, atividades não letivas (como p.e. o desporto escolar, as visitas de estudo, os torneios, e o acompanhamento da diretora da minha turma residente, que me deu a saber um pouco sobre o papel do diretor de turma). Todas estas atividades foram, de extrema importância para mim e para a minha integração na escola e na comunidade escolar.

No que concerne à área 3, “Desenvolvimento Profissional”, destaca-se o estudo de investigação sobre *As Necessidades Educativas Especiais na Educação Física e a sua Inclusão*, que surge do desafio encontrado na minha turma residente (TR) durante o EP. Tentar perceber e conhecer melhor esta área, por um lado, e, ao mesmo tempo, refletir sobre a forma de trabalhar e de desenvolver um trabalho na EF com alunos com características diferenciadas. Gerir e planear as minhas aulas, tendo com objetivo incluir estes alunos na turma e nas atividades e refletir sobre esta experiência e sobre o que ela acrescenta à minha prática pedagógica. Como último capítulo, apresento as minhas *conclusões e perspetivas futuras* onde realizo um remate do vivido e extraído de todo este momento que foi o EP e apresento, a partir daí, as minhas expectativas para o futuro.

Deste modo, com esta exposição escrita, pretendo partilhar e expressar todo o percurso vivenciado e o trabalho desenvolvido nesta etapa da minha formação, procurando transmitir nela, todas as preocupações, todos os sentimentos envolvidos e o constante gosto que tenho pelas crianças e pelo ensino.

2. DIMENSÃO PESSOAL



Fig.1 – Eu

2.1 Uma parte de mim

“Pedras no caminho?

Guardo todas, um dia vou construir um castelo (...).”

Fernando Pessoa

Quem sou eu? Quem será este ser que sempre se considerou tão pequeno, que sempre sonhou e que sempre teve como objetivo dar tudo o que nunca teve!

Chamo-me Christine Nathalie Barandas Gomes e nasci a 13 de junho de 1992, em França, mas sou praticamente portuguesa.

Mais concretamente madeirense, pois foi na Madeira onde passei a minha infância e cresci. Sou uma pessoa extrovertida, mas com algumas dificuldades em acreditar em mim mesma e nas minhas capacidades.

Posso dizer que tive uma infância muito infeliz, mas acho que nada na nossa vida acontece por acaso. Nasci em França e fui adotada em bebé, sem conhecer os meus pais biológicos. O meu pai adotivo abandonou-nos, tinha eu um ano de idade, porque a minha mãe adotiva se encontrava doente. Acabei por a perder aos 6 anos de idade, vivia eu em Santarém. Quando a minha mãe faleceu, fiquei ao cuidado dos meus tios/padrinhos de batismo, que moravam na Madeira. No entanto, os meus padrinhos não cuidavam nada de mim, sendo que fui muito maltratada. Acabei por ser colocada num orfanato, onde estive durante 12 anos, até aos 18 anos. Nesta fase da minha vida vi o desporto como um refúgio, praticando-o na escola e às escondidas das freiras, tomando o gosto pela liberdade que este me proporcionava. Aqui, começo a gostar do desporto, aqui vislumbro o meu futuro, ficando à espera de continuar os meus estudos (licenciatura) como me tinham prometido. Mas, infelizmente, quando completei os meus 18 anos, fui convidada a sair, sem meios nenhuns e sem ajudas.

O meu percurso académico e a importância do desporto na minha vida

E lá fui eu.... Tentei entrar logo na faculdade, mas foi difícil... só consegui passados quatro anos. Considero que tive um anjinho da guarda que me ajudou, dando-me explicações e consegui passar no exame e entrar para a licenciatura, em Rio Maior.

Hoje, encontro-me aqui, sempre a subir escadas. Muitas vezes vou lá ao fundo, mas tento sempre superar cada dia. Considero-me uma lutadora, tive de o ser desde muito cedo e tive de crescer também! Começo, agora, a valorizar-me. Sempre lutei apesar das dificuldades, sempre lutei para aqui estar. Poderia estar pior, mas escolhi seguir este caminho e dar a volta à vida. E, aqui cheguei, encontro-me no último ano do Mestrado de Ensino de Educação Física nos Ensinos Básicos e Secundário, na Faculdade de Desporto da Universidade do Porto.

“A identidade do professor de Educação Física (EF) começa a ser construída desde cedo. O professor constrói a sua performance a partir de inúmeras referências. Entre elas estão a sua história familiar, a sua trajetória escolar e académica, a sua convivência com o ambiente de trabalho, a sua inserção cultural no tempo e no espaço.”

Camilo Cunha (2002 cit. por Lima et al., 2014, p. 80)

Sempre estive ligada ao desporto, apesar de ter sido “proibida” de o fazer imensas vezes, porque isso me poderia prejudicar nos estudos, diziam as freiras. Desde o quinto ano que participo no Desporto Escolar, fui atleta de ginástica aeróbica e de voleibol, bem como árbitra das mesmas modalidades. No secundário, iniciei na natação. Fora da escola, fui atleta de voleibol, no Vólei do Club Sports da Madeira e de natação, no Clube Desportivo Nacional.

Desde pequena que sempre gostei de desporto. Muitas vezes fugia do orfanato para fazer as minhas corridas, no final do dia. Refletindo sobre estes momentos, e em todas as coisas que aconteciam na minha vida, acabei por me refugiar no desporto, para superar todas as adversidades que apareciam durante o meu percurso. Um percurso que abrangeu várias áreas do desporto, entre o fitness e

agora o ensino. Não me vejo a estar noutra meio sem ser este e que envolva crianças e, quem sabe, no futuro, idosos.

Quando iniciei a minha vida académica, deixei de praticar desporto, contudo acabei por integrar o grupo de dança da faculdade, durante os três anos de licenciatura.

O meu porto seguro, o trabalho e o gosto pelas crianças

Desde os 13 anos que trabalho. Sempre trabalhei (às escondidas das freiras) para poder ter o meu dinheiro e as minhas coisas. Desde os 13 anos que concilio o trabalho com os estudos.

Tenho experiência com bebés e crianças, fazendo parte de vários campos de férias e de vários eventos. Já fui monitora na Madeira (Madeira Magic) e em Portugal Continental (Quinta da Escola, Campo Jovem/Ritmos Fortes – Castelo de Bode e Palmela -EDP). Também realizei serviços de babysitter ao domicílio e em hotéis.

A experiência e o gosto pelas crianças, permitiu-me integrar durante o estágio o Projeto “JamKid’s”, onde lecionava aulas de dança a crianças dos 3 aos 16 anos, no Clube Naval do Funchal – AquaGym. tendo sido sempre estudante-trabalhadora, nunca consegui notas elevadas, mas considero-me uma aluna que se esforça e que se dedica, principalmente quando gosta do que está a fazer. Tento fazer as coisas por mim mesma. Tento ver as minhas dificuldades, como desafios.

O Estágio Profissional: expectativas do contributo na minha formação

Este é o momento pelo qual tanto ansiamos, é o momento em que colocamos em prática conhecimentos e competências adquiridas ao longo da vida académica no ensino superior. Aqui desenvolvemos novos saberes através da participação ativa na vida da escola e das exigências do EP. Aqui adquirimos a experiência necessária para seguir este caminho, este desafio, rumo à profissão que é ser professor.

“O percurso que caracteriza o desenvolvimento pessoal e profissional dos EE é influenciado por fatores mediadores, que os formam e os identificam com a pessoa que hoje são”

(Moreira et al., 2015, p. 248).

Antes de me inscrever e entrar neste mestrado, tive que refletir sobre as razões que me conduziram a esta área. Por um lado, por gostar de desporto, mas também por este ter tido um grande significado na minha vida. Mais importante ainda, pelo facto de gostar de crianças, gostar de estar com elas, gostar de ensinar, gostar de partilhar a minha experiência, o meu percurso.

Acabei por me dirigir às pessoas que sempre me apoiaram, transmitindo-lhes aquilo que sentia e pretendia para o meu futuro, embora conhecedora das dificuldades da carreira de docente. Elas aconselharam-me e direcionaram-me para a via ensino. Acabei por tomar a decisão de seguir esta vertente. Acredito que as escolhas e vivências que experienciei até ao momento tiveram uma forte influência no caminho que considero ser o mais coerente, enquanto profissional.

Estou neste momento na última fase da vida académica, da formação inicial, momento este que me deixava receosa, curiosa e desejosa que chegasse. Esta é a etapa em que posso aprender a ensinar; etapa em que adquiro conhecimentos e em que tento absorver tudo aquilo que me transmitem e a realidade que a escola me apresenta. Por outro lado, este é o momento em que me ponho à prova e descubro se é realmente este o meu caminho, a minha profissão, o meu porto seguro.

2.2 Entendimento do Estágio Profissional

O estágio profissional é a última etapa do processo de formação, considerado segundo Batista e Queirós (2015a, p. 36), *“como um espaço privilegiado de socialização na profissão”*, em que nele a formação proporciona uma constante reflexão sobre o trabalho desenvolvido ao longo do EP. De acordo com as mesmas autoras, *“importa que a formação superior, além da aquisição de conhecimentos e competências, faça a apologia da reflexão crítica, estimulando o estudante a questionar-se continuamente sobre os próprios conteúdos (...) a*

existência do tempo e espaço para pensar, analisar, produzir construir e (re)construir o pensamento, o conhecimento e as concepções”. Durante o EP aprendemos de facto a pensar por nós, a enfrentar e a questionarmo-nos sobre determinados momentos e situações com que nos deparamos e para os quais não estamos preparados. Ensina-nos a pensar um pouco sobre aquilo que fizemos e a adaptarmos a nossa prática, o nosso planeamento, de acordo com as necessidades da turma e dos nossos alunos. O EP é o momento em que relacionamos os múltiplos conhecimentos que aprendemos nos anos anteriores, preparando-nos para uma realidade escolar concreta, para a nossa profissão, para o futuro, no fundo “(...) encontrar um fio condutor entre a formação inicial e a profissão docente” (Batista & Queirós, 2015a, p. 34). Como nos diz Nóvoa (2009 cit. por Batista & Queirós, 2015a, p. 34),

“(...) construir uma formação de professores dentro da profissão”, que permita “estimular o pensamento e a atitude crítica dotando o futuro profissional de ferramentas para ir além do como fazer... em que este será capaz de colocar as questões adequadas e saberá responder ao porquê e para quê da sua ação”

(Batista & Queirós, 2015a).

Note-se que ao longo deste percurso, criamos a nossa concepção sobre a profissão e ao mesmo tempo vamos aprendendo as concepções de cada docente que nos rodeia, aproveitando o melhor que cada um tem para dar. Temos de ter sempre uma mente aberta: estarmos recetivos á mudança - a aprender com os outros, a entender novas situações e a aceitá-las, a lidar com o dia a dia, - por forma a juntar àquilo que já temos dentro de nós.

Segundo alguns autores citado por Batista e Queirós (2015a, p. 33) “a experiência prática de ensino em contexto real é reconhecida na literatura como uma das competências mais importantes nos processos de formação inicial de professores”, em que nós, EE, temos a oportunidade de pôr em prática alguns dos ensinamentos teóricos que aprendemos ao longo da vida académica. É o momento importante, que nos marca, pois permite-nos o contacto real com a profissão docente, em que vamos ser aconselhados e monitorizados por

professores experientes, *“imersão na cultura escolar nas suas mais diversas componentes, desde as suas normas e valores, aos seus hábitos, costumes e práticas, que comprometem o sentir, o pensar e o agir daquela comunidade específica”* (Batista & Queirós, 2015a, p. 33).

Durante o EP, tivemos fases em que erramos; que quereríamos desistir; que estávamos desmotivados; mas, ao mesmo tempo, iriamos-nos erguer, corrigir esses erros através das nossas reflexões, da nossa prática reflexiva e do contacto e comunicação com os nossos PC e PO, sendo que segundo (Behets e Vergauwen, 2006; Ganser, 1996; O’Sullivan, 2003 cit. por Batista & Queirós, 2015a, p. 34) *“o professor cooperante é aquele que tem, potencialmente, a influencia mais significativa na aprendizagem dos estudantes-estagiários no que concerne á prática de ensino”*.

O EP é um dos primeiros passos para um profissional em educação entrar no mundo do trabalho, sendo que *“é no contacto com os espaços reais que o estudante estagiário conhece os contornos da profissão, tornando-se, pouco a pouco, um membro dessa comunidade educativa denominada”,* por *“comunidade prática”* (Lave e Wenger, 1991 cit. por Batista & Queirós, 2015a). É uma experiência decisiva na nossa carreira que marca o futuro e a relação com a profissão. O desenrolar do EP e as experiências que dele vamos retirar é que nos irão proporcionar recursos e determinar o seu contributo para a prática profissional no futuro, com o intuito de *“formar profissionais que sejam capazes de gerar novos conhecimentos e novas competências”* (Batista & Queirós, 2015a, p. 36). É essencial, então, ter um papel marcante na vida dos nossos alunos e na escola também. Ser um modelo a seguir pelos alunos, entender e conhecer um pouco mais sobre eles permite fazer com que o estágio decorra de acordo com os nossos objetivos e expectativas, mas também de forma contextualizada.

Temos de assumir o nosso papel, sermos o ator principal deste processo, assumir a responsabilidade e aproveitar as oportunidades que nos são fornecidas, atacar este momento tão importante da nossa formação e que faz a ponte entre o mundo académico e o mundo profissional.

Receios e inseguranças

Naquele momento, senti que ainda era cedo, que ainda não estava preparada para dar qualquer identificação de como me via como professora. Nada estava ao meu alcance de forma consolidada. Baseei-me nas aprendizagens e na interiorização e transmissão do conhecimento, no conhecimento das minhas turmas e de todo o processo. Senti-me uma aprendiz, quando tentava, a partir das minhas aulas, incluir todos os alunos e procurar dentro deles o melhor de cada um, para que todos sejam especiais e importantes.

“É com o estágio pedagógico que se dá o primeiro grande impacto dos estudantes com a prática, sendo este o momento crucial no processo de formação inicial, por via do choque com a realidade e com a responsabilidade total de papéis inerentes à função de professor.”

Albuquerque, Graça e Januário, (2005 cit. por Lima et al., 2014, p. 80)

Encontro-me então no momento em que tento assimilar tudo e ao mesmo tempo ainda não me sinto totalmente preparada para dar resposta às exigências da prática. Tenho consciência, que ainda estou no começo e muita coisa é preciso aprender, não só a nível pessoal, mas também a nível académico e profissional. Refiro-me essencialmente aos conteúdos, pois não tenho nenhuma área forte ou que domine. Por outro lado, aprendo como agir perante determinadas situações, problemas, aprendo com as falhas, a cair para me poder levantar, aprendo sempre e aprendo a crescer.

Pouco a pouco vou conseguindo aceitar o facto de aqui estar quando ainda há pouco era apenas uma aluna e agora estou numa escola a desempenhar o papel de professora. Pela primeira vez, vejo-me do outro lado, do lado da ação, passei a ter responsabilidade profissional.

Um mundo novo a descobrir, um novo Eu

Hoje, vejo as coisas de uma outra perspetiva. Começo, aos poucos, a entender o papel do professor, mas ao mesmo tempo, a ter dificuldades em aprender a ser professora. No sentido do conhecimento das matérias, a minha maior

difficuldade e desafio está na transmissão dos conteúdos, na sua transposição para a construção dos documentos requeridos no planeamento das unidades didáticas e das aulas, na elaboração de grelhas de avaliação, na gestão da aplicação desses materiais.

Sabia que esta fase não iria ser fácil, mas sabia também que iria ter um papel importante na vida dos meus alunos. A cada dia que passava, sentia-me apreensiva, com receios, dúvidas e medos, mas sempre com a esperança de que com o tempo, nos meses subsequentes, estes sentimentos e a maneira de ver e de pensar sobre o meu desempenho e sobre esta profissão, vinham a ser diferentes e que, no fim, todos estes fatores me levassem a fortalecer na profissão.

Sempre soube que esta fase iria envolver muito trabalho e dedicação e muitas vezes não sabia por onde começar. O stress e ansiedade começavam a aparecer e eu simplesmente queria tentar dar a volta a tudo isto. Sair da zona de conforto e evoluir, dar o melhor que ainda tenho para dar, o melhor de mim.

Desde que comecei este mestrado, que me questionava se gostar de crianças era realmente suficiente para estar nesta profissão, e se, iria conseguir realizar-me profissional e pessoalmente enquanto Professora de EF.

Esperava que o estágio me ensinasse e proporcionasse tudo aquilo que não sabia, que me ajudasse a superar as minhas dificuldades, que me ajudasse a superar-me a mim mesma, que me ajudasse a refletir a cada dia para me corrigir e a ser melhor de aula para aula. Que me fizesse aprender o verdadeiro espírito da escola, o seu propósito, o propósito de ser professor, me fizesse perceber como funciona o mundo do ensino.

Eis os meus votos para um estágio bem conseguido: que eu fosse capaz de aprender ao máximo todos os aspetos que fazem parte da vida de um professor; perceber o verdadeiro significado do papel do professor e como se desenvolve no seio desta instituição que é a escola; que eu tivesse uma boa integração, como também uma boa relação com todos os alunos que iria ter; na relação com os alunos, que eu conseguisse ter numa mão o afeto, noutra as regras.

Queria que esta fase, para além de grandes ensinamentos e aprendizagens, me fizesse crescer a nível profissional, pessoal e social, queria ser capaz de ultrapassar todas as dificuldades e desenvolver as minhas capacidades e o meu trabalho enquanto professora estagiária de EF, promovendo o sucesso educativo e a inclusão dos alunos.

Sentia e continuo a sentir que nada acontece por acaso. Na verdade, se escolhi esta profissão é porque sempre senti que gosto daquilo que faço, com quem o faço e para quem o faço, mesmo não tendo a noção do mesmo, pois no momento que entrava na escola, nas minhas aulas e interagía com todos os alunos, os meus problemas e angústias a pouco e pouco iam desaparecendo.

A escola que me escolheu: O regresso à infância e o primeiro olhar sobre o futuro

Tendo em conta que já tinham saído os resultados das candidaturas para as escolas, a primeira coisa que fiz foi pesquisar sobre a instituição escolar que me ia acolher ao longo deste ano, com o intuito de tentar saber ao máximo sobre a mesma. Achei eu que iria ser difícil integrar-me, mas fui bem-recebida, todos foram muito simpáticos e atenciosos (docentes, funcionários, elementos do departamento de expressões e grupo disciplinar). Fizeram-nos sentir em casa, a mim e aos meus colegas do NE, o que foi muito bom, para começar.

Com este ambiente tornou-se mais fácil ultrapassar qualquer um dos obstáculos que fui encontrando pelo caminho durante este ano, mesmo na troca dos espaços da aula por algum motivo mais pertinente, ou na partilha de alguns conselhos sobre a profissão.

Fazer parte da escola e conhecê-la, não significa somente ter uma boa relação com os colegas de trabalho. É também participar nas reuniões de professores, de conselho de turma, acompanhar se possível o papel do DT, organizar atividades e eventos, tornar a escola mais dinâmica e apelativa para os nossos alunos e os restantes membros da comunidade escolar. É, para além disto, conhecer a outra face que as escolas também têm, os nossos alunos, o nosso foco, o nosso desafio e aprendizagem, pois ser professora é muito mais que lecionar, não nos limitarmos apenas à EF, ao nosso espaço de trabalho dado

que, em minha opinião, antes de sermos professores de educação física, somos professores.

Ser professor é gostar de crianças e da sua energia, é gostar de ensinar. É acreditar no que se faz. Acreditar que se contribui para a formação de pessoas, tornando-as melhores. Ter essa responsabilidade e ser apaixonado pelo seu trabalho, rigoroso na própria preparação para poder ser correto cientificamente e corrigir sempre qualquer erro, pois toda a gente erra. Há que ser generoso consigo próprio, ter espírito missionário. Ser professor é partilhar momentos e experiências, pois juntos somos melhores e mais fortes. É partilhar conhecimentos, conduzir e acompanhar o crescimento dos nossos alunos, respeitar o ritmo de aprendizagem de cada um e tirar proveito do melhor que cada um tem. É saber mais daquilo que ensina, é saber trabalhar todo esse conhecimento e torná-lo acessível e interessante para os seus alunos. É ser competente e original, estar em constante atualização, ser um exemplo por aquilo que se é e pelo que se faz, o que direta ou indiretamente nos proporciona um bem-estar e uma motivação para estar e para voltar.

É ser humano, pois todos nós transportamos uma mala, uma história que ninguém sabe na verdade o que dela faz parte. É conhecer e reconhecer o contexto social de cada um dos nossos alunos e as suas necessidades.

Ser professora é superar todas as dificuldades existentes e continuar apaixonada por esta profissão. É fazer um compromisso consigo mesmo e com a comunidade educativa e contribuir para a sua construção, pois nós somos um meio para que os nossos alunos se possam expressar e trabalhar com miúdos é uma história. É ser uma mais valia para eles, é contribuir para o seu futuro.

Este foi o caminho que eu pretendi seguir. Caminhar para o meu propósito de vida, ajudar estas crianças que são especiais, pelos seres que são e pelas vidas que têm, e fazê-las crescer, crescendo também, pois também me revia nestas crianças e tive uns anjos da guarda que me guiaram e ajudaram a escolher o melhor caminho, estando neste momento a terminar esta fase importante da minha vida, não permitindo que o passado me defina. Acreditava então que, apesar das minhas dificuldades, iria conseguir atingir os meus objetivos e ter as

respostas às minhas questões, bem como fazer a diferença na instituição escolar que me escolheu, cooperando e colaborando para um bom funcionamento e dinamização da mesma, ajudando estas crianças.

3. ENQUADRAMENTO DA PRÁTICA PROFISSIONAL

3.1 A Educação Física na atualidade

Para estarmos nesta profissão temos de aprender e compreender o significado de Ser Professor, antes do Ser Professor de EF, ou seja, para compreendermos a EF no agora, temos de perceber a Escola e o Contexto em que esta se enquadra. Considerando escola como reflexo da sociedade, a Educação, a Cultura e a própria Instituição Escolar têm sempre como referência a Comunidade, que assume um papel central na educação e, portanto, não se pode desagregar de forma alguma.

Segundo o Ministério da Educação e Ciência (2011), *“a Educação determina o futuro do país e deve gerar igualdade de oportunidades para as gerações futuras.”* É necessária determinação e rigor, cooperação dos pais, professores e alunos, a criação de um ambiente de trabalho favorável das várias partes, que privilegie esta exigência. A Escola constitui-se, por isso, como um dos mais importantes espaços relacionais da sociedade contemporânea.

Esta instituição pertence a todos e influencia todos aqueles que estão à sua volta, seja de forma direta ou indireta. Tendo a missão de fomentar a formação do indivíduo na sua totalidade, cabe à escola e aos docentes ajudar a que cada aluno, cada ser humano, se possa desenvolver em todas as suas dimensões, procurando formar indivíduos competentes e preparados para o futuro de amanhã, mantendo um papel importante na sociedade.

“As escolas são preciosas instituições da comunidade local ao serviço da educação escolar, são organizações com uma missão educativa específica e, por isso, entrelaçadas com outras instituições da comunidade em prol de um bem comum, em prol de uma educação de qualidade de todos os cidadãos”.

Azevedo (2010, p. 57)

Hoje em dia, a escola é um meio que deve garantir a educação a todos, deve apoiar o trabalho pedagógico e de aprendizagem, mas também assegurar a formação pessoal, intelectual, cultural, social e física de todas as crianças e

jovens da nossa sociedade. Deve atender às dificuldades de cada um, para que todos possam desfrutar de aprendizagens plenas e enriquecedoras, para que as suas potencialidades sejam exploradas ao máximo, respeitando as singularidades e especificidades de cada um, garantindo o seu desenvolvimento, uma escola inclusiva, afinal, a “Educação é um direito de todos!” (United Nations, 2017) É um direito que todos os cidadãos possuem e deve ser entendido como uma oportunidade privilegiada, onde os jovens podem aceder a uma sólida base cultural comum, capaz de combinar várias dimensões, possibilitando também a aquisição de um conjunto de recursos cognitivos, sociais e afetivos que permitem ao indivíduo interpretar diversas situações do seu dia a dia. A Educação permite ao indivíduo a criação da sua própria identidade, assim como, permite que estabeleça um conjunto de padrões de referência que o ajuda a entender e a estabelecer uma relação complexa com as circunstâncias que o rodeiam e com a sociedade de forma mais equilibrada.

“Falar de educação é falar do processo que permite transformações duradouras e significativas para o desenvolvimento e formação do ser humano. Falar de educação significa falar de intencionalidade, da organização, das condições e circunstâncias, da qualidade e quantidade das tarefas, do tempo e do espaço, da estrutura, da sistemática do processo educativo”

Matos (2014, p. 174)

A Educação não é, nem pode ser neutra, está incluída na sociedade e é na escola onde se aprende a viver, a vencer, a lutar pelo que se ambiciona, a não desistir perante as dificuldades no domínio e no conhecimento de si e do mundo que nos envolve. É nela onde existe um desenvolvimento integral e fundamental do indivíduo, que oferece o que é necessário para a sua emancipação dentro e fora do contexto escolar, pois a função desta instituição é formar pessoas, em que a escola “é a instituição mais bem qualificada para proceder à formação do cidadão desportivamente culto, desportivamente instruído, competente e entusiasta” (Siendentop, Hastie e Mars 2004 cit. por Graça, 2015, p. 16).

Quando pensamos especificamente na Disciplina de EF, importa destacar que a atividade física surge desde muito cedo na vida das crianças, estando a sua grande importância, protegida pelo Desporto e/ou na EF. Segundo Vlieghe (2013 cit. por Batista & Queirós, 2015b, p. 33), *“a educação física tem sido interpretada como uma atividade educacional preocupada unicamente com o físico”*. Ela tem enfrentado, assim, períodos turbulentos nos últimos anos, fruto de mudanças, na estrutura escolar e no currículo. Porém, não tem conseguido dar relevo ao seu estatuto por incapacidade de obter o reconhecimento da sua contribuição para a formação dos alunos, dado que é dominada por um currículo focado no ensino das habilidades desportivas, fortemente aliado do discurso da saúde e à procura de legitimação académica, com valorização do conhecimento.

“Esta tem assumido um significado marginal ou secundária para a educação. Este posicionamento decorre da crença de que a educação física apenas trata do físico, investindo tempo e energia no mero exercício de capacidades físicas, como a força, velocidade, resistência e flexibilidade”

(Renson. 2006 cit. por Batista & Queirós, 2015b, p. 33)

É essencial olhar para a EF com outro olhar e entendimento, uma vez que não é nestas condições que reside a sua verdadeira natureza e riqueza.

“A inclusão da educação física ou de qualquer outra disciplina no currículo escolar afirma a sua legitimidade pela evidencia do seu valor educativo, pelo seu poder de aumentar a capacidade de compreender e agir no mundo, pelo seu contributo esperado para o bem-estar e a realização das pessoas e a melhoria da sociedade” (Graça, 2015, p. 15).

A forma como o currículo está e tem sido organizado, não se adequa a favor da EF, caminhando para uma formação empobrecida e um ensino – aprendizagem fraco,

“com unidades demasiado pequenas, demasiado superficiais, sem sequencia, nem consistência, tendem a tornar-se, passadas as primeiras experiências, demasiado monótonas e

repetitivas, facilitam a desvinculação, a desconsideração e a marginalização” (Ennis, 2000 cit. por Graça, 2015, p. 19),

o que temos que entender o seu conteúdo, enquanto matéria de ensino e que deve ser valorizada e protegida.

“A educação física tem de se encarada como uma disciplina relevante do currículo escolar, que vai muito para além do físico, na qual o movimento e o desporto, enquanto matéria de ensino, estão inerentes, devendo ser entendida como uma disciplina curricular que toma o desporto como uma forma específica de lidar com a “corporalidade”, enquanto sistema de comportamentos culturais, marcado por normas, regras e concepções socioculturais.”

Bento (1999 cit. por Batista & Queirós, 2015b, p. 35)

Temos, então, que destacar que a EF e todas as modalidades que a compõem têm a sua importância e os seus valores, e podem ser trabalhadas e utilizadas de forma lúdica, a partir do jogo, que pode ser praticado em qualquer momento, sem qualquer fim utilitário, tendo em conta o contexto em que nos encontramos. Portanto, é uma área educativa relevante para o enriquecimento do sentido da vida e de desenvolvimento humano, em que nela tudo é possível, pois ela possui um papel fundamental na formação das crianças

“... é muito mais do que o desenvolvimento da aptidão física e espaço recreativo e divertimento; podendo deter, como defende Crum (1993 cit. por Batista & Queirós, 2015b, p. 35), três papéis principais: a aquisição de condição física, a estruturação do comportamento motor (dito de outro modo, uma corporalidade consciente) e a formação pessoal, cultural e social”.

A EF é uma disciplina que assume uma visão holística do desenvolvimento humano e que toma como matéria o desporto, donde provêm conteúdos, habilidades e capacidades que são desenvolvidas nesta disciplina.

Disciplina de carácter antropológico, é a única que remete para questões do corpo e que envolve o corpo e o movimento, na forma como atuamos e nos relacionamos, expressamos e comunicamos por meio da dança, do exercício

físico e do jogo lúdico como fontes prazer, saúde e bem-estar. Disciplina em que há uma participação ativa entre todos os alunos e entre alunos e professores e na qual são transmitidas competências e valores necessários para viver em sociedade. Disciplina que alia o desenvolvimento psicológico ao motor, que promove o contacto físico com o próximo e a aceitação do outro ser humano e de nós mesmos. A EF, assume um papel especial na formação do cidadão na dimensão do corpo e movimento que vai permitir ao indivíduo realizar uma aprendizagem pela interação do eu com o meio (experiências). *“O corpo como um todo”* exerce movimento perante e com os outros, os objetos e consigo próprio. (Conselho Nacional de Associações de Profissionais de Educação Física e Desporto, 2013)

A EF

“é uma disciplina com capacidade para quebrar a monotonia existente dentro das salas de aula, ao aliar a sua componente de prática experiencial à incidência a nível cognitivo, à solicitação de atenção e concentração. Por isso, quanto mais exercício, mais benefícios cognitivos poderemos ter a nível de melhoria de memória, de aumento das funções executivas, que contribuem também decisivamente para a melhoria geral da performance.” (Conselho Nacional de Associações de Profissionais de Educação Física e Desporto, 2013)

A EF, vem também quebrar rotinas, dada a capacidade de fomentar nos jovens hábitos de exercício físico, apreço pelo desporto, a possibilidade de inclusão numa modalidade em contexto desportivo. No que concerne aos fatores positivos ao nível psicológico e social, é importante integrar na EF valores transversais, valores que devemos trabalhar nas diferentes unidades didáticas. É na prática desportiva que desenvolvemos várias aptidões,

“como a capacidade de superação, saber reagir a uma derrota, gerir o stress, resistência à frustração, superar as adversidades, esforçar-se para obter um melhor desempenho pessoal, a lutar pelo que se ambiciona ou até mesmo fazer aquilo que não se

gosta, aprender a viver, a vencer, a não desistir perante as dificuldades no domínio e no conhecimento de si e do mundo que os envolve.” (Conselho Nacional de Associações de Profissionais de Educação Física e Desporto, 2013)

De outra forma, a importância da EF ao nível da socialização é, muitas vezes, a base e a principal razão dos alunos possuírem um papel ativo na disciplina. *“As amizades criadas são facilitadoras na aquisição de competências; a cooperação entre alunos no ultrapassar de desafios comuns inerentes no trabalho em equipa, são o elo motivacional nas aulas de EF.”* (Conselho Nacional de Associações de Profissionais de Educação Física e Desporto, 2013) De facto, é nela que existe um desenvolvimento integral e fundamental do indivíduo no domínio motor, cognitivo e socio afetivo, capacidades que tornam esta unidade didática fulcral no currículo dos alunos. Este espaço permite, ainda, integrar valores, apesar de muitas vezes serem difíceis de trabalhar nas escolas, devido à crescente complexidade e diversidade das sociedades atuais. É então importante em todas as atividades docentes, principalmente na nossa profissão, como professores de EF, lidarmos com eles de mais perto e formarmos pessoas, transmitirmos aos alunos esses mesmos valores para que possam ter ações mais corretas, coerentes e saberem viver em sociedade.

Ser uma área educativa relevante para o enriquecimento do sentido da vida dos alunos é uma das razões que fazem da EF uma disciplina capital no currículo escolar, sendo fundamental (re) transformar continuamente a sua imagem, melhorar a qualidade da mesma nas escolas e proporcionar outras vivências aos alunos, desconstruindo assim preconceitos antiquados e incorretos sobre a disciplina que ainda possam existir.

Os tempos foram mudando, bem como as mentalidades, principalmente as dos alunos, sendo que neste momento temos de alterar a forma como planeamos e lecionamos as nossas aulas, procurando ajustar às necessidades e solicitações do momento, pela caracterização da turma, dos alunos e dos recursos que a escola apresenta. A EF não é estática, ela tem a vantagem de ser um processo mutável. Neste sentido, importa ter presente várias estratégias a adotar nas

aulas. Uma vez considerarmos modelos de atuação com uma abordagem de ensino centrada no professor que se apresentam eficazes no ensino de conteúdos e na monitorização e controlo estreito das atividades, mas que têm como constrangimento não promover a autonomia no domínio cognitivo dos alunos. Considerarmos também os modelos centrados no aluno, que concedem mais espaço à descoberta e à iniciativa dos mesmos. Realça-se que os alunos têm de ser valorizados, dado que o aluno é o ator principal e o foco da nossa intervenção. É função do professor tirar o melhor partido de todos os modelos e adequar aos seus grupos-turma.

Com o propósito de promover aprendizagens mais profundas e significativas aos alunos, recorri ao Modelo de Educação Desportiva (MED), nas unidades didáticas (UD) de Basquetebol e Futebol, ao Modelo de Ensino do Jogo para a Compreensão (MEJC) na UD de Tag Rugby e na Ginástica Acrobática ao Modelo de Aprendizagem Cooperativa (MAC).

No que concerne à educação e à nossa profissão, estas têm vindo a transformarem-se e a evoluírem ao longo dos tempos, no sentido que não se prendem apenas com a transmissão do conhecimento, mas que vão muito para além disso, sendo o foco principal o aluno, as suas características, dificuldades e interesses, no sentido de o formar, transmitindo valores, formando-o para um ser crítico, consciente, autónomo e responsável, tirando o proveito das potencialidades de cada um e o desenvolvimento de todos, tornando assim o processo educativo dos alunos, num processo cultural e social, de reflexão e de partilha, onde a relação entre todos é basilar, sendo o professor o elo de ligação para a concretização da mesma a partir dos seus conhecimentos na área.

É indiscutível a importância da EF no currículo dos alunos, ela é parte integrante fundamental do currículo, trata-se da única disciplina que lida diretamente com o corpo, com as pessoas, gerando relações e interações. É o único elemento capaz de fazer vivenciar outras sensações e valores proporcionados pelo desporto. É uma disciplina que ensina o que é ser um ser humano, estando muito para além do saber fazer.

3.2 Ser professor, ser professor de Educação Física

*“Ensinar não é transferir conhecimento,
mas criar as possibilidades para a sua produção
ou a sua construção.*

*Quem ensina aprende ao ensinar
e quem aprende ensina ao aprender.”*

(Paulo Freire, 1996)

Tenho baseado a minha ação nas minhas vivências e naquilo que tenho vindo aprender ao longo do EP, nas minhas PP, na observação das aulas dos meus colegas de NE, bem com das aulas da PC, mas na verdade ainda tenho muito que aprender enquanto futura profissional de EF.

Ao longo da minha vida académica, tive professores, variadas aulas de EF que marcaram o meu percurso e outras pessoas que fazem parte da minha vida e que são e foram uma referência para mim, permitindo-me chegar onde estou e que me ajudaram a ser e me ensinaram a agir enquanto pessoa e professora.

A convivência com a PC, as aulas observadas e as reflexões realizadas no fim de cada aula e de cada semana, foram essenciais para me descobrir e conhecer-me um pouco mais no papel de professora e se realmente seria esta a minha profissão. *“A prática reflexiva constrói respostas adaptadas à complexidade e incerteza das situações” (Sá-Chaves, 2002 cit. por Azevedo et al., 2014, p. 61).*

A reflexão é uma parte muito importante no EP, é algo que faz parte de nós, que nos faz crescer e evoluir enquanto pessoas e enquanto professores, uma necessidade, uma exigência para a criação de novas estratégias, aprendizagens, de entendimentos que envolvem a dimensão de ensino-aprendizagem, *“(…) é uma forma de o professor resolver os problemas, estando associado a um posicionamento crítico” (Zeichner, 1993 cit. por Azevedo et al., 2014, p. 62).*

De acordo com Tsangaridou e O’Sullivan (1994 cit. por Azevedo et al., 2014, p. 62), *“a reflexão teve como utilidade reajustar as práticas, orientar para os objetivos e obter informação para futuras intervenções”,* sendo esta *“decisiva no processo de desenvolvimento profissional” (Silva, 2009 cit. por Azevedo et al.,*

2014, p. 62). As práticas reflexivas permitiram-me evoluir, permitiram-me fazer sempre mais, para fazer e dar sempre o melhor dentro das minhas capacidades.

“O registo das práticas, a reflexão sobre o trabalho e o exercício da avaliação são o cerne do aperfeiçoamento e da inovação, pois são estas as rotinas que fazem avançar a profissão”

(Nóvoa, 2009, p. 3).

Ao longo do mestrado foi-me incutida a importância e a necessidade de refletir sobre o fazer. Refletir permitiu-me sempre fazer o balanço do que fiz e não fiz, tendo em conta os meus erros, a fim de procurar estratégias, soluções, para conseguir que as coisas se realizassem de uma melhor maneira, mais coerente e correta; ou seja, refletir deu-me a oportunidade de corrigir os meus erros durante a minha PP e assim evitá-los.

A reflexão “(...) é a forma de garantir que o professor pondera a sua atuação. É um momento em que o professor pensa sobre, justifica, analisa, questiona, avalia, interpreta, e ajuíza a ação.”

(Pacheco e Flores, 1999 cit. por Azevedo et al., 2014, p. 64)

É o meu diário, em que aprendi e reaprendi com o intuito de mudança e de pensamento crítico, de modo a melhorar a profissão, as minhas competências para ser uma boa professora ou, pelo menos, caminhar para isso.

“A reflexão é importante no desenvolvimento profissional e do processo pedagógico do EE, permitindo evoluir a partir da deteção de erros e propostas de estratégias para a sua resolução” (Azevedo et al., 2014, p. 69).

Ela envolve também o nosso conhecimento, as aprendizagens, a nossa evolução como professores, mas também como pessoa, reflete aquilo que fui, que sou e que vou ser nesta profissão, na minha vida profissional e pessoal.

Um bom/competente professor é aquele que forma uma *“cultura profissional, que possui, conhecimento, técnicas, linguagens, valores e destreza”*, (Alonso, 1988 cit. por Queirós, 2014a), ou seja, de acordo com Nóvoa (2009) *“os professores têm de ter conhecimento, cultura profissional, tato pedagógico, devem trabalhar em equipa e ter compromisso social, ou seja, é*

necessário ter conhecimento para saber o que é preciso e que vai ser determinante para a minha ação, aprendendo com os erros para ajustar nas tomadas de decisão.”

Um bom profissional tem de ser detentor do conhecimento sobre as matérias de ensino, para saber ensinar, transmitir e saber ajustar e adequar os seus conhecimentos às circunstâncias, à turma, ao material que esta dispõe, às diferentes estratégias educativas, uma vez que todas as turmas, bem como todos os alunos são diferentes. Deve ir ao encontro das necessidades dos alunos, estimular o gosto pela prática da atividade física e por um estilo de vida mais saudável, transmitir valores que os alunos irão levar e aplicar na sua vida e, sobretudo, promover aprendizagens lúdicas e significativas.

Neste sentido, é necessário cultivarmos e atualizarmos o nosso conhecimento e a nossa cultura profissional, pois só assim conseguimos atender às individualidades de cada aluno, como também é importante o tato pedagógico (Nóvoa, 2009), em que *“o professor não cumpre o ato de educar se não dominar a capacidade de relação e de comunicação”*. Face a esta conceção, um dos meus objetivos foi criar uma boa relação professor – aluno e, por isso, desde início, procurei conhecer cada um deles, as suas individualidades e particularidades, aprender a saber ouvi-los, a comunicar e saber estabelecer relações com cada um deles, dado que estes são o nosso alvo de atuação. Estes aspetos são essenciais e foram essências para estabelecer uma boa relação de confiança e respeito com os alunos e com os colegas de profissão.

“Um Professor é aquele que sabe, sabe fazer e que sabe ser, que têm em torno da sua profissão os quatro pilares fundamentais de aprendizagem” (Delors, 2001), é aquele ser que *“compreende os sentidos da instituição escolar, que se integra numa profissão, aprende com os outros, com os alunos, com os mais experientes, pois é a partir da escola e do diálogo que se aprende a profissão”* (Nóvoa, 2009). *“Ser professor(a) é ser corajoso(a), já que as pequenas e grandes decisões diárias desta atividade, assim o exigem”* (Block, 2008 cit, por Queirós, 2014b, p. 59).

A meu ver, professor é aquele que ensina e, acima de tudo, é aquele que auxilia o aluno a construir a sua própria aprendizagem. É um pedagogo, dado que tem de ter conhecimento e saber colocar em prática. *“Ser professor hoje é viver intensamente o seu tempo com consciência e sensibilidade. Não se pode imaginar um futuro para a humanidade sem educadores.”* (Gadotti, 2007, p. 65) Ser professor é ser competente, ter conhecimentos, habilidoso; é ser uma pessoa com atitude, capaz de aprender com os erros e capaz de modificar, crescer com eles; é, ser culto e curioso, *“open mind”*, e que saiba dar resposta às diversas situações, ter capacidade de mudança, de adaptação; que seja dinâmico e proactivo; que consiga proporcionar novidades sobre alguma situação, sessão ou tema. E, além de tudo isto, é estar disponível, ser profissional, consciente do seu papel social; é ser um bom comunicador que saiba partilhar o seu conhecimento com os outros e sabe receber também. Que vá para além da escola, porque o seu propósito de vida é ajudar pessoas, é formar pessoas.

É, da responsabilidade do professor de EF trabalhar a capacidade emancipatória, promover a autonomia dos alunos, a responsabilidade, o respeito, a inclusão, que lhes permitam transferir para fora do contexto escolar as aprendizagens necessárias para saber lidar, com eles próprios e com o mundo, preparando-os para uma participação ativa na vida social e cultural. Ser professor não é apenas lecionar, é ser uma mais valia, é contribuir para o futuro dos alunos, é saber reagir em cada momento, é fazê-los crescer, é crescer com o mundo. E foi este o caminho que pretendi seguir: caminhar para o meu propósito de vida, ajudar estas crianças e fazê-las crescer, crescendo também.

3.3 Enquadramento Legal e institucional do Estágio Profissional

“O estágio profissional está estruturado na confluência de requisitos legais, institucionais e funcionais. A articulação destes requisitos influencia o modo como são estabelecidas as condições, indiretas ou imediatas, nas quais as experiências em contexto real de ensino são vivenciadas pelos estudantes estagiários.” Batista e Queirós (2015a, p. 37).

O EP regula-se pelas Normas Orientadoras¹ e pelo Regulamento da Unidade Curricular. Relativamente às orientações legais, o EP é regulado pelo Decreto-lei nº 43/2007 de 22 de fevereiro e o Decreto-Lei n.º 79/2014 de 14 de maio. Ambos os decretos se referem à aprovação da habilitação profissional para a docência na educação. No que concerne à vertente institucional, o EP faz parte integrante do 2º ciclo de Estudos conducente ao grau de Mestre em Ensino de EF nos Ensinos Básico e Secundário lecionado pela FADEUP. O primeiro ano deste ciclo de estudos é de natureza formativa, sendo constituído por várias UD(s) quer de carácter teórico como prático. Este primeiro ano tem como objetivo preparar os EE para a prática de ensino supervisionada (PES), que irá decorrer no segundo ano do curso (3º e 4º semestre).

A FADEUP estabelece protocolos com várias escolas no sentido de operacionalizar a PES. Esta inclui a participação de um professor da FADEUP, PO *“que coordena a sua ação de supervisão com o PC e orienta a elaboração do relatório final dos respetivos estagiários”*, um professor da escola cooperante, PC *“que assume um papel decisivo no acompanhamento dos EE”*, e um grupo de três ou quatro estudantes estagiários (EE), que formam o núcleo de estágio (NE). Os professores trabalham em conjunto com o objetivo de desenvolver as competências profissionais dos EE, enquanto promovem nos mesmos um pensamento crítico e reflexivo. Durante a PES o EE é responsável por uma turma do ensino básico ou secundário do PC. Para além disso, visto que o EE se concluir com sucesso o Estágio Profissional obtém o grau de Mestre nos Ensinos Básicos e Secundário, também tem de vivenciar um ciclo de ensino diferente ao da TR e, por isso, tem de partilhar uma turma com os seus colegas de estágio, TP. No entanto, todas as etapas deste processo são supervisionadas pelo PC e pelo PO. O EP não abrange apenas a PES, mas também o RE. Assim, este é orientado pelo PO e tem de ser defendido perante um júri.

De acordo com as Normas Orientadoras, o EP visa a *“formação do professor profissional, promotor de um ensino de qualidade. Um professor reflexivo que analisa, reflete e sabe justificar o que faz em consonância com os critérios do*

¹ Normas orientadoras do estágio profissional do ciclo de estudos conducente ao grau de mestre em ensino de educação física nos ensinos básicos e secundário da FADEUP

profissionalismo docente e o conjunto de funções docentes entre as quais sobressaem funções letivas, de organização e gestão, investigativas e de cooperação.” (p. 3).

De forma a alcançar o modelo de professor enunciado anteriormente, segundo as Normas Orientadoras, o EE tem de dominar três áreas de desempenho:

- Área 1 – Organização e Gestão do Ensino e da Aprendizagem;
- Área 2 – Participação na Escola e Relações com a Comunidade;
- Área 3 – Desenvolvimento Profissional.

A área 1 diz respeito *“à conceção, ao planeamento, à realização e à avaliação do ensino”* (p.3). A área 2 inclui *“todas as atividades não letivas realizadas pelo EE, tendo em vista a sua integração na comunidade escolar e que, simultaneamente, contribuam para um conhecimento do meio regional e local tendo em vista um melhor conhecimento das condições locais da relação educativa e a exploração da ligação entre a escola e o meio”* (p.6). Por fim, a área 3, engloba *“atividades e vivências importantes na construção da competência profissional, numa perspetiva do seu desenvolvimento ao longo da vida profissional, promovendo o sentido de pertença e identidade profissionais, a colaboração e a abertura à inovação”* (p. 7).

Contudo, a forma como é organizado o EP, permite que o EE, vivencie e partilhe experiências e adquira competências essenciais para o seu futuro, através de uma prática reflexiva. Ainda que não se baseie unicamente nas partes (mas sim no todo) e em ações para que o seu trabalho seja o mais adequado para os alunos e suas características, identificando vários aspetos e valores no ensino da mesma. Assim melhora a sua PP, fazendo com que *“não seja apenas um mero executor de currículos previamente definidos, mas sim um decisor, um gestor em situação real e um intérprete crítico de orientações globais”* (Alarcão, 2011 cit. por Batista & Queirós, 2015a, p. 39).

Durante a sua experiência, o EE tem a oportunidade de encontrar, definir e construir a sua própria identidade como futuro Professor de EF, sendo que

“esta construção identitária resultará da confluência de uma construção individual e simultaneamente social do conhecimento advinda de experiências próprias, mas também

das experiências proporcionadas pelos “expertise”, isto é, pelos detentores dos “saberes da prática” (Queirós, 2014a, p. 94),

passando a ter um pensamento autónomo e um conjunto de ferramentas essenciais, que servirá como uma rampa de lançamento no exercício da vida profissional de forma progressiva e orientada, assumindo a responsabilidade da aprendizagem e da partilha, fazendo parte de uma comunidade educativa, onde inicialmente começamos como estudantes e, no fim, terminamos como professores.

3.4 A Escola

Entende-se por “escola a instituição, que dedica ao processo de ensino e aprendizagem entre aluno e docentes, uma das instituições mais importantes na vida de uma pessoa, talvez também como uma das primordiais da família, já que na atualidade se estabelece que uma criança faça parte da escola desde a sua infância para finalizar aproximadamente na idade adulta.” (Conceitos, 2017)

A escola é um espaço de diversidade cultural, com uma identidade própria, com um conjunto de aspetos que a caracterizam, que permite que esta se distinga dos outros tipos de instituições escolares.

Espera-se que os alunos permaneçam na escola até ao fim da escolaridade obrigatória. No entanto, continua a registar-se taxas de abandono escolar, e sabe-se que muitos dos alunos não atribuem significado nem ao currículo que lhes é oferecido, nem à própria escola. Vejo muitas destas situações na minha escola, uma escola de bairro, em que muitos dos nossos alunos têm vidas difíceis. Muitos deles frequentam a escola, porque os pais assim os obrigam; outros, porque não podem ficar sozinhos em casa e os pais usam a escola como um local para deixar os filhos enquanto trabalham; e uma pequena parte dos alunos frequenta a escola como um recurso, em busca de um futuro estável e positivo para as suas vidas.

A escola é um direito de todos, é o local onde todos têm o direito de aprender, através de um currículo que projeta levar cada aluno explorar o limite das suas

capacidades. A escola é para os alunos e cada aluno é importante. Cabe-nos sermos mais humanos e criar compromisso, visando a construção de uma escola inclusiva e melhor, na qual todos os alunos possam ter a oportunidade de realizar aprendizagens significativas e na qual sejam respeitados e valorizados, uma escola que quer desenvolver ao máximo o potencial de cada aluno.

Segundo Nóvoa (2009) *“é na escola e no diálogo com os outros professores que se aprende a profissão”*, uma vez que a escola tem um papel fundamental na formação dos estagiários, conhecer e analisar a escola cooperante é fulcral, para a compreender e conhecê-la tal como é, na sua realidade e na sua essência. É essencial que o EE tenha contacto em contexto real com a profissão, *“fazendo parte de uma comunidade escolar e conhecer todos os elementos que nela faz parte, em que a troca de experiências e a partilha de saberes fortaleceram espaços de formação (...)”* (Nóvoa, 1992).

Pretendo então refletir sobre alguns elementos essenciais que influenciaram o meu EP e que, de alguma maneira, foram importantes no desenrolar de todo o processo, como a própria instituição escolar; os professores orientadores; o NE; as minhas turmas: residente (8ºano), partilhada (6ºano) e do 1º Ciclo (4ºano), uma vez que os alunos assumem o papel principal da minha ação.

3.4.1 Caracterização do Agrupamento de Escolas Pêro Vaz de Caminha



Fig.2 - EB 2/3 Pêro Vaz de Caminha

A escola onde estou a realizar o meu EP foi a minha quarta opção.

Quando fiz a primeira visita, as instalações da escola não fugiram muito ao que eu já tinha em mente, pois quando soube que tinha entrado nela fui logo pesquisar sobre a mesma.

“Quando entrei, fui bem recebida, todos foram muito simpáticos e atenciosos, tanto da parte dos docentes, dos funcionários e dos elementos do departamento de expressões e grupo disciplinar. (...). Tudo começou com a divisão de grupos e na realização de um peddy paper, por forma a conhecermos os elementos que constituem a escola. Adorei, foi diferente e divertido. (...) Fez-nos sentir em casa, o que foi muito bom para começar.” (DB, 3 setembro, 2019)



Fig. 3 - EB 2/3 Pêro Vaz de Caminha

Para percebermos a escola na sua essência temos de fazer uma visita pelo passado. Assim sendo, no que concerne à sua história, importa destacar que a EB 2/3 Pêro Vaz de Caminha foi fundada em 1970 e, nessa altura, era a única escola preparatória do Porto sem instalações próprias, mas em 1987, esta muda-se

para as instalações onde se encontra atualmente. Esta escola que me acolheu ao longo desta etapa, situa-se na cidade do Porto, na rua da Telheira, na freguesia de Paranhos, numa zona rodeada de vários bairros sociais, habitada em grande parte por uma população com carências a nível económico, social e cultural.

A escola cooperante faz parte de um agrupamento com o mesmo nome e é a sede do agrupamento, composto por quatro instituições escolares: três escolas Básicas do 1ºCiclo e Pré-Escolar, a EB1/JI São Tomé, a EB1/JI Agra e a EB1/JI Miosóti e uma Escola Básica do 2º e 3ºCiclos, com um total de 888 alunos, neste presente ano.



Fig. 4 - EB1/JI São Tomé



Fig. 5 - EB1/JI Miosóti



Fig. 6 - EB1/JI Agra

De acordo com aquela que é a organização da escola, esta é gerida através dos órgãos de gestão: Conselho Geral, Direção, o Conselho Administrativo e o Conselho Pedagógico, sendo o Conselho Geral o órgão com maior poder, liderado pela presidente NQ. Para além dos órgãos de gestão, existem os vários departamentos curriculares, pertencendo a EF ao Departamento das Expressões, juntamente com Educação Visual, Educação Tecnológica, Educação Musical e também a Educação Especial. Esta instituição dispõe de uma variedade de recursos, estruturas, projetos e estratégias de apoio

educativo, como o serviço de Psicologia, Educação Especial, apoio a diferentes disciplinas, Projeto Fénix, apoios na preparação dos exames nacionais, Plano de Atividades de Recuperação/Integração (ARI), Projeto Fundação Benfica, aulas de Natação na FADEUP, Desporto Escolar, contemplando o Basquetebol e a Dança e Atividades do Plano de Melhoria TEIP. Está organizada em torno de três eixos de intervenção: Cultura de Escola e Lideranças Pedagógicas; Gestão Curricular numa lógica de autonomia e flexibilidade e Parcerias e Comunidade.

“Na minha opinião acho importante que a escola esteja envolvida em vários projetos, não somente para a própria escola, mas também com o intuito de integrar os alunos nesses projetos, com o objetivo de melhorar a escola, para uma escola mais dinâmica e flexível.” (DB, 6 setembro 2019)

A Escola Pêro Vaz de Caminha, acolhe alunos de todas as freguesias da cidade e, por isso, é constituída por uma população heterogénea, refletindo uma diversidade populacional. Segundo Torres (2008, p. 61),

“a escola atua enquanto agência de mediação de diferentes racionalidades culturais e, por isso, esta equipara-se metaforicamente a um “entrepasto cultural”, ou seja, a um posto dinâmico entre culturas que se confrontam constantemente no espaço-tempo escolar”.

O contexto social desfavorecido que a rodeia é uma das razões pelas quais esta escola se insere no Programa TEIP. As dificuldades económicas dos Encarregados de Educação, as taxas de desemprego ou emprego em trabalhos precários registadas nos agregados familiares dos alunos que frequentam a escola faz com que muitos alunos beneficiem da Ação Social Escolar. Apesar da comunidade escolar ser composta por diferentes pessoas, com diferentes personalidades, necessidades e regras, todas têm interesses comuns no que diz respeito ao processo educativo. Estes contextos desfavorecidos fazem com que muitos dos alunos vivam em dificuldades no seio de famílias carenciadas, desestruturadas e/ou com carências económicas cuja educação familiar remete para um clima de pobreza e exclusão social, onde a violência, a desinformação ou o abandono mais se manifestam. O facto de os alunos não possuírem o devido apoio familiar ou não estarem envolvidos num ambiente familiar propício, faz com que alguns deles tenham determinados comportamento e sejam

indisciplinados. Condicionada por este envolvimento social desfavorável, a realidade escolar é problemática, o insucesso escolar é elevado, existindo várias faltas disciplinares e suspensões durante o ano letivo.

A escola cooperante está, então, inserida na rede de escolas do Programa TEIP (Território Escolar de Intervenção Prioritária), que entrou em vigor no ano de 1996, criado pelo Ministério de Educação, tendo em conta os problemas apresentados pela comunidade escolar e o perfil do aluno. O programa TEIP pretende promover o sucesso educativo de todos os alunos a partir da transmissão de valores e de educação, tentando combater a indisciplina, o abandono escolar precoce, o insucesso escolar e os problemas sociais.

“Projeto Educativo é um instrumento com projeção do futuro, pensado e elaborado coletivamente pela comunidade educativa a partir da análise da própria realidade, que atua de modo coerente sobre a prática docente com a intenção de a melhorar, dotando as instituições escolares de eficácia necessária para alcançar os objetivos pretendidos.”

Rey e Santamaría, (1992 cit. por Agrupamento Pêro Vaz de Caminha)

E tal como todas as escolas, este agrupamento também possui o seu ADN, estando presente no seu Projeto Educativo²: *“Caminhar para o Sucesso”*. O Projeto Educativo da Escola (PEE), debruça-se numa consciencialização constante por parte dos alunos relativamente à importância da escola no meio. O Agrupamento Pêro Vaz de Caminha é um agrupamento de referência para a multideficiência, coordenada pela EMAEI (Equipa Multidisciplinar de Apoio à Educação Inclusiva), tendo duas unidades de apoio, sempre presentes nas escolas de S. Tomé e Pêro Vaz de Caminha. Estas unidades são apoiadas por uma Terapeuta Ocupacional, uma Terapeuta da Fala e uma Fisioterapeuta disponibilizadas pelo CRI (Centro de Recursos para a Inclusão).

Relativamente às instalações, a escola é constituída por quatro blocos, um campo de jogos exterior, áreas jardinadas e um pavilhão gimnodesportivo, composto por um ginásio e um polivalente, construído em 2002. No Bloco A,

² Agrupamento de Escolas Pêro Vaz de Caminha. (2017). Projeto educativo TEIP – *Caminhar para o Sucesso* Porto: Agrupamento de Escolas Pêro Vaz de Caminha.

além das salas de aulas, tem também a biblioteca, a sala dos professores, a sala da direção e o PBX, o Bloco B tem como principal função as refeições e venda de material escolar aos alunos, sendo este composto pelo bar, cantina e papelaria, o Bloco C e D servem essencialmente para as aulas teóricas.

“(...) a minha primeira impressão sobre a escola foi muito positiva, tanto a nível das condições de trabalho, a nível das instalações, de todos os elementos da escola, dos colegas de núcleo de estágio, como também da professora cooperante. Saí neste dia, com vontade de voltar, pois a energia que esta escola me transmitiu, foi muito boa.” (DB, 3 setembro, 2019)

Recursos para lecionar Educação Física

No âmbito da EF, esta possui um regulamento próprio, que refere as normas de conduta que os alunos e os docentes devem cumprir em contexto de aula de EF, assim como dentro dos espaços desportivos. No que concerne às condições para as aulas de EF, de uma forma geral, a escola apresenta materiais em excelentes condições de utilização. Para além da boa qualidade, há uma grande variedade de materiais, abrangendo várias modalidades e atividades, potenciadoras de um ensino mais completo.

A utilização dos espaços funcionava de forma simples, uma vez que cada espaço era ocupado apenas por uma turma, decisão deliberada pelo GEF. A rotação pelo pavilhão e pelo ginásio era feita por semanas: numa semana uma turma tinha uma aula de 100 minutos no pavilhão e de 50 minutos no ginásio, na semana seguinte invertia, 100 minutos no ginásio e 50 minutos no pavilhão e assim sucessivamente.

Decorrendo apenas duas aulas de EF ao mesmo tempo e dispondo de três espaço de aula, um campo polivalente, um ginásio e ainda um campo exterior, cada turma tem sempre pelo menos um espaço livre só para si. No entanto, devido às condições do espaço, no ginásio só poderão ser lecionadas modalidades como Badminton; Ginástica (solo, aparelhos e acrobática); Dança; Desportos de Combate e Treino Funcional. Os campos exteriores na altura de inverno, em dias de condições meteorológicas adversas, não apresentam algumas condições mínimas de segurança para uma aula de EF, dado que poderiam pôr em causa a integridade física dos alunos e até mesmo a do

professor. Para além dos espaços de aula, o pavilhão desportivo inclui também dois balneários, uma sala de professores e uma sala para arrumo do material.



Fig. 7 – Pavilhão



Fig. 8 – Ginásio



“(…) ao visitar o gimnodesportivo, local onde eu e o meu núcleo de estágio iremos lecionar, fiquei bastante admirada com a qualidade e amplitude do espaço, como da quantidade de material que estes possuem. Um dos pontos positivos na organização dos espaços das aulas, é pelo facto de lecionarmos no mesmo local, apenas com as nossas turmas, com a possibilidade do pavilhão e do ginásio ou no exterior.” (DB, 3 setembro 2020)

Para espaços de recreio dos alunos, a escola dispõe também de um átrio exterior coberto e, quando não ocupado com aulas, o espaço desportivo exterior com balizas e tabelas para a prática das modalidades desportivas coletivas, e com caixa de areia e dois corredores para a prática de atletismo. Portanto, tendo em conta os fatores referidos anteriormente, a escola reúne e proporciona todas as condições satisfatórias e necessárias para a execução de um trabalho coerente, eficaz e positivo, um ensino de qualidade, quer na EF quer ao nível das outras disciplinas.

O Grupo de Educação Física

“O Grupo de Educação Física possui um papel decisivo na escola, envolvendo os docentes na organização de atividades e nas tomadas de decisão” (Correia, 2007). O GEF da Escola Pêro Vaz de Caminha era constituído por oito

professores, incluindo a PC, os meus dois colegas do NE e eu. Em nenhum momento senti receio, pois, fui muito bem acolhida e sempre encarada e respeitada como uma professora igual aos outros. As reuniões que decorreram ao longo do ano foram produtivas, no que toca à organização de eventos na escola em que facilmente se distribuíam tarefas e responsabilidades e, desse modo, os resultados do dinamismo do GEF foram evidentes na escola, pelas atividades organizadas: Corta Mato Escolar/Regional; Jogo professores/aluno; Torneio de Badminton; Mega Salto/Sprinter Escolar/Regional.

“(...) optei por adotar uma abordagem inicial de ouvinte, com o objetivo de conhecer e perceber o funcionamento destas reuniões e os temas que nelas são abordadas. Apesar de já perceber que esta escola funciona muito bem e é organizada, pude ainda verificar que os professores do GEF são dedicados e têm as coisas sempre planeadas. Estão sempre com ideias novas e com muitas coisas para organizar com o objetivo de dinamizar a escola.” (DB, 6 setembro 2019)

O departamento de expressões é também fundamental para a escola, pois permite o trabalho colaborativo do GEF com professores das outras disciplinas. Assim,

“o departamento curricular revela-se uma estrutura de decisão fundamental da dinâmica e do desenvolvimento do processo de conceção e implementação do projeto educativo da escola.”
(Correia, 2007, p. 45)

As reuniões quer do departamento, quer do GEF foram importantes, no sentido em que foi possível aconselhar-me, ouvir histórias e aprender com os docentes que já têm muitos anos de serviço e de experiência na escola e, melhor que ninguém, conhecem as suas dinâmicas. E para além disso, apreendi o sentido de pertença a um grupo, conseguindo ao longo das reuniões partilhar e dar as minhas próprias sugestões. A seu favor, o GEF dispunha de um gabinete próprio, amplo, sossegado, distante do resto, o que nos permitia reunir e trabalhar em conjunto, quando quiséssemos, de forma tranquila.

3.4.2 A Escola como instituição e o papel da Escola na Comunidade

Educação não transforma o mundo.

Educação muda as pessoas.

Pessoas transformam o mundo.

“A escola é parte integrante da vida da criança e o seu dever é descobrir talentos e competências, detetar fragilidades, tentar dar informação, conhecimentos e, sobretudo, transmitir sabedoria, mas respeitando que uns podem ser melhores do que os outros.” (Cordeiro, 2020)

É uma instituição que se dedica ao processo de ensino e aprendizagem e o seu objetivo é continuar a criar condições potenciadoras do progresso escolar dos alunos, a par de um maior envolvimento da família e da comunidade. A sua missão centra-se em facultar aos alunos os meios para construir conhecimentos, adquirir competência e interiorizar atitudes e valores universais bem como a formar cidadãos conscientes, responsáveis, autónomos e empreendedores.

Fazendo a ligação com a teoria, com alguns assuntos abordados no primeiro ano de mestrado e relacionando-os com a missão que a escola se propõe desenvolver, o que tencionava fazer era tornar-me o mais competente possível enquanto profissional, e humana enquanto pessoa. Procurar transmitir a informação de forma clara e objetiva para que os alunos a compreendam; cativar os alunos a adquirir o gosto pela atividade física e contribuir para o desenvolvimento integral dos mesmos; ajudá-los a aprender, a atribuir significado ao que lhes é proposto, a adquirir conhecimentos, a atingir todo o potencial que possuem; trabalhar para o desenvolvimento pleno do ser humano. Para tal ser possível, foi necessário adaptar os conhecimentos em função das necessidades dos alunos e do contexto no qual estão inseridos e manter uma reflexão constante sobre todo o processo para conseguir atingir os objetivos terminais e formar cidadãos ativos e participativos na comunidade.

Ter esta escolha como fio orientador significa entender que a EF na escola é responsável pela formação de alunos que sejam capazes de participar em atividades corporais, adotando atitudes de respeito mútuo, cooperação e solidariedade; conhecer, valorizar, respeitar e usufruir da heterogeneidade de manifestações da cultura corporal; reconhecer-se como indivíduos integrantes do ambiente, adotando hábitos saudáveis relacionando-os com os efeitos sobre

a própria saúde e de melhoria da saúde coletiva e conhecer a diversidade de padrões de saúde, cultura e desempenho que existem nos diferentes grupos sociais. Neste sentido, a escola assume um papel ativo, como principal veículo promotor do desenvolvimento pessoal e social, uma vez que é na escola que os alunos aprendem a viver em sociedade e aprendem a gerir todos os seus princípios e valores, transmitidos pelos pais e que são potenciados na escola. Concluindo, este agrupamento pretende construir uma escola de todos e para todos, capaz de promover aprendizagens de qualidade, promovendo o sucesso educativo e a preparar jovens e adultos para o futuro, rumo ao sucesso.

3.4.3 Professor Cooperante e Professor Orientador: Guias e conselheiro desta caminhada

Estes professores desempenharam um papel importante nesta etapa, ao terem acompanhado de perto todo o meu percurso, apesar de eu os procurar pouco. Mantive as boas expectativas no que diz respeito às funções de cada um deles para comigo e sempre acreditei que iriam, de alguma maneira, marcar todo este percurso de formação e visão enquanto futura docente.

De acordo com Nóvoa (2009, p. 3), *“o tato pedagógico é a capacidade de relação e de comunicação sem a qual não se cumpre o ato de educar”*, ao mesmo tempo é a *“capacidade de inculcar respeito e conquistar os alunos, sabendo conduzir alguém para a outra margem”* em que os professores mais experientes têm consciência da necessidade do tato pedagógico e que esperava eu conseguir ter esta capacidade através da convivência com a PC e com o PO.

No começo do EP, a PC apresentou-me a escola, o material de EF existente, entre outras coisas. Nos primeiros encontros com a PC, percebi desde logo que se tratava de uma pessoa experiente, carismática, rigorosa, entusiasta e com um gosto por aquilo que faz e para quem o faz. Concordo com o pensamento de Reina (2015, p. 88) quando nos diz que *“para ser professor cooperante é necessário gostar de ser professor, gostar da escola, gostar do que se ensina, ser entusiasta, aceitar a inovação, aceitar desafios e confrontos, ter paixão pelo exercício físico e ser capaz de passar esse gosto aos nossos alunos e estagiários”*. Na minha experiência de estágio, acabei por ter esta perceção e

vivenciar tudo isto, pois a PC é uma pessoa que tem prazer em partilhar os seus conhecimentos e, acima de tudo, é uma pessoa humilde, pois assume que, para ela é sempre bom estar nesta experiência de PC, pois todos os anos aprende sempre mais connosco (estagiários).

A intenção da PC era que nos ambientássemos à escola, de forma a nos enquadrarmos nas tarefas a realizar e planearmos a nossa ação. Desde cedo se mostrou interessada em nos conhecer, em criar uma relação próxima e em perceber se nos estávamos a integrar, tornando-se numa conselheira e, sobretudo, numa grande amiga. Na minha opinião, ao longo do ano, fez sempre tudo para me proporcionar as melhores experiências. É sem dúvida uma pessoa preocupada, que sempre quis o meu bem.

Segundo Keay (2007 cit. por Batista & Queirós, 2015a, p. 33) “(...) é nos contextos de ensino reais, em contacto diário com professores experientes, que os futuros professores aprendem na generalidade dos elementos que perfazem a atividade do professor.” A PC foi, de facto, uma pessoa que sempre me integrou na comunidade escolar desde o início. Proporcionou-me a possibilidade de vivenciar toda a profissão e perceber em grande parte as inúmeras tarefas que o professor desempenha na escola, dando-me a possibilidade de acompanhar as tarefas da direção de turma, que direta ou indiretamente o fiz, com o intuito de investir para além da EF, alargando as minhas preocupações e agindo para a inserção e integração dos alunos na escola. Para além do trabalho burocrático e pedagógico, também nos responsabilizou pela dinamização de variadas atividades, ao longo do EP.

“A Escola e a Professora Cooperante têm me proporcionado coisas e momentos que não contava receber ou que talvez não sabia que existia do lado docente. Tenho conhecido muitas pessoas, alunos, histórias, recolhido momentos e conhecido sítios que nunca fui, tenho me sentido parte desta comunidade escolar de uma forma especial, tal como ela é, especial, com alunos especiais.” (DB, 14 a 17 janeiro 2020)

A PC, além das cinco turmas que lhe foram atribuídas, acumulava ainda cargos, como coordenadora de diretores de turma, DT, e ainda encontrava tempo para nos ajudar. Sem dúvida que um dos aspetos que mais distingue a PC dos outros professores na escola cooperante é a capacidade de trabalho; pois mesmo acumulando muitos cargos, manteve uma enorme competência. Esteve sempre

presente em todos os momentos, desde aulas, atividades, reuniões de conselho de turma e de NE, visitas de estudo, entre outros. Ao longo do ano, a PC teve uma forte presença na minha vida, e o facto de estarmos todos os dias juntas e estar sempre a incentivar-me no meu trabalho e a conviver, proporcionou-me a integração e a relação plena com a escola.

“O ano de estágio é um ano que vai marcar para sempre os futuros professores de educação física. Se a experiência for positiva, isso vai influenciar a sua atitude perante o ensino da educação física e também da profissão de professor (para sempre).” Reina (2015, p. 87)

Fazendo das suas palavras as minhas, a PC foi uma pessoa que esteve sempre disponível e pronta para me orientar ao longo de todo o percurso, é um ser contagiante, que gosta daquilo que faz, que faz as coisas com o coração e muito correta, sendo que me transmite essa energia e que faz com que eu seja a pessoa que sou neste momento. Está sempre integrada em tudo e pronta para proporcionar várias experiências aos seus alunos, querendo fazer sempre mais e melhor.

“O orientador terá assim como primeira meta facilitar o desenvolvimento do professor estagiário, ajudando-o a ensinar e a tornar-se um bom profissional e, sendo ele ao mesmo tempo aluno e professor, significa que das suas aprendizagens e do seu desenvolvimento vão resultar reflexos na sua forma de ensinar o que, por sua vez vai influenciar as aprendizagens dos alunos que tem à sua responsabilidade.” Alarcão e Tavares (1987 cit. por Rodrigues, 2015, p. 100).

“A professora cooperante tem sido um grande apoio, tem sido uma influência significativa nas minhas aprendizagens e tenho aprendido muito com ela, no que concerne à prática de ensino e em tudo nela (Escola) consiste. Sabendo das minhas dificuldades tem me orientado para o caminho certo, por forma a ser mais competente nas minhas aulas, a direccionar-me para onde devo ir, as dificuldades da turma que ainda não consigo ver e como trabalhá-las, partilhando comigo as estratégias que posso usar.” (DB, 14 a 17 janeiro 2020)

“Ser professor cooperante, é uma responsabilidade e um desafio e requer ter-se perfil. O professor cooperante tem muita

responsabilidade na imagem que dá da educação física aos futuros professores” (Reina, 2015, p. 87).

Dentro daquilo que é o EP e foi, a PC sempre transmitiu a importância do trabalho em grupo, da partilha e da comunidade, o que permitiu ao longo deste percurso a oportunidade de assistir e partilhar práticas, fazendo com que tivesse vivenciado várias experiências. Apoiou-me sempre, mesmo quando errava e, muitas das vezes, fazia questão de avisar quando determinadas ideias não funcionavam nas aulas. Senti uma enorme liberdade para aplicar as ideias em que acredito e a PC completou-as sempre com críticas construtivas e aspetos a melhorar. Esta liberdade para experimentar e a segurança transmitida pela PC foram, sem dúvida, muito importantes no meu processo formativo. Sem dúvida alguma, a PC foi uma das pessoas que me marcou neste ano de estágio, ensinando-me a ser professora.

“O contacto e o apoio por parte da professora Helena tem sido muito importante e fundamental nesta época completamente atípica, pois encontro-me em quarentena sozinha em casa, não sendo muito fácil, mas vou trabalhando e tentando colocar alguma normalidade, tirando o melhor que consigo a cada dia. Este ser incansável, tem sido muito importante neste meu processo e muito presente. Se já o era, agora é ainda mais. Acho que esta fase faz com que estejamos ainda mais em contacto, ajudamo-nos uma a outra com as nossas turmas e outros assuntos, assim como partilhamos ideias e informações sobre o ensino à distância. E só tenho que agradecer por isso e por me fazer querer mais, fazer mais e crescer neste ano de aprendizagem.” (DB, 13 a 17 de abril 2020)

“O orientador deve constituir-se como o catalisador da questionação, do pensamento e da reflexão, utilizando os seus conhecimentos e experiências como ferramentas que põe à disposição dos estagiários para que as utilizem no “desbravar” das dúvidas e problemas que apresentam” (Rodrigues, 2015, p. 99).

Neste sentido, a PC e PO sempre me incentivaram a refletir, a partilhar experiências e conhecimentos, a encontrar soluções para problemas relacionados com as práticas e a recorrer a eles mesmo sempre que necessário. Desta forma, a reflexão possibilitou que eu aprendesse com os meus colegas e com os orientadores e ampliasse a minha bagagem de experiências. Para mim, as reflexões foram de alguma maneira importantes. Isto foi algo que me marcou

ao longo do ano e a que não estava habituada, mas aos poucos foi fazendo parte de mim, do meu trabalho e sinto que evolui um pouco neste aspeto, nos diversos domínios, refletindo-se mesmo no meu DB.

No que concerne ao PO, sendo que o professor Amândio Graça fora meu professor no ano anterior, já sabia como trabalhava e até onde poderia contar com ele. Considero-o uma pessoa muito acessível, simpática, preocupada e bastante prestável. É uma pessoa muito experiente, com uma enorme bagagem de conhecimento e que sempre tentou enriquecer a minha prática, o meu pensamento e a forma de ver as coisas, procurando despertar o interesse por cada uma das modalidades e pelo jogo em si e o que nele envolve, nomeadamente os valores, por forma a tornar mais simples o ensino-aprendizagem.

De acordo com Graça e Januário (1998 cit. por Rodrigues, 2015, p. 97) aprender a ensinar,

“passa por apresentar novas conceções, por criar situações que promovam conflitos de conhecimento, a insatisfação, a dúvida, a insegurança e por orientar no sentido de buscarem respostas e soluções para os problemas analisados”.

Umas das coisas que o PO me transmitiu numa das aulas observadas foi que a aula tinha de ser deles, com desafios, lúdica, de forma a proporcionar prazer e suscitar o gosto de realizarem a atividade. Ao mesmo tempo fazendo-os encontrar significado na mesma e dando apenas ferramentas necessárias aos alunos para que se ajudassem uns aos outros nas suas facilidades e dificuldades, preocupando-me em levá-los a trabalhar em equipa, procurando dentro do grupo os aspetos importantes de cada um e em equipa, resolvendo os problemas, cooperando, comunicando, fomentando o trabalho coletivo.

E foi assim que eu fui conseguindo melhorar a minha PP, com a ajuda dos orientadores, dos modelos de ensino, das observações das aulas, dos erros cometidos e das reflexões para a concretização de uma nova prática.

“Depois da aula lecionada recebi o feedback do professor orientador, sendo que tenho de me preocupar mais na intervenção com o aluno e focar no trabalho em equipa, deixando de me focar na parte da organização e gestão da aula. Por outro lado, tenho de dar a aula por forma a que os alunos saiam da mesma a sentir que a aula foi deles, dando um significado à mesma.

Na minha opinião, achei importante a presença do professor na aula, sinto que pouco e pouco vou caminhando no sentido certo, mas há ainda aspetos a melhorar e tenho de aproveitar os alunos, principalmente os capitães, para os responsabilizar nas suas tarefas e funções para que haja sucesso nas equipas e na própria turma.” (DB, 30 outubro 2019)

O PO, mostrou-se sempre disponível para me ajudar, estando sempre pronto para reunir o NE e mesmo individualmente e esclarecer as dúvidas, existindo a preocupação de entender o que eu estava a realizar na escola, qual o caminho que estava a ter, assim como as estratégias que estava a adotar na minha turma/aula e se estas estavam a ser as mais corretas para alcançar os objetivos que pretendia. A partir daí, partilhava ideias e propostas que não me passavam pela cabeça e que poderia, de facto, utilizar nas minhas aulas.

Sem dúvida alguma que foram estas duas pessoas que com a sua grande bagagem de conhecimentos, um mais a nível prático e outra mais a nível teórico, me providenciaram um pouco desse conhecimento para poder aprender e crescer nesta profissão. Acredito que, com estes professores, beneficiei muito neste meu novo percurso que foi o EP.

3.4.4 O Núcleo de Estágio: Aprender para crescer

Segundo Batista e Queirós (2015a),

“para que o processo de ensino-aprendizagem ocorra da melhor forma deve haver todo um trabalho em equipa, partilha de opiniões, informações e críticas construtivas ao longo do ano”.

No início do ano letivo, senti-me bastante nervosa e com muito medo desta nova fase, mas ao mesmo tempo curiosa; curiosa em saber se seria capaz de fazer algo, se seria capaz de passar esta prova. Sabia que tinha pela frente um ano de muitas aprendizagens, momentos para pôr em prática alguns dos conhecimentos adquiridos, mas ao mesmo tempo iria desenvolver as minhas competências, enquanto professora de EF. O começo do estágio foi um pouco trabalhoso, envolvia muitas tarefas devido aos documentos que tínhamos de realizar, sobre tudo no que concerne à planificação. Senti de facto que foi pouco tempo para preparar tudo antes de iniciarmos as aulas, mas com a ajuda dos meus colegas de NE e da PC, isso acabou por se tornar um pouco menos atribulado do que contava, tornando-se mais fácil.

“Hoje começou o pânico, fiquei assutada com a quantidade de coisas que tinha para fazer, entrei em pânico e fechei-me na minha bolha. Pus os pés fora da escola e o botão ligou-se, o stress começou a entranhar-se e a insegurança também, fiquei com o pé atrás e com o pensamento que não iria ser capaz de fazer isto, que isto não era para mim, queria desistir de tão assustada que estava, mas lembrei-me de algumas coisas que a professora me transmitiu na reunião e fez-me pensar nas coisas de outra maneira.

(...) Tenho tudo para correr bem. Rumo à profissão.” (DB, 4 setembro 2019)

Segundo Simões (2008 cit. por Queirós, 2014a, p. 68), *“durante os primeiros anos da carreira profissional, por mais adequada que seja a preparação do professor em termos científico e pedagógicos, existe sempre o chamado “choque da realidade”, resultante das diferenças encontradas entre a formação inicial e o que de facto acontece na realidade.”*

Contudo, tendo sido este início um pouco atarefado, e por ter sido posta à prova, senti muitas vezes esse “choque” (Simões, 2008 cit. por Queirós, 2014a), mas consegui ultrapassá-lo devido à ajuda e ao apoio constante por parte de todos os elementos do NE. Considero que a troca e partilha de ideias e de saberes e o companheirismo, que houve inicialmente, foi um dos aspetos importantes no arranque desta etapa e na ultrapassagem dos vários obstáculos que me fui deparando.

“Depois de mais uma aula, demos início a mais uma reunião de núcleo de estágio. Acho importante conseguirmos juntarmo-nos e ser-nos transmitido as nossas falhas e o que temos de melhorar. Como núcleo, temos de continuar a trabalhar em conjunto (...).” (DB, 9 outubro 2019)

É no trabalho de equipa e na cooperação uns com os outros que temos mais probabilidade de utilizar melhor os nossos recursos, obtendo bons resultados, chegando ao sucesso. Esta ideia foi trabalhada com a minha TR. Assim, no que diz respeito ao NE, constituído por mim, pelo Pedro e pelo Rodrigo, senti, desde início, uma boa energia.

Desde o início que fiquei satisfeita por estar neste grupo. Tinha boas expectativas em relação ao mesmo; andávamos sempre juntos, o que facilitou todo este processo inicial. Mas, no decorrer do EP, as coisas modificaram-se, sem, no entanto, deixarmos de nos apoiar uns aos outros, o que possibilitou que

conseguíssemos concretizar com sucesso alguns desafios que nos foram propostos. O facto de termos diferentes personalidades, experiências e vivências, modos de ver as coisas, e de termos objetivos diferentes para as nossas turmas e para o nosso estágio fez com que todos conseguíssemos encontrar o nosso espaço e oferecer o melhor de cada um de nós ao grupo.

Contudo, devido a fatores relacionados com o estágio, o trabalho em prol do objetivo que cada um tinha com a sua turma e para si mesmo e dada a incompatibilidade de horários e tarefas extra estágio, não nos permitiu estar reunidos como o desejado. Mesmo assim, muitas das vezes comunicamos e partilhamos informação via Facebook e telemóvel; quando possível, falávamos sobre as aulas uns dos outros, no sentido de dar a nossa opinião e ajudarmos mutuamente. Porém, com o passar do tempo, estas pequenas coisas foram desaparecendo.

Como um dos elementos do NE, a minha opinião é que o nosso trabalho como núcleo foi satisfatório. Tivemos momentos em que nos ajudávamos uns aos outros, partilhávamos informação com o intuito de uniformizar o processo de ensino-aprendizagem nas turmas residentes e partilhada. No segundo período com a situação do ensino à distância, eu e o Rodrigo mantivemos um trabalho de equipa, o que facilitou e completou o nosso trabalho na construção das fichas autónomas, na troca de ideias e partilha de conhecimentos para proporcionar desafios diferentes e dinâmicos para as nossas turmas.

O facto de, ao longo do EP, não termos sido um núcleo tão unido, acabou por desaproveitar a ajudar mútua não só nas questões do planeamento e gestão das aulas e UD(s), como também, na evolução como docente, pois as críticas sobre a nossa PP, sobre as aulas observadas, foram poucas e poderíamos ter partilhado críticas construtivas que, direta ou indiretamente, nos ajudariam a evoluir não só como docentes, mas também como pessoas.

“Em relação ao núcleo de estágio, sinto que podemos ser melhores, fazer mais e melhor e sermos mais unidos e trabalharmos todos em conjunto como uma equipa em direção a um objetivo comum e na dinamização do grupo e da escola. Sinto que cada um faz o seu e que não passamos mais deste patamar, não há uma dinâmica entre nós, há pouca partilha, observações, apoio, pouco motivação. Por esta razão, sinto a necessidade de procurar outras pessoas, neste caso, outros colegas do curso e a professora cooperante, apesar de no período anterior a ter

procurado muito pouco, este período decidi, procurá-la mais vezes e pedir ajuda e partilhar as minhas dificuldades, bem como estar mais presente nas suas aulas para aprender um pouco mais.” (DB, 7 a 10 janeiro 2020)

Com isto quero dizer que poderíamos ter realizado um bom trabalho como NE, e em conjunto poderíamos ter retirado o maior proveito deste processo. É de realçar que a ajuda principalmente do meu colega Rodrigo e da PC, a boa relação que temos tido ao longo desta etapa, e por termos construído e mantido um bom trabalho de equipa, toda esta caminhada não seria nada fácil. Esta ajuda foi, assim, fundamental para o meu sucesso individual, pois sem os apoios e as partilhas teria sido tudo mais difícil.

Sem o bom trabalho da PC, Helena Abrunhosa e do PO, Amândio Graça, e do seu acompanhamento sistemático e efetivo, não me seria possível alcançar os resultados obtidos, e fazer com que quisesse ser mais e desse o meu melhor em cada dia.



Fig. 9 – Núcleo de Estágio

3.4.5 Os meus meninos: A razão pela qual estou aqui

“O objetivo principal da pedagogia são os alunos”

Para a concretização do EP, torna-se fundamental lecionar, sob orientação, no mínimo a uma turma. A atribuição das turmas foi realizada numa das reuniões iniciais, onde os elementos do NE estiveram presentes e tiveram a possibilidade de ter voz ativa no processo de escolha, tendo em conta a disponibilidade horária de cada um, existindo depois a partilha e colaboração numa outra turma entre os colegas de núcleo (TP). Ficou assim definida a minha leção a turma de 8ºano (TR) e, em colaboração com os colegas do NE, a uma turma do 6ºano (TP), acrescida da leção a uma classe do 4ºano de escolaridade, na escola.

Nunca pensei em fazer parte da carreira docente, mas acho que fui escolhida e que o gosto que tenho pelas crianças e pelo desporto, de alguma maneira, também ajudaram. Considero que sou exigente com os alunos e até comigo mesma; espero que cada um deles dê sempre o seu melhor e que eu consiga dar o meu. Sou paciente, sei que o ensino é um processo; contudo, não sou paciente no que toca à falta de empenho, atenção nas aulas e ao mau comportamento, principalmente entre alunos. Deixa-me bastante triste ter alunos que provocam os colegas ou que os excluem e ter alunos que não têm vontade de aprender ou não querem fazer o que lhes é proposto. É necessário chamar-lhes a atenção e repetir a mesma informação imensas vezes. Estes momentos não me derrubavam; pelo contrário, incentivavam-me a encontrar soluções e estratégias, pois revia em muitos deles as minhas dificuldades e inquietações. O facto de estar a lecionar ciclos diferentes, foi algo que me enriqueceu bastante enquanto professora e enquanto pessoa. Permitiu-me ter diferentes vivências, proporcionou-me situações diferentes, pois todos os alunos são diferentes, têm personalidades diferentes e histórias de vida também. Mas foram os meus alunos e são alunos especiais. O meu objetivo com eles foi tentar proporcionar-lhes experiências diferentes, criar laços de afetividade com eles, a partir da disciplina e não só, fora dela também. Tentar chegar perto deles e ajudá-los no que eu pudesse.

Esta experiência fez com que eu crescesse com cada uma das turmas e de forma diferente, pois cada turma era diferente e tinha de planear as aulas de forma diferente. No caso do 4ºA, acabei por dar algumas das modalidades do programa de Expressão Físico Motora, mas com o intuito de ensinar pequenos conteúdos importante para o ano em curso, bem como a criação de rotinas e regras que temos na Pêro. Com a turma do 6ºano, foi mais fácil lecionar as aulas e cada UD, pois a turma era muito ativa e motivada, o que fez com que as coisas fossem fluindo, tendo apenas de interferir corretivamente a nível social, na relação entre alguns elementos da turma. No caso do 8º ano, de início parecia que iria ser assustador, pelo *feedback* que tinha recebido no conselho de turma “a pior turma de 8ºano”; mas, apesar de tudo, a minha maneira de ser e de estar com eles foi firme e com as regras definidas desde o início. A minha postura nas

aulas foi-se diferenciando ao longo das aulas, consoante a UD e comportamentos dos alunos. Houve momentos em que tive de ser mais firme com os alunos, quando apresentavam comportamentos desviantes, e outros, em que fui mais “descontraída” e apresentava uma maior afetividade com os alunos de forma a motivá-los para as tarefas.

Tive consciência de que não estava muito preparada para lecionar inicialmente, pelo facto de ter muitas dificuldades nas matérias. Esse foi um dos desafios que me obrigou a procurar e estudar para planear da melhor maneira, como também esta intenção de que assumi com os meus alunos com NEE. Planeei as aulas em função da turma e deles, juntando as capacidades e incapacidades para que houvesse um trabalho de equipa, de cooperação, momentos de inclusão, momentos para trabalhar também a componente socioafetiva e os valores inerentes às modalidades. Estes momentos que foram proporcionados aos alunos e pelos alunos, transmitindo grandes aprendizagens e sentimentos, para que estes valorizassem as dificuldades que os seus colegas têm, fazendo com que houvesse mais cooperação, trabalho de equipa e o gosto por ajudar o outro, por fazer a diferença, dentro da diferença. Isso fez com que todos crescessem, se tornassem mais humanos e conscientes das situações e das pessoas que os rodeiam, e cada um aprendesse a viver com o outro. Este facto, adveio da situação de que metade dos alunos da minha TR apresentava várias dificuldades em EF e cinco deles tinham NEE. A TP, apesar das dificuldades apresentadas por alguns alunos, era uma turma equilibrada, curiosa e com vontade de aprender e de saber mais, o que permitia lecionar de uma forma diferente.

“... sendo a nossa personalidade e maneira de ser moldadas pelas experiências que vivemos, podemos dizer que a nossa prática profissional é o reflexo da nossa visão do mundo, é a exteriorização e a operacionalização daquilo em que acreditamos na vida. Ou seja, aquilo que fornecemos aos nossos alunos é a nossa forma de ver as coisas.”

(Rodrigues, 2015, p. 94)

O truque no meio disto tudo foi a maneira de dar as aulas e, mais importante, a forma como fui comunicando com eles e mostrando a minha preocupação. Fui

criando uma boa relação com as turmas, o respeito de cada um deles para comigo e foi uma das formas que me permitiu conseguir chegar até aos alunos, em todas as turmas. O facto de estar habituada a contactar com crianças e o gostar delas, deu-me um maior à vontade para falar com as turmas. Sabia que, se fosse necessário, podia contar com a PC, mas achei sempre que conseguia lidar com cada um deles, porque eles fazem parte da criança que eu também fui na idade deles.

Claro que no início, para além das minhas dificuldades, tinha em mim a dúvida se eles iriam gostar de mim ou não, mas acho que pouco a pouco, fui verificando e chegando à conclusão de que sim, porque cada um deles sabia a razão pela qual eu estava ali, para os ensinar e ajudar e, sinceramente, acho que deixei uma sementinha em cada um deles. Achei muito importante criar um bom relacionamento entre professor e alunos. É minha opinião que cada um dos nossos alunos precisa de nós mais do que pensamos, e os laços de afetividade que se criam permitem que haja um bom clima de aula, um clima mais favorável à aprendizagem e à inclusão, e a uma boa relação entre professor-aluno, bem como entre si.

Ao longo deste processo, apesar de ter vivido esta experiência com três turmas de três ciclos, a TR foi uma turma especial, desafiadora. Por vezes, enchiam-me o coração de alegria; outras vezes, de revolta, o que me deixava triste. Mas é assim esta profissão, é a realidade que temos, nem sempre conseguimos chegar a todos, porque não conseguimos mesmo ou porque eles próprios não querem que cheguemos a eles, não nos permitindo ajudá-los.

Revi-me muito nestes alunos. E é isto que lhes quis transmitir, que lhe quis proporcionar; passar-lhes uma parte de mim, vivências, valores, que tudo vale a pena; basta cada um deles querer; mudá-los um bocadinho, tirar-lhes esta revolta, esta insignificância que têm pela vida e pela escola; poder, a partir das minhas aulas e não só, a partir da escola, proporcionar-lhes momentos que lhes tirem o peso das responsabilidades que muitos deles têm e que não lhes pertencem, dar-lhes a oportunidade de serem crianças, proporcionando-lhes momentos em que consigam encontrar outras perspetivas, abrindo-lhes novos horizontes.



Fig.10 – Momentos com a TR

3.4.6 Turma Residente: Um desafio, uma aprendizagem, uma descoberta... uma história!

“Nada acontece por acaso”. Tenho sempre esta frase na minha cabeça, sabe-se lá a razão. Ter esta instituição como local de estágio não foi um acaso. Simplesmente foi ela que me escolheu, por ter estas características, por ser uma escola especial, com alunos especiais que nós, seres humanos e docentes, tanto gostamos e damos valor na nossa profissão, como o gosto pela profissão e, principalmente, o gosto que temos pelos nossos alunos, pelas suas histórias de vida, que nos fazem ir para além na nossa profissão e no nosso eu; pois

são eles o foco daquela escola, a essência da escola, a matéria prima do professor. E o nosso papel é ser muito mais que transmissores de matéria; é sermos também transmissores de todo o conhecimento que a vida nos proporcionou e nos ensinou.

Os meus alunos da TR, desde a primeira reunião do conselho de turma, foram o meu grande desafio. Nesta reunião de conselho de turma, liderada pela DT, fui informada acerca das características dos alunos. Eram alunos com algumas dificuldades de aprendizagem, com notas razoáveis e, ao nível do comportamento, havia alguns alunos desestabilizadores, e, entre esses, alguns particularmente indisciplinados. Mais ainda, foi transmitido que alguns alunos tinham falta de acompanhamento parental; contudo, a maioria vivia num ambiente familiar estável.

“... a reunião mais aguardada da minha parte, pois a professora cooperante já me tinha falado um pouco dela, mas estava à espera do feedback dos professores das outras disciplinas. Já partia com a noção do que iria ser tratado, devido ao facto de ter estado presente numa reunião semelhante anteriormente, em que fora apresentada a turma, bem como as características de cada aluno e o seu percurso escolar. Quando apresentada, percebi que esta turma não é fácil, principalmente em sala de aula, palco de alguns pequenos conflitos dos professores com determinados alunos, não sabendo ao certo de que forma isso se reflete nas aulas de Educação Física.” (DB, 10 setembro 2019)

Uma das muitas e diversas tarefas do professor passa por conhecer os seus alunos. Sendo assim, a minha TR é junção de duas turmas provenientes do 7ºano, juntando-se a ela dois alunos repetentes de uma turma 8º ano dirigida pela atual DT. Havia ainda uma aluna nova na escola, a NL, que veio este ano do Brasil, e se destacou como a melhor aluna da turma.

Apesar de não virem juntos do ano passado, esta era uma turma unida, pois ao longo do ano aprenderam a trabalhar uns com os outros. Ela era constituída por vinte alunos, 10 rapazes e 10 raparigas, com idades compreendidas entre os 12 e os 16 anos; cinco alunos estavam ao abrigo do Decreto de Lei 54 – Educação Especial, AM e GF apresentavam dificuldades de aprendizagem; o CS com transtorno do espectro autista, nomeadamente com a síndrome de asperger e que funcionava muito com regras; e, por fim, dois alunos com mobilidade reduzida, que dependiam e se deslocavam em cadeiras de rodas, o RC e o RS.

“Este facto surpreendeu-me, apesar de saber que pode haver esta possibilidade, deixou-me um pouco preocupada e assustada, pois não tenho qualquer tipo de experiência com crianças com estas características. Por um lado, apesar de me sentir assim, acho que será um grande desafio, mas também, uma grande experiência e aprendizagem. No final desta reunião, apresentei-me à diretora de turma, como estagiária desta turma na disciplina de educação física.”
(DB, 10 setembro 2019)

O RC apresentava um problema oncológico grave, um tumor cerebral degenerativo, que fez com que, ao longo dos anos, apresentasse um *deficit* motor permanente, apresentando dificuldades de locomoção, deslocando-se em cadeira de rodas; e necessitasse de apoio diário individual de uma assistente operacional, a dona A.D. O RS apresentava problemas motores e neurológicos, nomeadamente, uma problemática cognitiva moderada e uma saúde física marcada pela doença neurológica, frequentando apenas as disciplinas de carácter mais prático. Porém, devido à doença que o deixava muito debilitado e frágil, este ano, não conseguiu comparecer e frequentar as aulas de EF.

Após ter recebido toda esta informação, inicialmente fiquei assustada; por um lado, por tudo aquilo que tinha de aprender e, por outro lado, por saber que iria ter a “pior” turma de 8ºano. Fiquei perdida, assustada, mas segui em frente, rumo ao desafio, como sempre fiz ao longo da minha vida. E se cair, volto a subir novamente, pois o gosto pelas crianças estava presente, no fundo a motivação

para cá estar e acordar todos os dias; e por esta escola me ter dado o que de especial ela tem; por cada uma daquelas crianças ter as suas histórias de vida e que essas mesmas histórias também fazem parte de mim.

“... saí dali pior do que já estava não sabendo como reagir, saí da escola com o pensamento de que não iria conseguir dar a volta a esta turma. Fui para casa refletir sobre tudo o que ouvi e perceber, procurar estratégias que eu poderia utilizar nas minhas primeiras aulas para conseguir segurá-los dentro da mesma, como também na execução das práticas de Educação Física.” (DB, 10 setembro 2019)

Em relação à nossa famosa turma de “grandes estudiosos” após a reunião inicial, pensei que não iria aguentar. Foi a turma que, desde o início, teve que merecer uma postura mais firme da minha parte, por forma a evitar maus comportamentos e faltas de respeito. Tinha que os ter comigo, queria que a turma soubesse que não era nenhum inimigo para eles, mas sim, que tivessem uma visão diferente dos professores, enquanto pessoas, que eu estava ali para os ensinar e ajudá-los naquilo que podia e devia, e vice-versa, pois também estava ali a aprender a ser alguém.

“Hoje dei a minha primeira aula. Confesso que estava muito nervosa e receosa com os feedbacks que recebi no conselho de turma sobre a minha turma. Iniciamos com uma breve introdução por parte da professora Helena, minha professora cooperante e que, logo a seguir me passou a palavra. Esta aula serviu sobretudo para me apresentar, para conhecer os meus alunos com uma pequena apresentação e preenchimento de uma ficha individual do aluno. De seguida, passamos para a leitura e revisão do regulamento específico da disciplina, no qual dei foco a determinados pontos, como os atrasos, os banhos e trocas de roupa.” (DB, 18 setembro 2019)

Atendendo às fichas de caracterização preenchidas pelos alunos no início do ano, tendo como objetivo obter mais informação sobre cada um deles, características importantes para situar as expectativas e cuidados especiais em relação à turma. No que diz respeito à prática desportiva, a maior parte da turma nunca teve contacto com qualquer desporto, fora do âmbito da EF, revelando assim um desinteresse pelo mesmo. Ainda assim, existiam cinco alunos que praticavam algum desporto, desde o futebol/futsal, ao atletismo, à dança, o que era um indicador importante relativamente ao seu desempenho global nestas disciplinas. Este panorama demonstrou que a turma, no geral, não era ativa. Ao nível da EF, dois alunos transitaram com nível 5, sete com nível 4 e nove com nível 3, o que era um ponto positivo. Em termos de empenhamento motor, apesar

de termos cinco alunos com NEE, esta é uma turma boa a EF, com algumas dificuldades coordenativas e técnicas, tendo um desempenho fraco, mas com a vantagem de apresentar um empenhamento elevado nas aulas. Notou-se que durante e ao longo das aulas, apesar das suas dificuldades, a turma queria aprender e conseguir realizar as habilidades motoras da melhor maneira. Havia da parte de alguns alunos motivação, principalmente quando lhes eram dados desafios e autonomia. Relativamente às questões de saúde, tendo em conta a turma, apenas existiam dois casos que exigiam um cuidado, ou vigilância, especial, dois alunos asmáticos. Esses alunos apresentaram uma justificação médica e do encarregado de educação, tinham de manter sempre por perto a bomba de asma nas aulas e responsabilizavam-se por controlar a sua medicação, antes das aulas. Na verdade, durante as mesmas, os alunos nunca se sentiram mal, nem nunca tive necessidade de alterar a minha prática. É verdade que, no primeiro período, não foi muito fácil lidar com a turma. Tivemos maus momentos e momentos menos bons, que me faziam questionar tudo aquilo que acontecia. Mas tivemos bons momentos, tanto que, no fim do primeiro período, as coisas começaram a melhorar e cada um sabia onde era o seu lugar e o limite. Este cenário foi mudando, porque pouco a pouco fui transmitindo, passando um bocadinho de mim aos alunos, para lhes mostrar que nem todos somos iguais e que há pessoas que também têm as suas vidas, e que passaram e passam pelo mesmo que eles estão a passar, e que têm as suas dificuldades, mas que não é isto que os define. Só depende deles, para mudar a sua atitude e o caminho que querem seguir.

“O professor não pensa apenas com a cabeça, mas com a vida, com o que foi, com o que viveu, com aquilo que acumulou em termos de experiência. Dito isto de outro modo, o professor pensa com base na sua história de vida e não apenas com o intelecto. É o percurso de vida de cada indivíduo que representa uma parte importante no modo como este assume a profissão.”

Flores e Day (2006 cit. por Moreira et al., 2015, p. 248)

Foi um pouco disto que fui passando com eles durante o ano, ser mais que uma estagiária/professora de EF, ser um ser humano que, para além de estar a

aprender a ensinar tudo aquilo que envolve esta disciplina, também se preocupa. Pouco a pouco, fui conhecendo os alunos. Temos alunos que são fantásticos. Temos alunos que nos fazem perder a paciência, que nos afrontam, mas que ao lhes dar uma resposta completamente diferente, pela qual eles não esperavam, faz com que eles reflitam sobre aquilo que fizeram e, no fim, pedem desculpa pelo seu erro e seguem em frente, e mudam. Temos alunos que têm muitas capacidades, mas que, pelas pessoas que são, se acham incapazes, não dão mais daquilo que acham que merecem. E temos outras que basta falarmos com eles que mudam e que estão connosco a fazer aquilo que é pretendido. Pois, muitos deles necessitam muitas das vezes de uma conversa, não que gritem com eles; pois, isso já passam em casa. Necessitam que conversem com eles, pois muitos encontram-se em contextos desfavorecidos, de carência e também de exclusão na escola. Quando damos por nós, são eles que nos procuram, porque precisam de falar com alguém. E nós somos as pessoas de confiança e seguras para poderem falar e deitar para fora aquilo que sentem. E, mais ainda, temos aqueles alunos que são tão reprimidos em casa que chegam à escola e fazem aquilo que não conseguem fazer em casa. É claro temos de ter mais paciência e chamá-los a atenção, saber reagir aquando daquele comportamento da maneira mais adequada e mais correta.

Refletindo e fazendo um balanço por tudo o que se passou, foi sem dúvida uma fase de mudança muito positiva por parte de toda a turma.

Na minha opinião, a turma evoluiu e cresceu um pouco ao longo do ano, houve mais trabalho autónomo, o que os colocava mais responsáveis; os maus comportamentos e as más atitudes deixaram de ser constantes; e as aulas foram fluindo, aprenderam a comunicar, a partilhar, a criar, a realizar trabalho de equipa, a cooperar entre eles. Claro que uns mais que outros, mas fizeram um bom trabalho e quando queriam conseguiam, nem eles se aperceberam disso, pois estavam motivados e a fazê-lo com gosto. Para além disso, aprenderam a lidar com os outros, a aceitarem-se, a incluírem-se, a estar uns com os outros. É certo que foram feitas algumas alterações, ao longo das aulas e nas modalidades, e isso fez com que as aulas de EF fossem um espaço de aprendizagem, um espaço deles, em que qualquer entrave derivado dos

problemas que cada um deles tinha, da sua bagagem, estivesse fora daquele pavilhão.

Vi alunos com mais dificuldade a realizarem as aulas (principalmente aqueles que antes se encontravam mais vezes sentadas no banco a realizarem relatórios); vi alunos com mais capacidades e com mais conhecimentos a liderar e a ensinarem aos outros; vi trabalho de equipa, em que tinham algo que os simbolizava e que os identificava, e que, ao longo do período, mantiveram, porque tinham um objetivo em comum. Vi bons trabalhos realizados em equipa e vi que cada um deles refletiu sobre os mesmos, transmitindo aquilo que poderiam ter feito melhor. Vi um trabalho de turma, um trabalho que eles desenvolveram e em que eu, simplesmente, fui um elo de ligação para que isso fosse concretizado, pois tudo o resto foi feito por eles. Os meus parabéns!

Claro que nem tudo foi um mar de rosas, principalmente nas atitudes manifestadas algumas vezes pela turma. Mas eu nunca desisti, nunca desisti de fazer o melhor e de conseguir o melhor de cada um deles. Porque já os conhecia, nunca desisti de suscitar à turma o sentido de espírito de grupo e de responsabilidade. Tive sempre a preocupação de unir sempre a turma, de chegar a todos os alunos, principalmente, aos alunos de NEE, incluindo-os em todas as atividades da turma.

Estou orgulhosa pela evolução da minha turma, posso dizer quem em relação às outras turmas de 8ºano, começamos por baixo e fomos subindo em conjunto, degrau a degrau, para o caminho certo, para aquilo que eu pretendia. Estávamos a falar de uma turma que era desorganizada, sem regras, muito indisciplinada e que, ao longo do ano, foi trabalhada para conseguir estabelecer rotinas, regras e motivação para as atividades. Tenho pena de não poder continuar e de terminar com eles este trabalho, com esta minha função, pois a pandemia veio atacar o nosso ensino, e as saudades foram muitas e a vontade de voltar à escola e de estar com eles também. A turma fez-me crescer enquanto profissional e enquanto pessoa, e acreditar que tudo é possível somos mais e maior daquilo que pensamos.

Todo este trabalho desenvolvido deve-se também por terem sido acompanhados pela melhor DT que esta turma poderia ter tido, e pela profissional de EF que eu

tive. Ao longo do ano ajudaram-me e me ensinaram a conseguir proporcionar tudo aquilo que fiz com a turma, que me fizeram crescer e a encontrar a resposta a tanto procurava, pois elas também fazem parte do sucesso que tive nesta etapa, foi pelo gosto e dedicação que ambas têm pela profissão e por cada um dos nossos alunos, que aqui estou, pois todas nós partilhamos o mesmo sentido que acompanha a nossa profissão.

Termino partilhando com uma das frase que costumava partilhar com a turma, principalmente naquelas fases mais complicadas, *“nunca se esqueçam que vocês são mais fortes do que pensam, que são mais capazes do que acreditam, que são e sempre serão mais do que aquilo que vêm. Acreditem em vocês e sejam felizes!”*



Fig.11 – Visita de Estudo Jardim Botânico TP

3.4.7 Turma Partilhada: A turma que nos marca!

Na primeira reunião de conselho de turma, orientada pela PC, a minha TP do 6ºano caracterizada como excelente, com níveis de aproveitamento muito bom. A maioria dos alunos provinha da mesma turma do 5º ano, exceto um novo aluno que teve uma ótima adaptação e bom aproveitamento. No geral, a turma apresentava um bom comportamento, aliado a uma relação estável entre a família e a escola, apesar de alguns alunos terem um nível social baixo e

ambientes familiares desestruturados. A TP era constituída por vinte alunos, 13 raparigas e 7 rapazes, com idades compreendidas entre os 11 e os 13 anos, dos quais dois alunos estavam ao abrigo do Decreto de Lei 54 – Educação Especial, apresentando dificuldades de aprendizagem.

Após ficar a conhecer de uma maneira genérica a turma, na reunião do CT, e a saber um pouco de cada um deles em reunião com a PC, não achei que seria difícil lecionar as aulas, até porque a maioria das UD(s) não eram novidade e,

apesar das várias características e personalidades, a TP era uma turma equilibrada, entusiasta, curiosa e com vontade de aprender e de saber mais, o que permitia lecionar de uma forma diferente.

Em função do PA e do programa, as modalidades foram distribuídas pelos três elementos do NE de acordo com os conhecimentos e competências de cada um. A PC, desde o início, deu-nos total liberdade para escolher e desenvolver o nosso trabalho com a turma. Optei por escolher as modalidades em que me sentia mais à vontade. As que foram lecionadas pelos meus colegas de NE, foram para mim uma oportunidade de total observação, aprendizagem e de crescimento. O facto da TP ter sido lecionada por três estagiários, ao longo do ano, contribuiu para uma maior partilha e debate entre nós. Ainda que as aulas tivessem sido planeadas e lecionadas por apenas um professor, em todas elas houve a intervenção e o apoio ativo de todos, o que, de alguma forma, tornou as aulas mais dinâmicas e organizadas, podendo assim ajudar, corrigir e ensinar melhor todos os alunos. Estas aulas partilhadas foram sem dúvida benéficas para os alunos.

“É tão mais fácil e mais produtivo quando trabalhamos em grupo, em equipa. E, como núcleo, nesta nossa turma partilhada, sinto isso. Conseguimos intervir com todos os alunos. É mais fácil de lhes dar feedback, de lhes proporcionar esta experiência. Será que este será o nosso futuro... ou a solução para a nossa profissão? Acho que acabo por ensinar, mas ao mesmo tempo aprender com eles, e tentar corrigir não só os erros dos meus alunos, mas ao mesmo tempo os meus. Acabo por fazer um melhor trabalho do que eu gostava de fazer com a minha turma.” (DB, 22 novembro 2019)

A turma era mesmo boa, talvez a melhor turma de 6ºano. Embora grande parte da turma estivesse ligada à prática de uma modalidade desportiva (Ginástica, Futebol, Atletismo, Taekwondo, entre outras), era uma turma que apresentava algumas dificuldades motoras. Ao longo do ano, fomos conhecendo mais sobre a turma. Verifiquei que existem alunos mais autónomos e responsáveis, com capacidade de opinião própria; que existiam ótimos alunos, cultos, e alunos com dificuldades, uns que não desistem e são determinados e outros que são preguiçosos. Tivemos, alguns momentos, em que a turma esteve um pouco em conflito uns com os outros, gerando um ambiente nada propício para uma boa relação e trabalho entre a turma. Aqui o NE e a DT intervinham para que estas

situações não se mantivessem, nem se repetissem, pois todos eles fazem parte de uma turma. Sempre soubemos de tudo o que acontecia com a turma, pois a turma sempre foi de transmitir se alguém fazia algo de errado, o que era bom para nós e para a DT.

“O 6ºano é uma boa turma e tem capacidades para mais e melhor. Mas poderão ser ainda mais e melhores se souberem estar e aceitar todos como um. E é isso que tenho tentado trabalhar com eles. Intervenho sempre que necessário e mostro-me insatisfeita quando algo do género de sucede. Acho que nada melhor que comunicar com os alunos; mostrar-lhes as vantagens e as desvantagens daquilo que fazem; se há momentos para dizermos que as coisas estão bem; e que estão de parabéns por todo o seu percurso. Também temos que os chamar atenção em determinados momentos e mostrar-lhes que estão mal, que agiram mal e que estão a prejudicar alguém.” (DB, 14 a 17 janeiro 2020)

Por outro lado, apresentavam sempre uma motivação e alegria imensa para tudo o que lhes era proposto, nunca havendo um não por nenhum dos elementos. Sempre se prontificaram para aceitar qualquer desafio lançado. Nas aulas de EF, adoravam os momentos de competição, pois eram muito competitivos e detestavam perder. Mas tinham algo que os fazia e fazem ser uma turma, no meio de todos os contratempos que fazem parte destas idades, no fundo, ajudavam-se e preocupavam-se uns com os outros.

“Procuram sempre saber e aprender mais. Começam também a aprender a estar com os outros e aceitam-se; e isso é um bom caminho para manterem a turma um pouco mais unida. Estão de parabéns pela turma que são e pelas notas e dedicação que têm. Agora é continuar este ritmo e aumentar também a fasia para mais e melhor, pois eles são capazes disso e de muito mais.” (DB, 7 a 10 janeiro 2020)

A PC era a DT desta turma, o que permitiu uma maior convivência com a mesma e que, desde o início, eu e os meus colegas criamos uma boa ligação com a turma. Trabalhar com esta turma, permitiu acompanhar o percurso de cada um nos vários domínios, conhecê-los no seu todo e acompanhá-los em várias atividades e algumas visitas de estudo. Enfim, esta turma foi a turma que nos marcou, por todas as coisas já referidas e por outras tantas. Contribuiu para muitas aprendizagens e que foram importantes para o meu crescimento enquanto futura professora e professora de EF. Tenho a certeza de que vão ter saudades das aulas e de nós. Foi um gosto ser professora desta grande turma.



Fig.12 – Miminho da turma de 1ºciclo

3.4.8 A experiência com o 1ºciclo: Os reguilas

No início do ano letivo, fui informada de que ia ter uma terceira turma, uma turma do primeiro ciclo, nomeadamente do 4ºano. Ia lecionar aulas de Expressão Físico Motora para uma das escolas básicas do agrupamento, sendo que, durante a reunião de NE, tivemos a

possibilidade de escolher a escola, ficando eu com a EB1/JI S. Tomé.

A lecionação no primeiro ciclo foi sem dúvida uma novidade para mim, apesar de, durante o secundário e em alguns trabalhos anteriores, ter lecionado aulas de dança e de judo a crianças destas faixas etárias, confesso que estava empolgada para voltar a lidar com estes pequeninos e obter uma experiência diferente.

Quando fiz a primeira visita às escolas, fiz juntamente com a PC e com os meus colegas de NE. Apercebi-me de que era a escola com as melhores infraestruturas e material para lecionar as aulas, tendo um grande campo de jogos exterior, um espaço exterior coberto e um pequeno hall no interior para os dias de chuva e frio.

Esta experiência, independentemente de ser um complemento do EP, foi uma experiência enriquecedora, em que o meu empenho e dedicação não foi diferente face aos que tive com a TR e a TP. Deste modo, todas as aulas foram planeadas com bastante cuidado, de acordo com o programa e as características dos alunos, bem como as infraestruturas oferecidas pela escola. Toda esta experiência foi acompanhada por reflexões sobre toda a PP, com o objetivo de melhorar as aulas e a minha ação com a turma.

A turma era inicialmente constituída por 26 alunos, aos quais se juntaram mais três alunos, transferidos de uma outra turma. A turma tinha 17 raparigas e 9 rapazes, com idades compreendidas entre os 9 e os 11 anos, contando com duas alunas ao abrigo do Decreto de Lei 54 – Educação Especial, a NS portadora de paralisia cerebral e a CM com alteração cromossómica. A grande maioria

destas crianças era proveniente de bairros sociais, de famílias economicamente desfavorecidas e desestruturadas, carenciada de valores básicos, como respeito, noções de saber estar.

Apesar do cenário encontrado na escola de S. Tomé, quanto à linguagem e as atitudes dos alunos, mantive desde início uma postura firme, partilhando com eles todo o trabalho que iríamos desenvolver e o modo como as aulas iriam ser realizadas, as regras e rotinas a seguir, não permitindo que nenhum aluno me faltasse ao respeito. É certo que houve momentos iniciais em que tive de enviar um ou outro aluno para a sala com a professora titular, para realizar outro tipo de trabalho, pois perturbavam a aula. Mas, no fim, vinham pedir desculpa e, ao verem a alegria e satisfação dos colegas no fim da aula, ficavam incomodados, querendo fazer parte da mesma, mudando, ao longo de cada semana, os seus comportamentos e atitudes.

“Chegando à Escola EB1/JI S. Tomé, apresentei-me à escola e, ao tocar, dirigi-me com a turma à sala. Comecei por me apresentar e passei a palavra aos alunos, para que eles se apresentassem, para os conhecer um pouco mais. A maioria dos alunos pratica atividades desportivas, com predominância do futebol e da dança. Durante a aula, apercebi-me de que a turma é um pouco agitada, confirmado depois pelo feedback da professora. Por isso é importante criar rotinas com os mesmos e colocar regras, não só para usar nas aulas de educação física, mas para também para dentro da sala de aula.” (DB, 3 outubro 2019)



Fig.13 – 1ºciclo (Corta Mato)

Sem dúvida que houve momentos bons e momentos menos bons, e que esses momentos fazem parte das aulas. Mas a turma estava sempre bem-disposta, motivada, tinha uma energia contagiante, que permitia realizar qualquer tipo de atividades e

desafios. Criei desde cedo uma ligação de empatia muito boa com eles, com as professoras titulares, com toda a escola. Sempre que precisava de algo, estavam sempre dispostas para ajudar, conseguindo assim bons resultados, principalmente a nível das relações interpessoais com a turma.

“... a turma é sempre um desafio. Nem sei como é que crianças de 8/9 anos, estes seres tão pequenos, têm tamanha atitude ou comportamento perante os professores. A turma tem tido os seus altos e baixo, mas pouco a pouco vão sabendo onde chegar, trabalhando com eles os

limites, regras e rotinas. Sim eles precisam de muitas regras e sabem que há “consequências” para tal, se não o fizerem. Apesar de muitos professores não aceitarem, eu tenho de fazer, por forma a entenderem que se estiverem bem durante toda a aula e ouvirem aquilo que quero dizer e ensinar, a aula será mais produtiva, dinâmica e estarão em constante exercitação, chegando ao fim, com o objetivo de querer fazer mais... eles sabem que depende deles.” (DB, 14 a 17 janeiro 2020)

A estruturas das aulas foram baseadas, no primeiro período, em jogos lúdicos e pré desportivos, onde a competição estava sempre garantida, por forma a ensinar-lhes a ter momentos de ganhar e de perda, de aceitação entre os dois momentos. Certifiquei-me de que as aulas fossem sempre dinâmicas e com níveis elevados de empenhamentos motor; pois, com toda a energia envolvida por parte da turma, fazia todo o sentido, abordar este tipo de aulas. Durante o primeiro período, optei por realizar equipas diferentes, para que os alunos pudessem trabalhar uns com os outros, interagindo com diferentes colegas, em todas as aulas.

“Estes alunos são alunos de bairro. Cada um tem a sua personalidade e as suas características; mas, que são meninos protetores uns dos outros e não excluem ninguém. São alunos que necessitam de apoio, atenção e afeto. São alunos que não funcionam aos berros e aos gritos, coisa que acontece constantemente na escola. Por isso, eu adotei, nas minhas aulas, uma postura completamente diferente, tanto dentro, como fora dela, o que faz com que os alunos mudem de atitude e de comportamento comigo e na própria aula, caminhando todos para o mesmo lado. A pouco e pouco, a turma entra no ritmo, começam a ter as suas rotinas, as suas regras, e a pouco e pouco vão intervindo entre eles.” (DB, 31 outubro 2019)

No segundo período, as aulas foram baseadas na Ginástica e na Dança. Mantive o mesmo sistema, realizar aulas dinâmicas e com algum nível de empenhamento motor, de forma a ensinar-lhes e a preparar-lhes para a entrada na escola cooperante. Consegui uma maneira de os cativar e motivá-los. Neste período, introduzi a dança. Conhecendo um pouco já estes pequeninos, pensei que não iriam aderir facilmente, mas aconteceu o contrário. Ficaram todos contentes e o resultado final foi maravilhoso, o que não aconteceu tanto, durante o período anterior, quando lecionados os jogos pré-desportivos.

“A turma estava tão motivada para a aula que conseguimos fazer grande parte da coreografia. Conseguimos ainda filmá-los e foi logo visualizado na sala de aula. Aqui consegui transmitir aquilo que eles realmente são, quando gostam de algo e quando se portam bem, tudo aquilo que conseguem fazer em pouco tempo. Para a semana continuamos com o resto e

limaremos toda a coreografia e espero que o sentimento e a motivação que tinham na semana passada continue. Estou desejosa que chegue a quinta feira...” (DB, 21 a 24 janeiro 2020)

O objetivo nestas UD(s) era conseguirem realizar os elementos básico na ginástica e, com a dança, conhecerem o seu próprio corpo e observarem o que com ele conseguiam fazer. Por forma a que os alunos conseguissem não só realmente perceber o que conseguem realizar com o seu corpo, mas também trabalhar a coordenação do mesmo e, a orientação espacial. Recorrendo ao trabalho em grupo, em que as relações sociais estavam sempre presentes, pretendia que aprendessem a estar uns com os outros, a comunicar e aceitarem-se na sua diferença. Obtive no fim bons resultados e alarguei este projeto ao 3ºano, a pedido da turma e da professora titular. Ou seja, no segundo período, lecionei a duas turmas, o que inicialmente se tornou confuso, mas que no final, conseguimos realizar um trabalho de equipa muito bom.

Para além de ensinar alguns conteúdos inerentes às várias modalidades, tive em atenção as características da turma a fim de trabalhar os valores básicos, como o respeito, noções de saber estar, entre outros. O esforço para conseguir estabelecer rotinas, regras, sendo que muitas delas faziam parte do regulamento de EF, resultou numa evolução muito significativa neste aspeto, devido à minha persistência com a turma, e à colaboração da professora titular. Esta turma, no geral, apresentava algumas dificuldades a nível de empenho motor, mas ao longo do ano foram sendo trabalhadas, facilitando assim, todo o processo de ensino aprendizagem. Acho que, ao longo de todo o processo, a turma foi lançando os seus desafios, fazendo com que eu tivesse de adaptar e procurar soluções naquele instante e ou nas aulas seguintes.

Portanto, posso dizer que esta experiência foi prazerosa, foi muito positiva e boa para mim. Permitiu desenvolver e enriquecer a minha ação de forma a trabalhar com outras faixas etárias, possibilitando um bom aproveitamento das aulas e evolução por parte dos alunos. Acho que consegui de facto realizar um bom trabalho com estes pequeninos e tenho o mesmo feedback da professora titular, que finalizo por partilhar em anexo.

REALIZAÇÃO DA PRÁTICA PROFISSIONAL

4.1 Área1 – Organização e Gestão do Ensino e Aprendizagem

A Organização e Gestão do Ensino e Aprendizagem, pertencente à área 1, reporta a ligação entre as ideias e princípios que auxiliam a nossa orientação na Prática Pedagógica (PP), onde a nossa concepção, o planeamento, a realização, a reflexão e a avaliação do ensino são fundamentais. Esta área baseia-se, segundo as normas orientadoras do EP da FADEUP (p.3), na *“construção de uma estratégia de intervenção, orientada por objetivos pedagógicos, que respeite o conhecimento válido no ensino da Educação Física e conduza com eficácia pedagógica o processo de educação e formação do aluno na aula de Educação Física.”*

O EP é uma das fases mais importantes da carreira do professor. Na sua condição de EE, ele vivenciará e confrontar-se-á com a realidade da profissão, a partir da lecionação das aulas a uma ou mais turmas, o que implica que ele se envolva como agente ativo no processo de planeamento e gestão de ensino-aprendizagem e da realização da avaliação; faça um grande investimento de tempo, como também, de conhecimento e de trabalho cooperativo e colaborativo com o PC, orientador da faculdade e colegas de NE.

O EP é, sem dúvida, aquele momento em que assumimos uma responsabilidade pela nossa profissão, perante a comunidade escolar; um momento que se identifica como um processo complexo, com diversas etapas e com objetivos de promover uma PP capaz de transformar os alunos; de promover a sua educação; de desenvolver a sua competência nos domínios psicomotor, cognitivo e sócioafetivo; de aumentar os níveis motivacionais, suscitando o gosto pela prática de exercício físico, tendo em conta as necessidades e características de cada um. Preparar os alunos para o futuro é fazê-los trabalhar para a aquisição das competências fundamentais adequadas aos tempos atuais e a um mundo em constante mudança, tendo por referência a multiplicidade de valores inerentes à disciplina e a cada uma das modalidades, nomeadamente a autonomia, a responsabilidade, o respeito, a cooperação, o espírito de equipa, a

inclusão, etc. Pois sou da opinião que, mais do que ensinar os alunos a realizar determinada ação, é importante formá-los enquanto pessoas, considerando que as aprendizagens nestes domínios farão a diferença nas suas vidas em todos os sentidos.

A PP é, acima de tudo, uma etapa exigente, mas motivante, pelo facto de assumirmos um papel fundamental no desenvolvimento do processo ensino e aprendizagem dos alunos, onde colocamos em prática os nossos conhecimentos e competências que desenvolvemos ao longo dos períodos de formação para responder às exigências de um contexto complexo e imprevisível, nomeadamente a escola e a lecionação da disciplina.

Há um conjunto de documentos essenciais para o desenvolvimento do processo educativo e para orientar a nossa atuação na instituição escolar, designadamente o Projeto Educativo de Escola (PEE), o Regulamento Interno, os Programas Nacionais de Educação Física (PNEF), os Projetos Curriculares de Escola, o Regulamento Específico de Educação Física, o Plano Anual Geral de EF (PAGEF), o Plano Anual de Atividades e os Critérios de Avaliação de EF.

Assim, neste capítulo, tenciono abordar a minha PP, contextualizada e adaptada ao meio encontrado, tendo por referência a planificação, a participação e intervenção ao longo do EP, como também, a avaliação, destacando os momentos mais importantes que permitiram desenvolver e construir a minha identidade profissional nesta profissão.

4.1.1 Programas Nacionais de Educação Física

Ser professor exige um trabalho árduo na preparação da ação. O professor, além de ter de conhecer a comunidade escolar, tem de saber as competências específicas de cada matéria e da própria disciplina e arranjar as melhores maneiras de ensiná-las. Os *Programas Nacionais de Educação Física* (PNEF) são uma proposta curricular, um de guião cujos, objetivos para a prática podem não ser os mais adequados face ao contexto real em que nos encontramos e às características das nossas turmas, o que acabei por constatar ao longo do EP e não só. Também me deparei com uma elevada quantidade de modalidades e

conteúdos a abordar em relação ao número de aulas, pois são poucas aulas para tantos conteúdos, o que me deixou receosa quanto ao planeamento das mesmas. Apesar dos conteúdos e níveis pré-definidos para determinados anos de escolaridade não estarem de acordo com a realidade encontrada, cabe ao professor de EF ter a atenção de adaptar os programas à realidade da escola, e aos objetivos de aprendizagem ajustados às características e ao contexto das suas turmas.

Tendo em conta as dificuldades apresentadas nas várias matérias e seus conteúdos, os programas dos vários ciclos de ensino serviram para me guiar, sobre quais as matérias fundamentais a ensinar em cada modalidade e os objetivos em cada ano escolar. Importa referir que muitos dos conteúdos e objetivos programáticos em algumas modalidades eram inalcançáveis, assim como era difícil atingir certos patamares, quando o professor tem pouco tempo de contacto com os alunos por semana, um número reduzido de sessões por UD. E são notórias as próprias dificuldades e limitações dos alunos. De facto, o programa é um guia que serve como linha de orientação, mas que permite ao professor ter a flexibilidade de o modificar, o que foi fundamental para a minha PP. Senti a necessidade de adaptar muitos dos conteúdos à realidade dos alunos, uma vez que os níveis definidos não se adequavam aos mesmos, possibilitando-me criar objetivos possíveis de serem atingidos, como ajustar os conteúdos de forma a tornar compatível com a capacidades motoras dos alunos.

Em suma, apesar de o PNEF se encontrar desadequado ao meu contexto, ele foi um documento importante, que me ajudou na orientação dos conteúdos, no aprofundamento e consolidação do seu conhecimento, bem como na organização de um planeamento mais coerente.

Planeamento

O *planeamento* é uma ferramenta essencial para professor, o ponto de partida de todo o processo de ensino-aprendizagem. É o elo de ligação entre a teoria e a prática, entre os programas e a realização em contexto prático. É uma previsão do que vai acontecer, que de certa forma não é fixo, podendo ser sujeito a

modificações, quer por motivos meteorológicos, quer por troca de espaços devido à modalidade, ou por alteração das UD. O fundamental neste planeamento é que este vá ao encontro do contexto e das características da escola e dos alunos em prol do sucesso dos alunos.

A realização do planeamento foi uma das minhas dificuldades e uma das minhas preocupações iniciais, tive de dedicar algum tempo, por forma a ter um equilíbrio na sua construção, tendo em conta todas as variáveis que tinha em mão e as condições existentes na escola. O planeamento teve como principais preocupações os espaços, as modalidades, o número de aulas, as regras, os materiais disponíveis e os alunos; ou seja, fatores que iriam ser de certa forma determinantes na maneira como poderiam ser planeadas as UD e posteriormente as aulas.

“Passamos por ver o meu planeamento anual e as unidades didáticas, pois foi uma das tarefas que tive mais dificuldades em realizar, por causa dos espaços e das próprias unidades didáticas disponíveis e das futuras questões meteorológicas. Neste contexto deu para perceber que nem tudo estava mal, o que também vai depender da forma como vou justificar o planeamento. Vi com a professora que há aulas que tinha de mudar, por forma a que certas unidades didáticas estejam nos espaços adequadas às mesmas e há outras aulas que vou ter que alternar conforme o tempo, sendo que tenho que antecipar os meus planos de aula, para futuras alterações.” (DB, 11 setembro 2020)

Tendo em conta que os espaços já tinham sido estabelecidos pelo GEF em determinados dias, tornou-se importante escolher as modalidades adequadas aos espaços e de acordo ao número de aulas. Por exemplo, o ginásio era o espaço adequado para as aulas de Ginástica, Dança, Atletismo; pois, devido às restrições ao uso de bolas no ginásio, só poderia dar modalidades coletivas se pudesse dispor do pavilhão. Sendo assim, tudo era praticamente rotativo e planejar as aulas dependia sempre do modo como o espaço atribuído se ajustava à modalidade que iria abordar, tendo em determinados momentos a possibilidade de troca por parte dos outros docentes, em ocasiões excecionais, quando este era pedido. Os professores mostraram-se sempre disponíveis para a troca do espaço. O planeamento estava suscetível de alterações, sendo que na rotação de espaços me calhava o ginásio, tinha a possibilidade de utilizar o espaço exterior para abordar modalidade incompatíveis com o ginásio, estando

também dependente das condições meteorológicas, fazia com que aquilo tinha planeado naquele momento teria que ser alterado, tendo arranjado outras alternativas.

No que concerne ao material, era fundamental saber com antecedência que material a escola tinha para as várias modalidades, pois só com o levantamento e conhecimento prévio do material era possível planejar e preparar as aulas, o que o fiz, junto com o senhor Vítor no início do ano letivo. No que toca à turma, só era possível planejar e estruturar as matérias consoante as características dos alunos que tinha.

Na verdade, podem surgir e surgiram de facto situações impossíveis de serem contornadas, e são nesses momentos que nós temos de nos adaptar. Portanto, é fundamental realizar um planeamento que esteja adequado ao contexto real de escola, ao material, aos espaços disponíveis e às características do aluno. Ao longo do EP, existiram alguns constrangimentos que me obrigaram a uma adaptação do planeamento, estando relacionadas com as condições meteorológicas, às infraestruturas desportivas e ao material.

Deste modo, o planeamento deve ser uma organização de ideias e de informação, para desta forma ser reajustado, sendo que durante o mesmo nunca me prejudiquei, nem aos alunos neste sentido, e como os espaços eram mudados semanalmente, acabei por alternar durante o ano uma modalidade coletiva com uma modalidade individual, ou que esta não fosse jogada com bolas. Estas mudanças permitiram-me crescer, melhorar a minha capacidade de adaptar-me às situações, de reagir às circunstâncias do momento.

4.1.2.1 Plano Anual

No início do ano letivo, foi-nos proposto que elaborássemos o *Plano Anual* (PA), assinalando a distribuição das modalidades, respetiva carga horária e os espaços já estabelecidos, recorrendo ao PAGEF, ao calendário escolar e ao calendário de atividades. O PA, foi a primeira etapa para a preparação do ensino, onde a colaboração destes documentos, proporcionassem uma maior orientação

do planeamento dos conteúdos das diferentes modalidades e na realização da respetiva calendarização.

O *Plano Anual Geral de Educação Física* (PAGEF) foi-nos entregue pela PC numa das primeiras reuniões de NE. Não tive nenhum envolvimento, nem opinião, pois já tinha sido realizado pelo GEF. O PAGEF continha as modalidades a lecionar em cada período, alguns conteúdos, estabelecidas para cada ano de escolaridade, bem como a respetiva carga horária. No caso da minha TR, as modalidades delineadas foram as seguintes: Atletismo (12), Basquetebol (12), Badminton (11), Ginástica (12), Tag-Rugby (12), Futebol (12), Andebol (12), Dança (8) e Aptidão Física (8).

A carga horária e o número de aulas estipulado para cada modalidade sofreram ao longo do ano pequenas alterações, principalmente a partir do final do segundo período, devido à pandemia. O PA teve de ser ajustado algumas vezes e com ele, as modalidades, fruto de imprevistos, circunstâncias variadas, como por exemplo, pelo pavimento inadequado devido às condições meteorológicas adversas; pelas atividades letivas e não letivas, visitas de estudo ou atividades que não constavam no plano de atividades; pelos feriados nacionais às sextas feiras; mas sobretudo pela situação que hoje vivenciamos da pandemia em que, a partir do dia 13 de março de 2020, todo o planeamento, todo o método de ensino foi forçado a ser alterado drasticamente devido ao ensino à distância. Tendo isto em conta, apresento o número de aulas lecionadas por cada uma das modalidades ao longo deste ano letivo:

Planeamento 2019/2020		
TR - 8ºAno		
1º Período	Aptidão Física	8 aulas previstas 3 aulas lecionada
	Basquetebol	12 aulas previstas 12 aulas lecionadas
	Atletismo	12 aulas previstas 10 aulas lecionadas
	Badminton	11 aulas previstas 8 aulas lecionadas
2º	Ginástica	12 aulas previstas 11 aulas lecionadas

Período		
	Tag Rugby	12 aulas previstas 11 aulas lecionadas
	Futebol	12 aulas previstas 6 aulas lecionadas
	Natação	12 aulas previstas Carga horária não permitiu a deslocação para a FADEUP
3º Período	Dança	8 aulas prevista "0" aulas lecionadas (devido à pandemia)
	Andebol	12 aulas previstas "0" aulas lecionadas (devido à pandemia).

Tabela.1 – Total de aulas lecionadas por cada modalidade

O PAGEF apontava para 39 aulas no primeiro período, e lecionei, 34, no segundo período 38, sendo foram lecionadas 28 e por fim, no terceiro período, iríamos ter no total, 25 aulas e demos apenas em ensino à distância, 10 aulas, devido à carga horária para a disciplina, que contemplava apenas a um bloco semanal com a duração de 30 minutos.

“No meio disto tudo, refleti que 30 minutos de aula sincronizada sabe a pouco, parece que nada foi falado e que de certa forma, havia ainda mais por dizer. Mas neste momento é o que temos, mas qualquer coisa, tenho sempre o WhatsApp para contactar com todos eles.” (DB, 11 a 15 de maio 2020)

As turmas da PC que tinham aulas às terças feiras dispunham da oportunidade de organizar outras atividades relacionadas com a EF e o Desporto, em que profissionais do desporto vinham de fora para falar e demonstrar mais sobre outras modalidades e proporcionar, aos alunos oportunidade de as experienciar.

A minha turma, apesar de não ter tido a oportunidade de experienciar estas atividades, pode ter mais contacto com as modalidades previstas no PAGEF, que, já de si, continha muitas modalidades a lecionar por cada período, fazendo com que as UD fossem muito reduzidas e não permitissem uma aprendizagem mais eficaz e a consolidação dos conteúdos. A justificação para a organização deste planeamento, por parte do GEF, advém do tipo de alunos que a escola tem, que se desmotivam quando são dadas muitas aulas da mesma matéria. Sendo assim, o GEF opta pelo objetivo de oferecer uma vasta experiência aos

alunos e que os meus alunos reconhecem, tal como referem numa das questões do questionário final em anexo.

Contudo, se a variedade de oferta de atividades ao longo do ano letivo faz com que os alunos sejam beneficiados, então poderiam ser acrescentadas outras modalidades para além daquelas acima referidas que fazem parte do currículo dos alunos do 5º ao 9º ano. Embora o número reduzido de aulas não tenha, no seu todo, prejudicado os alunos, na minha opinião, para que estes pudessem melhorar as suas aprendizagens e a consolidação das mesmas, o ideal seria haver um maior número de aulas por cada modalidade.

Em consequência da pandemia, no segundo período, não consegui dar por terminada a UD de Futebol, dando apenas metade das aulas (6), e durante o terceiro período, os alunos não tiveram a oportunidade de exercitar presencialmente as modalidades planeadas pelo PAGEF. Ao longo deste período tentamos proporcionar atividades semanais dinâmicas e lúdicas que se adequassem às modalidades, aos alunos e às suas capacidades e materiais, nomeadamente a Dança com coreografias (2); a aptidão física com circuitos de treino (2); o Andebol com fichas (*quizes*) facultadas pela Escola Virtual (2). Para os alunos de NEE, foram facultados circuitos adaptados dentro das modalidades e das atividades realizadas.

No que concerne às instalações desportivas, o facto de a escola oferecer bons espaços desportivos e materiais para as várias modalidades, possibilitou ter sempre um espaço apenas para mim, o que me permitiu organizar melhor as aulas e, proporcionar um bom empenhamento motor a todos os alunos. Deste modo, a planificação para a preparação do ensino para este ano letivo proporcionou uma melhor gestão e organização da disciplina, inclusive nas circunstâncias em que houve a necessidade de modificar o PA.

4.1.2.2 Unidades Didáticas

O PA subdivide-se em fases, cada uma delas contendo diferentes unidades de ensino. A construção das *Unidades Didáticas* (UD) sucede então ao programado no PA. A planificação de cada UD tem de ser bem pensada de forma a que esta

seja adequada a cada turma, pois é a base que orienta e auxilia a ação do professor e do processo de ensino-aprendizagem, bem como a preparação das aulas. É um processo fundamental e a sua lógica de organização e progressão deve ser coerente e não uma simples distribuição de conteúdos. Lembro-me de ouvir isto várias vezes pela PC e pelo PO.

“... ao construir as mesmas fui ler o programa de educação física do 8º ano, para me ajudar a perceber que conteúdos tenho de dar (...) Mesmo tendo feito esta procura e revisão, achei por bem mostrar à professora para verificar se estavam corretos. (...) Sou sincera, tive dificuldades na elaboração destes documentos; comecei a entrar em stress com tanta coisa para fazer e acabei por bloquear inúmeras vezes. (DB, 11 setembro 2019)

Este documento envolve as habilidades motoras em termos de conteúdos técnicos e táticos. Envolve, para além disso, uma abordagem à cultura desportiva da modalidade, tendo em conta a sua história e regulamento. Envolve ainda, os parâmetros alusivos à condição física, aos conceitos psicossociais, aos valores inerentes às modalidades em questão. Este documento também está sujeito a alterações, sempre que o professor assim achar necessário, tendo em contas as necessidades e características dos alunos. Dado que cada aluno se desenvolve de maneiras diferentes perante certas aprendizagens, temos que encontrar um equilíbrio no seu planeamento que acolha estas diversidades.

4.1.2.3 Modelo de Estrutura do Conhecimento

A construções das várias UD(s) tiveram como orientação o *Modelo de Estrutura do Conhecimento* (MEC), criado por Vickers (1990). Este modelo que serviu de guia para um ensino mais objetivo, possui uma estrutura facilitadora da ação educativa, interligando o planeamento com a teoria e a PP através de um conjunto de diretrizes sustentadas. Na minha opinião, o MEC serviu para me orientar em todas as vertentes e ajudar-me a lidar com toda a informação que faz parte da PP, e a superar as minhas debilidades de conhecimento das matérias acerca das modalidades.

Este modelo é constituído por oito módulos e subdivide-se em três fases: a fase da análise (módulo 1,2 e 3), a fase de decisão (módulo 4,5,6, e7) e a fase de aplicação (módulo 8). A fase de análise diz respeito ao contexto específico que

envolve a prática, nomeadamente a instituição de ensino e a caracterização dos alunos, bem como o conhecimento de cada categoria transdisciplinar. Na fase das decisões, é determinada a extensão e a sequência dos conteúdos, determina-se os objetivos, caracteriza-se a avaliação e cria-se progressões de aprendizagem ajustadas aos alunos, para que a turma possa alcançar os objetivos definidos. Por fim, a fase de aplicação em contexto de aula concretiza o planeamento das UD(s).

Elaborar cada um destes documentos, foi sem dúvida difícil e uma das minhas dificuldades, principalmente no que concerne aos conteúdos que deveria lecionar em cada uma das modalidades, pelo défice que trazia no conhecimento das várias matérias, principalmente no que toca às modalidades coletivas, pois não se ensina aquilo que não se conhece. Tomando como guia os programas de cada ciclo, bem como procedendo ao estudo em cada uma das modalidades, construí as sebentas e beneficiei do apoio da PC na realização de todos os documentos.

“... como a professora Helena transmitiu e com toda a razão, apesar de já ter o controlo da turma, necessito de estudar mais sobre a modalidade, dominar os conteúdos, transmitindo as componentes críticas de cada exercício/conteúdo, para que servem e quando se deve aplicar. Se colocar isto em prática não me vou esquecer daquilo que tenho de transmitir, o que ajudará também a não perder o controlo e confiança da minha turma, bem como me ajudará na intervenção durante a execução dos exercícios. Como tarefa para as próximas aulas, decidi fazer uma pequena sebenta de apoio das modalidades, como forma de aprender mais sobre as mesmas, principalmente daquelas que tenho mais dificuldade.” (DB, 25 setembro 2019)

Ao desenvolver cada um dos documentos, tive de ter em conta os conteúdos, os objetivos de aprendizagem, os espaços disponíveis, o número de aulas previstas, a fim de distribuir os conteúdos pelas aulas e definir as funções didáticas de cada aula, definir o modelo de ensino a abordar e verificar os materiais necessários para as aulas. Tentei não ser muito ambiciosa em relação aos conteúdos, por um lado, pelo facto de as UD(s) serem curtas e, por outro, por querer beneficiar os conteúdos mais adequados à minha turma.

“Como ensinar uma temática em poucas aulas e agora conseguir avaliá-los, querendo ao mesmo tempo corrigir e ensinar-lhes a matéria. Tem sido um pouco difícil planear as aulas de Atletismo, tanto para a turma partilhada (6ºA), como também para a minha turma (8ºC), pois as

turmas têm duas aulas apenas para aprender cada temática e serem avaliados, o que torna difícil conseguir transmitir tudo numa só aula e conseguir com que eles realizem aquilo que eu pretendo, dentro da temática em questão.” (DB, 15 outubro 2019)

“Tenho pena que esta unidade didática tenha tão poucas aulas, impossibilitando e dificultando as aprendizagens dos alunos na mesma, pois a turma acaba por não consolidar nenhuma das temáticas, apenas a experiência. Por outro lado, esta situação não me permite intervir mais nas aulas, principalmente com os alunos que têm mais dificuldade na realização dos conteúdos. Apesar de todos os alunos realizarem, nem sempre de forma correta, em apenas duas aulas, não consigo chegar a todos de forma a que todos melhorem a sua performance. Visto que o planeamento das aulas já se encontra feito, nestas situações tenho de arranjar uma estratégia com um foco principal em conseguir que os alunos com mais dificuldades saiam da aula a executar da melhor maneira e que gostem do que estão a fazer.” (DB, 23 outubro 2019)

Admito que por vezes era necessário diminuir ou aumentar os conteúdos, bem como as aulas de exercitação, levando sempre em consideração a minha turma, cuidando de sequenciar o desenvolvimento das UD(s) do mais simples para o mais complexo, introduzindo os conteúdos mais simples e depois mais tarde, os conteúdos mais complexos. De uma forma geral, foi quase sempre privilegiado o trabalho em equipas, com o intuito de aumentar o tempo de exercitação, bem como potenciar as aprendizagens entre eles e os valores inerentes a cada uma das modalidades.

No decorrer do ano, as UD(s) foram sendo elaboradas com mais facilidade, assim como os outros documentos, melhorando a minha eficácia e conhecimento das mesmas. Isto foi possível, devido ao meu esforço e estudo constante e devido à ajuda da PC e do PO, assim como às reflexões realizadas sobre as aulas. No entanto, considero que a UD é e foi, sem dúvida, uma ferramenta essencial para a minha PP, pois envolvia todos os ingredientes que permitiram criar as situações de aprendizagem, tendo em consideração a progressão dos alunos e a consequente melhoria do processo de ensino-aprendizagem.

4.1.2.4 Plano de Aula

O *Plano de Aula* (PDA) aparece como o último nível de planeamento, após a elaboração do PA e das UD(s). O PDA é o mais específico dos três, sendo o elo mais estreito entre a planificação e a realização. É de facto o documento

essencial para a PP do professor, o guia da sua ação, uma vez que indica os objetivos da aula, as situações de aprendizagem, tendo em conta aquilo que deve ser exercitado, os critérios de êxito que o professor deve ter em atenção, de modo a não se desviar do objetivo da aula. No fundo, os documentos acima referidos, principalmente a UD, deram-me a informação necessária daquilo que tinha de desenvolver no PDA. Este, por sua vez, guiou-me naquilo que iria lecionar de forma a atingir o objetivo da aula e procurar responder às diversas situações que poderiam ocorrer ao longo desta.

Quando o professor elabora o PDA, deve ter em conta quais os métodos de ensino mais adequadas às características dos alunos, quais as estratégias que melhor se adequem às mesmas. Sendo responsável pelo conteúdo que irá lecionar e por guiar os alunos no processo de aprendizagem, cabe ao professor aumentar a probabilidade de obter sucesso nas aulas, por forma a que os alunos consigam perceber a importância do que está a ser ensinado.

“Nesta primeira aula de atletismo, adicionei logo o salto de tesoura. Talvez para a primeira aula tenha sido complexo para os alunos e um pouco difícil de realizarem. Ou seja, o meu planeamento não foi o mais indicado, quando adicionei a técnica do salto de tesoura nas estações. Devia de ter planeado a aula, apenas para abordar os conteúdos/fases do salto em altura e depois sim, na próxima aula adicionar o salto completo de tesoura. (...) Esta aula foi mais uma aprendizagem, não só no planeamento, mas na organização da mesma. Para além de estudar e de aprender mais sobre as modalidades, quando estiver a realizar os próximos planos, tenho de refletir sobre os mesmos e planejar de acordo os objetivos da aula, começando sempre do mais simples e aumentando a sua complexidade.” (DB, 1 outubro 2019)

A estrutura do PDA que usei foi facultada pela PC; no entanto, tínhamos total liberdade em alterá-lo, sendo que cada um dos EE criou o seu próprio modelo, desde que nele constasse um cabeçalho, indicando o número de aulas e da sessão, hora e data, espaço da aula, UD correspondente, as funções didáticas, ano, turma, o número de alunos, o material necessário e o tempo da aula, na sua duração total e tempo útil. Há um segundo cabeçalho onde se definem os objetivos da aula. Sendo esta composta por três momentos, parte principal, parte fundamental e parte final, no corpo do PDA, surge então descrito em colunas o tempo de exercitação, situação de aprendizagem, objetivos comportamentais,

componentes críticas e por último, a organização da turma, que auxilia o professor durante a própria aula.

A parte inicial da aula destinava-se à preparação para a atividade precedida habitualmente, de forma clara e breve, pelo controlo das presenças da turma, pela apresentação da aula e ou da modalidade em concreto, dos conteúdos e seus objetivos, ou então pela revisão dos conteúdos anteriores, para fazer ligação ao que se ia lecionar. Poderia aqui ser referida a forma como iríamos trabalhar, falando dos modelos de ensino, no caso do MED, MEJC e do MAC, assim como, através da comunicação e questionamento dos alunos, organizávamos as equipas e explicávamos as diferentes funções que os elementos da equipa podiam assumir. Dentro desta parte, estava também a ativação geral, onde os exercícios relacionados com o desenvolvimento de capacidades motoras coordenativas e condicionais, ou mesmo relacionados com a modalidade a abordar se iam articular com a parte fundamental da aula. Ou seja, durante esta fase inicial, pretendia informar os alunos e, ao mesmo tempo, criar as condições para os envolver ativamente no processo de ensino-aprendizagem.

A parte fundamental é a parte mais longa da aula, composta pelos exercícios mais específicos relacionados com os conteúdos da aula, sejam eles conteúdos novos a introduzir ou conteúdos a exercitar e aperfeiçoar, tentando que esta parte tivesse uma sequência de progressão lógica dos exercícios, terminando a mesma, normalmente, com jogo formal ou um jogo lúdico. Por último, a parte final, era dedicada ao retorno à calma, à arrumação do material. Nesta parte, era realizado o balanço da aula, passando pela revisão dos conteúdos, pelo esclarecimento de dúvidas e por vezes, pela realização de perguntas, por forma a perceber o grau de conhecimento dos alunos e, ao mesmo tempo, recolher elementos para que os pudesse avaliar e verificar se estes tinham estado atentos aos que fora dado e mencionado durante as aulas.

A elaboração dos PDA foi um grande desafio, agravado pelas dificuldades presentes na própria construção e idealização dos planos, o que me obrigou a despendar muito tempo e dedicação na construção de cada PDA, na escolha

das situações de aprendizagem, na formulação dos objetivos para a turma, pois uma das minhas preocupações era adaptar os exercícios às capacidades dos alunos e aos alunos com NEE e torná-las motivantes, pois a turma não gostava muito de estar a realizar a mesma tarefa durante muito tempo. Por isso, foi importante utilizar momentos lúdicos, a competição, o jogo, assim como os modelos de ensino acima referidos.

Sei que, ao longo do ano, as coisas foram melhorando e que fui aprendendo muito na construção de cada um dos planos, pois quando inicialmente planeava as aulas, planeava como se cada uma delas fosse diferente, de forma isolada. Aos poucos, acabei por modificar tudo isto, realizando as aulas como um todo, rumo ao objetivo da UD, o que se tornou mais fácil de lecionar. Ao mesmo tempo, achava importante cumprir o plano à risca, consultava muitas vezes o plano com medo de me esquecer de algo e de afetar o tempo de exercitação. Os exercícios, muitas vezes, eram dados a correr, por, no início, ter dificuldade em gerir o tempo da aula e dos exercícios. Não tinha a consciência e a capacidade para determinar os tempos ajustados para a execução dos exercícios e, muitas vezes, não conseguia cumprir com os tempos estipulados no PDA. Mas ao longo da PP, esta gestão foi melhorando, vendo as maiores dificuldades ultrapassadas no final do primeiro período e conseguindo assim prestar mais atenção e intervir mais com os alunos, proporcionando mais feedbacks e correções.

Tudo aquilo que fui conseguindo ao longo do ano, foi graças ao esforço diário e não só. Apesar das dificuldades, o facto de estar com os meus alunos e de os ensinar motivava-me a estar ali para fazer mais e ser melhor, por mim e para eles. Investi muito no planeamento, pesquisei, estudei cada uma das modalidades para saber ensinar aos meus alunos e ser competente nas aulas. Pedi sempre ajuda à PC, que me deu um apoio constante. Para além de me corrigir os PDA, falamos muito sobre as minhas aulas, sobre a minha ação com a turma, sobre aquilo que eu fizera e o que deveria melhorar. Questionava-a sobre muitas coisas e tudo isso ajudou-me a crescer e a melhorar a minha intervenção na turma. E, aos poucos, fui recuperando este atraso que tinha, estas dificuldades que apresentava. Tive sempre um cuidado no planeamento,

com o intuito de chegar a todos os alunos, em particular, aos alunos de NEE, fazendo um esforço enorme para os incluir em todas as atividades da turma.

Todo este processo e estas estratégias fizeram com que melhorasse o processo de ensino, conseguindo motivar os alunos para a prática, proporcionando momentos de prazer, visto que os alunos aprendem melhor quando estão motivados e quando fazem parte da aula. A minha preocupação foi sempre constante, não para chegar à perfeição, longe disso, mas para chegar aos alunos e de os ensinar ao mesmo tempo que eu mesma me via a aprender. Em todas as aulas existiam sempre imensas dúvidas e questões que me afligiam, mas ao refletir tudo isto no meu DB juntamente com o feedback recebido dos alunos e da PC, elas iam aos poucos desaparecendo, pois a pouco e pouco as respostas estavam ali, com soluções para melhorar a minha PP, para criar aulas diferentes e desafiantes, para manter os alunos motivados e empenhados nas tarefas.

Refletir sobre todos os momentos das aulas e sobre a escola foi, sem dúvida, uma grande ajuda. Permitiu tirar algo mais, refletir sobre a minha atuação, a turma, o aluno; permitiu ter espírito mais crítico, ter mais capacidade de analisar as coisas mais pormenorizadamente, interpretar as coisas de uma forma mais realista, encontrar situações alternativas para ultrapassar todos os problemas diagnosticados. Foi importante perceber o que acontecia, o que corria mal, o que poderia correr bem e o que tinha de ser melhorado, para planear as coisas com eficácia e não só. Foi importante conhecer os alunos, os comportamentos, formas de estar, e as relações dentro e fora da aula, pois estamos num ano de aprendizagem, em que as quedas são constantes, porque ninguém sabe tudo e não nasce ensinado. Todos os dias são dias de aprendizagem.

4.1.3 Realização do Ensino: O meu trajeto

“Os alunos são o centro do investimento enquanto professores iniciantes”
(Batista, 2014, p. 35)

Este ano letivo foi um ano cheio de desafios, preocupações, medos e superações. Pela primeira vez senti na pele o que é ser docente e como é difícil e trabalhoso, neste caso, tentar ser um bom profissional. Começamos a perceber

que o processo de ensino é diferente e complexo, devido ao contexto em que nos encontramos, aos alunos, às regras, aos objetivos que temos para cada um deles e a tudo o que o ensino envolve. Após conhecer o contexto social onde a escola estava inserida e de saber um pouco mais sobre a turma, a partir do conselho de turma, nas reuniões que antecederam o início das aulas, uma das minhas preocupações era também a turma em si e o controlo que teria de ter sobre ela. Lecionar numa turma heterogénea, dita indisciplinada e com cinco alunos com NEE, de certa forma, assustou-me e deixou-me muito preocupada e com dúvidas de mim mesma.

4.1.3.1 O Primeiro Impacto

De acordo com as normas orientadoras (p4.) a realização do ensino tem como objetivo *“conduzir com eficácia a realização da aula, atuando de acordo com as tarefas didáticas e tendo em conta as diferentes dimensões da intervenção pedagógica”*. Sendo assim, após planeamento inicial, comecei a trabalhar para a tarefa seguinte, colocar todo o planeamento em prática. As primeiras aulas que lecionei foram difíceis para mim. Tive que iniciar de uma forma mais firme para com a turma, para os ter comigo. De certa forma esta fase da realização do ensino foi dos momentos mais importantes, motivadores e significativos, uma vez que foi o ponto alto de todo o meu envolvimento no EP. Ela veio trazer de volta uma parte de mim que conhecia, o facto de gostar de crianças, mas fez emergir também uma outra parte que ainda desconhecia, e me fez crescer a nível pessoal e, acima de tudo, a nível profissional, conseguindo dentro das minhas duvidas, incertezas e insucessos, momentos de conquistas alcançadas e de alegria com a minha turma.

“Para mim é impossível compreender o ensino sem o aprendizado e ambos sem o conhecimento. No processo de ensinar há o ato de saber por parte do professor. O professor tem de conhecer o conteúdo daquilo que ensina. Então para que ele ou ela possa ensinar, ele ou ela tem primeiro que saber e, simultaneamente com o processo de ensinar, continuar a saber por que o aluno, ao ser convidado a aprender aquilo que o

professor ensina, realmente aprende quando é capaz de saber o conteúdo daquilo que lhe foi ensinado.”

Paulo Freire (2003 cit. por Schram & Carvalho, s.d., p. 8)

A minha atuação durante o EP foi muito centrada nos alunos. Senti muitas dificuldades em concretizar as várias fases que compõem o planeamento, nomeadamente as UD(s) e os PDA, principalmente das modalidades desportivas coletivas, mas isto não me fez perder a vontade de continuar este percurso. Em vez de me fazer pensar em desistir fez-me ir à luta e à procura de dar a volta aos desafios encontrados. Claro, com a ajuda dos livros, esforço constante para recuperar o atraso que trazia, com as observações das aulas dos meus colegas do NE e da PC e com as indicações e conselhos da PC, que foram constantes, continuei a estudar, a pesquisar, a criar as minhas sebentas. Desta forma, encontrei a confiança e o conhecimento necessário para conseguir transmitir aos alunos e passar a preocupar-me em ajudá-los e a procurar soluções para corrigirem os seus erros e dificuldades. E assim fui alterando o método e estilo de ensino, maximizando o ensino dos conteúdos, mas sempre valorizando a parte social e relacional da turma.

Como não dominava tão bem os conteúdos a lecionar, como disse anteriormente, foquei-me nas relações interpessoais com a turma, criando laços de afetividade que acabaram por depois proporcionar um bom trabalho. A turma que me foi atribuída tinha algumas características que a restringiam em relação às suas práticas. Para além de ser uma turma heterogénea, ainda eram muito imaturos; distraíam-se muito facilmente; alguns não estavam motivados para a prática da atividade física, o que fez com que o seu empenho fosse menor, não realizando muitas vezes o que lhes era pedido. Existiram alguns focos de comportamentos desviantes que foram resolvidos em todas as aulas ao longo do ano. Por todos estes motivos, considerei que a turma, numa primeira fase, tinha de adquirir regras de trabalho, de funcionamento e comportamento durante as aulas. Por isso, a minha postura de início foi muito firme e, após a aquisição dessas regras, ao longo dos períodos, foi possível “libertar” a turma durante as

aulas e dar mais autonomia e responsabilidade na realização das tarefas, de modo a que as aulas para eles fossem também assumidas como aulas deles.

O processo foi marcado por altos e baixos. A turma era composta por vinte alunos, dos quais, cinco tinham NEE e um deles movimentava-se de cadeira de rodas, acompanhado por uma assistente operacional, A.D. O planeamento, por vezes, foi um pouco difícil, pensar no que queria que os alunos conseguissem fazer e criar uma situação que permitisse adequar cada tarefa ao nível dos alunos, às capacidades de cada um, incluindo assim os alunos com mais dificuldades, com NEE, e mais concretamente, o caso do RC.

“Em relação aos meus planos, tenho de ter em conta a pequenos pormenores transmitidos pela professora. Em relação ao RC tenho que apenas construir o plano para a turma e dentro dos exercícios deles, adaptar consoante as necessidades do mesmo. Foi-me transmitido também que tenho de estudar mais sobre a modalidade, estudar como se faz, e se aplica, aproveitando as componentes críticas do mesmo. Necessito também de organizar melhor as equipas, pois estas estão desequilibradas e há alunos que não podem estar no mesmo grupo, ou seja, na próxima aula, tenho de ter mais atenção neste aspeto também.” (DB, 25 setembro 2019)

Colocar tudo em prática foi um “quebra cabeça”. Centrando-se a minha preocupação na rentabilização do tempo de aula e de tudo o que nele faz parte, principalmente nas aulas de 45 minutos, para conseguir uma boa gestão de aula, normalmente, montava as aulas e colocava todo o material que ia utilizar dentro do espaço de aula durante o intervalo, por forma a estar pronta a receber os alunos. Tínhamos a rotina da chamada inicial, da verificação de objetos que não faziam parte da aula. No final de cada aula arrumavam o material em equipa. Estas regras e rotinas estabelecidas desde o início do ano letivo e que são comuns a todas as aulas foram complementadas com algumas estratégias que fui encontrando e introduzindo nas aulas de forma a proporcionar mais tempo de aulas aos alunos e de facilitar a minha intervenção. A turma, de acordo com as modalidades, era dividida em equipas. Costumava definir as equipas quando os alunos entravam na aula, distribuindo os coletes em função da cor da respetiva equipa.

“No fim da aula, enquanto estes mudavam de roupa, refleti sobre a mesma e sobre o plano e acho que demorei muito tempo na minha instrução, como também devia de ter feito

apenas um simples aquecimento para todos a campo inteiro, colocando dentro do mesmo conteúdo de aptidão física e não aquilo que fiz hoje nesta aula, pois as aulas de 45 minutos passam a voar. Tenho de ser mais simples no meu planeamento principalmente nas aulas de 45 minutos, dando foco no jogo final. Sei que há muitos aspetos que tenho de melhorar e aperfeiçoar e esta semana serviu para isso mesmo, não só para avaliar os alunos na modalidade, mas para me avaliar, na minha performance, no meu planeamento e gestão da aula.” (DB, 27 setembro 2019)

Rosado e Mesquita (2018, p. 70) afirmam que *“a transmissão de informação é uma das competências fundamentais dos professores e treinadores, sendo evidente a sua importância na aprendizagem”*. De facto, na nossa profissão, a comunicação é interpretada como instrução pedagógica, envolvendo nestas várias estratégias que utilizei para comunicar com os alunos durante as aulas, como a *instrução*, o *feedback*, o *questionamento* e a *demonstração*.

O *tempo de instrução* foi também algo que fui trabalhando nas minhas aulas. Dava muita informação inicialmente e, quando esta era longa, tornava-se difícil para mim manter os alunos atentos; assim como era também difícil para eles manterem-se atentos. Resultava daí o surgimento de comportamentos desviantes, como também acabava por deixar de ser objetiva na minha instrução, alienando o objetivo de fazer com que os alunos percebessem o que lhes era pedido e que ao mesmo tempo questionassem em caso de dúvidas. Querendo garantir que a turma estivesse comigo e atenta à informação, com o tempo, fui treinando o que queria dizer. Diminuí o tempo de instrução, ia dando a instrução conforme a necessidade, utilizando uma linguagem mais adequada à turma e às minhas capacidades também. Passei a utilizar palavras chave e a enfatizar as componentes críticas, sendo que ambas foram uma grande ajuda para poder transmitir a melhor informação aos alunos.

Rosado e Mesquita (2018) afirmam que *“não basta o aluno estar atento, receber informação e retê-la. É necessário que o aluno aceite, compreenda e que adira afetivamente a situações de aprendizagem propostas”*. Comecei, então, a ter a atenção dos alunos quando comecei a ser mais coerente naquilo que dizia, estimulando também a comunicação da parte deles, para estarem mais envolvidos nas aulas, sendo que este processo foi gradual e permitiu que as aulas e a minha intervenção com cada um deles, fosse mais dinâmica.

No início da PP, a minha preocupação passava pela *gestão e o controlo da turma*. Não intervinha com os alunos quando era necessário nas diversas partes da aula. Com o tempo e após a receção de vários feedbacks e orientações da PC, isso foi mudando. Comecei a ser mais interventiva. Não sendo sempre bem conseguidos, os feedbacks passaram a fazer parte da minha ação. Ao longo do processo, consegui perceber aquilo que poderia melhorar para poder transmitir da melhor maneira ao aluno, para obter um resultado positivo da sua ação motora na tarefa. *“O conhecimento da performance remete para a informação centrada na execução dos movimentos, ou seja, para o processo; enquanto o conhecimento do resultado se refere à informação relativa ao resultado da execução da habilidade”* (Arnold, 1981 cit. por Rosado & Mesquita, 2018, p. 82).

4.3.3.2 Conhecimento

“É o professor o condutor do processo de ensino e aprendizagem. É a ele que compete criar as condições para que se efetive a apropriação do conhecimento e de desenvolvimento de competências para a vida por parte dos alunos” (Rodrigues, 2015, p. 95). Sabendo que o *conhecimento* é, de certa forma, uma parte da natureza do ser professor e que de facto essa era a minha fragilidade, a procura constante e o estudo que me desse alguma bagagem, competência e domínio nos conteúdos e detalhes em algumas modalidades permitiram que me focasse no jogo, naquilo que nele acontece, privilegiando o feedback na correção das ações táticas e depois a nível técnico, principalmente para com os alunos com mais dificuldades na concretização de algumas habilidades, bem como com a própria equipa, a partir do feedback coletivo. Sempre tive o cuidado de dar fecho ao meu feedback, observando os alunos após a minha intervenção de forma a perceber se realmente o feedback que dei foi o mais adequado a cada aluno, pois nem todos eram iguais. Perceber se este realizou corretamente e se percebeu também e a razão pela qual é realizado daquela maneira e não de outra. Ou seja, fui utilizando o feedback e ajustando-o às características de cada aluno, de forma a conseguir retirar o melhor de cada um e obter um clima melhor de aula, uma melhor relação com os alunos e uma aula mais fluida.

Como tinha já uma boa relação com a turma, mesmo quando os alunos realizavam as habilidades corretamente, já se verificava uma resposta positiva da ação motora por parte dos alunos com mais dificuldade. Quando verificava um trabalho em equipa, quando aqueles alunos mais tímidos e com mais dificuldades, mesmo com medo, realizavam algo, utilizava o feedback positivo, “muito bem!”, “tu és capaz”, “esse movimento ainda não está correto, mas tenho a certeza que és capaz de realizá-lo melhor”, por forma a cativá-los, a motivá-los; por forma a obter ainda mais deles, porque de facto eles eram capazes de mais e melhor. Com o tempo, senti que melhorei o meu feedback, tornando-o mais coerente, mais específico para cada situação e apropriado a cada aluno e mesmo à turma, fazendo do aluno o ponto fundamental da PP, realçando a partir do feedback interrogativo uma reflexão sobre a sua prática, com o intuito de consciencializá-lo sobre o que está a fazer e o que pode melhorar para atingir aquele patamar ou a ação desejada.

Durante a lecionação das várias modalidades, na apresentação das tarefas, incluía a *demonstração*, utilizando os melhores alunos ou os mais aptos para tal, bem como meios audiovisuais tornando este processo mais claro e objetivo. Rosado e Mesquita (2018, p. 96) garantem que *“o uso associado de diferentes estratégias instrucionais, nomeadamente na apresentação das tarefas motoras, em conformidade com a natureza específica das habilidades de aprendizagem e o nível de desempenho dos praticantes, revela-se particularmente eficaz”*. Assim sendo, acabei por utilizar este método diversas vezes, pois, a meu ver, foi fundamental nas aulas para o envolvimento dos alunos no processo de ensino-aprendizagem.

“Dando continuidade à aula, tentei durante a mesma usar não só a instrução, mas também a demonstração em cada um dos exercícios, escolhendo o CR, sendo o melhor executante nesta unidade didática.” (DB, 2 outubro 2019)

“Aproveitei esta aula para mudar um pouco a forma de as começar apresentando um pequeno vídeo sobre a temática, com o objetivo de dar aos alunos outra perceção para a aula, e também que estes tivessem a oportunidade de visualizar um momento real de uma prova, neste caso sobre a temática presente. Na minha opinião, acho importante utilizar estes meios, pois os jovens estão cada vez mais focados nas novas tecnologias, e utilizar este meio como forma de transmitir e de mostrar um pouco sobre as modalidades é uma das maneiras de os

cativar para a prática e, quem sabe, pelo gosto de visualizar futuras provas ou jogos.” (DB, 23 outubro 2019)

De facto, nem sempre fui bem-sucedida, pois a turma tinha poucas bases e dificuldades. Mesmo assim, ajudou-me a que a maioria da turma percebesse o objetivo daquela tarefa ou daquele movimento. Com o uso do *questionamento* pretendia que os alunos percebessem o porquê de realizar aquele movimento e ao mesmo tempo *“verificar o grau de conhecimento que os alunos têm da informação transmitida, desenvolver a capacidade de reflexão, solicitar apreciação, realizar o controlo dos aspetos de carácter organizativo, aumentar a frequência de interações entre professor e aluno, melhorar a motivação e o clima, a instrução, a gestão e a disciplina nos diversos contextos educativos”* (Vacca, 2006 cit. por Rosado & Mesquita, 2018, p. 101). A utilização do questionamento foi uma das estratégias que permitiu melhorar as minhas aulas. Permitiu também uma maior participação dos alunos nas aulas, bem como a perceção do seu nível de conhecimento e daquilo que lhes foi ensinado, levando-os a refletir também.

O questionamento foi importante também para tomar consciência do meu ensino. Utilizava-o de várias maneiras e em vários momentos, não havia momentos específicos. Fui percebendo isso durante as aulas. Percebi que utilizava no início das aulas, durante a instrução das tarefas, quando colocava questões sobre a execução ou sobre os objetivos das habilidades motoras. Como utilizava também no final das aulas, em que se tornou uma rotina fazer o balanço da aula, a revisão dos conteúdos, de forma a perceber se realmente a turma tinha entendido o que lhes tinha sido transmitido. Isto permitiu observar o envolvimento dos alunos nas tarefas, como avaliar a minha instrução, percebendo e refletindo que nem sempre era compreendida, fazendo com que eu tivesse que mudar a forma de verbalizar melhor a minha instrução.

Rosado e Mesquita (2018, p. 98) apontam que, *“com alguma frequência, deverá ser o professor a fazer a demonstração, já que isso pode contribuir para criar uma imagem mais positiva de si e da atividade desportiva em causa.”* Nem sempre demonstrei ou fui capaz de demonstrar. Apenas demonstrava nas modalidades em que me sentia mais à vontade. Se não me sentisse com confiança suficiente para tal, as demonstrações eram realizadas por alunos e,

no caso de ações táticas, por um grupo de alunos que algumas vezes as demonstravam de forma faseada, de modo a chegar a todos os alunos. O uso de alunos é uma excelente opção, apesar de nem todos os alunos terem a coragem para se expor perante os colegas. Mas, de facto, a demonstração e o questionamento foram boas estratégias tanto para o ensino de ações técnicas como táticas à minha turma, permitindo também uma interação constante entre os alunos, e entre mim e os alunos, tornando as aulas, um momento dinâmico e focado nos alunos.

O EP é um momento de formação e reflexão continua. *“A capacidade de reflexão confere poder aos professores e proporciona oportunidades para o seu desenvolvimento”* (Oliveira & Serrazina, 2002). O questionamento permitiu aumentar a capacidade de reflexão do aluno, a sua envolvimento e empenho nas aulas, ajudando-o na concretização das tarefas. O questionamento permitiu-me a mim também refletir sobre todas estas questões dentro e fora do contexto de aula, sobre todo o processo e o meu papel de docente nesta turma.

“O conceito da prática reflexiva surge como um modo possível dos professores interrogarem as suas práticas de ensino. A reflexão fornece oportunidades para voltar atrás e rever acontecimentos e práticas” (Oliveira & Serrazina, 2002, p. 1). Nem sempre foi fácil escrever aquilo que pensava. Senti dificuldades em expressar na escrita o meu pensamento, mas foi algo que tive que trabalhar e acho que aos poucos fui conseguindo chegar lá. Ou seja, consegui partilhar, de certa forma, tudo aquilo que acontecia, os sentimentos, as frustrações, os problemas, os erros, os sucessos; consegui refletir sobre a minha atuação. Acho que fui sempre muito crítica e realista sobre tudo aquilo que acontecia, permitindo-me analisar constantemente todo o processo, conseguindo de certa forma propor situações alternativas para ultrapassar todos os problemas que diagnosticava durante o EP.

“Ainda continuam a acontecer algumas coisas menos boas na turma como a aceitação da deficiência do CS, o aluno autista e isso afeta-lhe a ele e a relação que tem com a turma e vice-versa, bem como a sua motivação durante as aulas. Sei que isto acontece nas outras aulas, chegando a fazerem-lhe bullying, pois mantenho o contacto com as professoras e a DT, o que me permitiu falar com eles e abordá-los antes de irem para casa sobre o assunto e sobre as

consequências dos seus atos. Faz parte das minhas funções intervir quando algo acontece nas minhas aulas ou fora delas, seja positivo ou negativo, por isso decidi agir e dar-lhe uma perspetiva diferente, por forma a aceitarem-se uns aos outros e aprenderem a lidar com a diferença.” (DB, 21 a 24 janeiro 2020)

Aliando esta dupla entre mim e o contacto constante com a DT, foram implementadas regras e rotinas de modo a tornar os alunos mais autónomas e de perceberem o limite de onde poderiam chegar, do que podiam ou não fazer nas aulas ou fora delas, acompanhando esta com a *comunicação, a partilha*, o ponto chave que encontrei dentro da turma e que fez com que a minha experiência de vida, mudasse um pouco cada um deles, a sua perspetiva sobre tudo o que lhes rodeava. Durante vários momentos menos bons fui lhes explicando que já estive nas suas posições, não só como estudante, mas a nível pessoal, sei quais são os sentimentos e pensamentos que alguns deles possam ter, pois também tive a mesma vida que eles têm e isso acaba por se refletir nos seus comportamentos e atitudes com a turma e mesmo connosco professores. Acrescentei ainda que continuava a ser aluna, a ser estudante no ensino superior e, em simultâneo, professora estagiária, de facto senti que ao comunicar diariamente com eles consegui chegar à turma, principalmente aqueles alunos que de vez em quando puxavam por mim, aqueles mais difíceis e aqueles mais fechados, consegui desabrochar de alguma maneira a sua autoestima e motivação para fazer algo, para ser alguém.

De facto, a turma era desorganizada, sem regras, muito indisciplinada, o que acabou por resultar numa evolução significativa da minha atuação. Sem dúvida alguma que nem tudo foi perfeito, por vezes recorreram retrocessos nas atitudes manifestadas pela turma, mas eu nunca desisti de tentar incutir aquilo que achava que a turma necessitava, incutir o sentido de responsabilidade e espírito de grupo à turma, nem sempre com sucesso, mas mantendo a persistência na partilha de valores que a educação física e as várias modalidades envolvem.

Acho que em cada momento, fui aprendendo e crescendo ao mesmo tempo, acontecendo o mesmo com os meus alunos, acho que no final, todos nós crescemos e aprendemos. Senti algumas melhorias em relação ao primeiro período, na organização e gestão do ensino e das aprendizagens, como também

na planificação mais adequada à minha turma e às suas características. Os objetivos das aulas começaram a estar mais assentes e mais presentes nos alunos, tendo em conta o objetivo da modalidade em questão, trabalhando com cada um deles, concedendo os devidos feedbacks e como turma no seu todo, não só com o objetivo de aperfeiçoar a técnica, mas dos valores que nelas são importantes.

“O trabalho que tenho tido com as minhas turmas vai um pouco para além das aulas de Educação Física... Ou seja, durante as minhas aulas tenho intervindo e mantendo um diálogo, principalmente com a minha turma residente, por forma a ajudá-los a encontrarem o seu caminho dentro na escola, esperando conseguir chegar ao pensamentos e ao coração de cada um deles, pois quero poder ajudar os meus alunos e que eu seja capaz disso, que eu seja capaz de fazer a diferença, espero que neste período eles estejam mais motivados, mais bem comportados e com outras atitudes nas aulas, não somente nas minhas, mas em todas as outras, por forma a que estas se tornem divertidas e motivadoras.” (Diário de Bordo, 7 a 10 de janeiro 2020)

Relativamente às aulas e, mais especificamente, às minhas práticas, fui adequando o meu nível de exigência ao que esperava que os alunos conseguiam realizar, de certa forma, apesar de ter sido exigente com a turma, como fui comigo mesma, felizmente, ao longo dos meses e da prática das várias modalidades, pouco a pouco a turma começou a partilhar o gosto e a motivação pela atividade física comigo e com os grupos em que se encontravam. Fui sempre realista quanto às capacidades de cada um, mantive os pés assentes na terra e tive uma maior consciência que eles não são atletas, não dominam as matérias de ensino, fazem a disciplina porque está presente no currículo e é de carácter obrigatório, caso contrário, acredito que muitos dos alunos não estariam presentes nas aulas, pois muitos deles no primeiro período encontravam-se muitas vezes no banco sentados a realizar relatórios, o que ao fim do mesmo, tudo mudou, esses mesmo alunos deixaram de estar lá, no banco e estavam na aula, na prática das aulas.

“Nunca deixando as alunas que não fazem a aula de fora, dou-lhes a tarefa de arbitram os jogos finais, trabalhando sempre as regras da modalidade que vamos dando durante as mesmas e como tarefa final escrevem um relatório, não somente da aula, mas da sua experiência como arbitras.” (DB, 18 outubro 2019)

É certo que tive mudar muito as minhas aulas, pelas características apresentadas pela turma, de início foi difícil, tudo era novidade para mim e porque não me

sentia preparada e competente para, houve muitos bloqueios pelo meio, mas conforme fui conhecendo a turma e fui criando aquela ligação com eles, as coisas foram se encaminhando simplesmente e fui dando o meu melhor para motivá-los, para lhes tentar transmitir a informação necessária e criar tarefas às quais atribuam significado para realizar o que lhes era pedido, desenvolvendo as aulas, por forma a que elas sejam deles, que sintam que fazem parte de algo, introduzindo alguns modelos de ensino. Além do saber fazer e dos conhecimentos sobre as modalidades, queria que a turma evoluísse em todas as suas capacidades, de facto, o desenvolvimento da condição física está presente nos programas letivos e, além do ensino das matérias, das habilidades de ensino coletivas e individuais, este aspeto foi alvo de atenção, bem como as mesmos com os alunos com necessidades educativas especiais, com o intuito de os incluir, integrar na turma e que os restantes elementos da mesma o consigam fazer, aceitando-os, ou seja trabalhar dentro das modalidades, a componente sócio afetiva, nestas situações.

A nível das suas aprendizagens, posso não ter tido grande sucesso, a turma no seu todo não obteve grandes progressões a nível da técnica, no entanto, e é algo que desde o início deste desafio tentei sempre trabalhar e desenvolver com a minha turma e que evoluímos de alguma maneira, é que a turma mudou muito a nível das suas atitudes e valores, o que nos ajudou a criar uma boa dinâmica de grupo e equipa nas diversas modalidades, houve mais trabalho de equipa, cooperação, aceitação uns pelos outros, comunicação e acima de tudo inclusão. Houve, no entanto, uma grande aprendizagem por parte de todos, criando assim nas várias unidades a dinâmica do jogo, em que no trabalho em equipa, todos juntos chegariam aos bons resultados e ao sucesso. Tornaram-se mais humanos e responsáveis, por um lado, graças à aplicação de modelos e estratégias que facilitaram no leccionamento das modalidades.

4.1.3.3 A Polivalência dos Modelos de Ensino

Metzler (2000 cit. por Graça, 2015, p. 20) *“advogou a utilização dos modelos de instrução como ferramenta valiosa para o planeamento compreensivo e desenvolvimento coerente do*

ensino. O potencial dos modelos de instrução reside na sua força unificadora para ligar teorias de ensino e de aprendizagem aos procedimentos específicos que os professores pretendem promover no espaço de aula.”

Relativamente aos *modelos de ensino*, considero que não existe um modelo mais adequado ou que nos forneça mais garantias de aprendizagem por parte dos alunos do que outro. Na minha opinião, temos de identificar os aspetos mais importantes em cada modelo e com os quais mais nos identificamos. Temos que “criar” um modelo pessoal, adaptado à nossa realidade, quer dos alunos, quer da escola, que nos leve à aprendizagem dos alunos.

Deste modo, procurei encontrar o modelo que se adequava às características da turma em cada modalidade. Os modelos instrucionais que coloquei em prática foram: o modelo de instrução direta (MID), o modelo de ensino do jogo para a compreensão (MEJC), o modelo de educação desportiva (MED) e o modelo de aprendizagem cooperativa (MAC). As adoções destes modelos não só facilitaram na seleção das tarefas como também nas estratégias de organização, gestão do tempo e motivação, empenho dos alunos. As dificuldades foram muitas, principalmente quando comecei a introduzir os modelos de ensino, uma vez que o modelo tinha de estar em conformidade com o planeamento. No sentido de facilitar e otimizar as aprendizagens de cada um dos alunos, recorri à matéria do primeiro ano do mestrado.

No início do estágio, optei por colocar em prática o *MID*. Naquele momento estava a ser confrontada com a realidade. Tinha uma turma à minha responsabilidade que, de certa forma, ainda não a conhecia e que necessitava de ser “controlada”. Estando no início de algo que para mim era novo, não me sentia confiante para colocar em prática outros modelos. Mesquita e Graça (2018, p. 48) afirmam que o “*MID caracteriza-se por centrar no professor a tomada de praticamente todas as decisões do processo de ensino-aprendizagem, nomeadamente a prescrição do padrão de envolvimento dos alunos nas tarefas de aprendizagem*”. Este modelo permitiu ser eu a protagonista nas tomadas de decisão e na instrução; permitiu incidir no controlo e na gestão

de todo o processo de ensino-aprendizagem, com o intuito de proporcionar aos alunos mais tempo de empenho motor e ao mesmo tempo de criar rotinas e regras iniciais. Ao mesmo tempo, permitia-me a aprender a errar para poder melhorar a minha PP. Assim, utilizei o MID nas modalidades de Atletismo e Badminton, proporcionando aos alunos um maior tempo de exercitação, facilitando a apresentação das novas habilidades, revisão da matéria, o alinhamento das intervenções e correções com os objetivos estabelecidos e posteriores avaliações. Contudo, durante a execução deste modelo, durante e no final de cada aula era realizado um balanço da aula e que envolvia a participação dos alunos, pois eram importantes as suas opiniões e dúvidas, que acabavam por complementar a minha ação e melhoria da mesma nas aulas seguintes.

A necessidade de pôr em prática diferentes estratégias pedagógicas

Embora existam modelos mais centrados no professor, existem também aqueles que concedem um momento de descoberta e espaço à iniciativa do aluno; modelos estes centrados no aluno e que, ao colocarmos em prática, temos que os adequar às nossas turmas.

Segundo Rink (2001 cit. por Silva et al., 2017, p. 109), “não há nenhum modelo que seja adequado a todos os envolvimento de aprendizagem e que existem questões cruciais que o professor deve ter em consideração, no sentido de utilizar os modelos de ensino que melhor servem os problemas ditados pela sua prática docente”, no entanto “há que encontrar o justo equilíbrio entre as necessidades de direção e apoio e as necessidades de exercitar a autonomia, de modo a criar as condições favoráveis para uma vinculação duradoura à prática desportiva”.

Para além do MID, foram colocados em prática outros modelos, nomeadamente o MED, no Basquetebol e no Futebol, o MAC na Ginástica e o MEJC no Tag-Rugby. De facto, estes modelos permitiram-me, para além de ir ao encontro dos objetivos e das necessidades dos alunos, receber mais por parte dos alunos. No



Fig. 14 – Registo de Pontuação UD Basquetebol

primeiro período, apliquei também o *MED* na *UD de Basquetebol*, modelo que se foca no ideal de considerar o aluno enquanto sujeito individual, pois a turma necessitava de ser responsável a algo e de colocar em prática o trabalho e o espírito de equipa, aprendendo a cooperar uns com os outros e a comunicar também.

Embora a turma fosse competitiva, apesar de não ter existido grandes evoluções a nível técnico/tático, para uma primeira experiência, esta não correu assim tão bem, como não correu muito mal. Sou sincera, a turma não valorizou muito a execução do modelo. Muitas vezes, verifiquei que os alunos mais dotados tecnicamente jogavam entre si, ou optavam por ações individuais, fazendo com que os alunos com mais dificuldades não intervissem no jogo, apesar de ter colocado algumas condicionantes pelo meio; “a bola tem que passar por todos e só depois, podem finalizar”. Procurei agarrar nos alunos mais aptos e responsabilizá-los para ações de partilha e de cooperação, no sentido de jogarem em equipa. Mesmo não tendo muito sucesso em relação ao modelo a pouco e pouco o jogo de equipa foi aparecendo, a festividade, a cooperação e a inclusão dos alunos menos aptos e com NEE foram sempre promovidas. Apesar de ter algumas vezes alguns alunos que não mostravam respeito pelos colegas, a minha intervenção estava sempre presente.



Fig. 15- Torneio Final Basquetebol

No segundo período, na *UD de Tag-Rugby*, apliquei o *MEJC*, que se revelou uma boa solução, pois o entusiasmo pela modalidade e pela competição por parte dos alunos foi grande. Registou-se uma grande aprendizagem e uma

evolução tática bastante notória de aula para aula. De acordo com Graça e Mesquita (2018, p. 138), *“o modelo adere bem a um estilo de ensino de descoberta guiada, em que o praticante é exposto a uma situação-problema e é incitado a procurar soluções, verbaliza-las, discuti-las, explicá-las, ajudado pelas questões estratégicas do professor. Tem como propósito trazer a equação do problema e as respetivas soluções para um nível de compreensão consciente e de ação deliberadamente tática no jogo”*. A estratégia de aplicar cada princípio de acordo com a evolução dos alunos, utilizando formas adaptadas de jogo, aproximando as mesmas ao jogo formal, permitiu ser uma estratégia eficaz e ao mesmo tempo permitiu também presenciar um jogo de equipa, com todos os elementos das equipas a fazerem parte dele. O foco didático deste modelo incide *“sobre a apreciação dos aspetos constituintes do jogo, sobre a tomada de decisão dos princípios táticos do jogo, sobre a tomada de decisão do que fazer e como fazer nas diferentes situações de jogo, sobre a exercitação das habilidades necessárias à melhoria da performance no jogo e, finalmente, sobre a integração dos aspetos técnicos e táticos necessários à melhoria da performance no jogo”* (Graça & Mesquita, 2018, p. 139).

“Em relação ao Tag Rugby, tenho utilizado o modelos de ensino dos jogos para a sua compreensão, aderindo ao estilo de ensino de descoberta guiada e do questionamento, por forma a que os alunos tenham um envolvimento cognitivo, procurando soluções pelos erros/problemas apresentados, verbalizá-los, aprendendo a comunicar e procurar estratégias de acordo com a modalidade e os princípios de jogo e suas ações fundamentais, desenvolvendo a capacidade de jogo e aumentar o gosto e a participação pela mesma. Na minha opinião, acho que esta unidade didática tem corrido bem e que a maioria dos alunos têm obtido bons resultados aos objetivos que propus para a mesma.” (DB, 3 a 8 fevereiro 2020)



Fig. 16 – Coreografia Ginástica Acrobática G3

Após a execução deste modelo e desta modalidade, foi lecionada a UD de *Ginástica* com o MAC, que inicialmente se mostrou um desespero, mas no fim foi de facto um sucesso, superando as minhas expetativas como também as dos alunos. Este modelo *“assenta na*

prática em grupos acima de dois elementos e visa mútua ajuda e partilha de responsabilidades” (Metzler, 2000 cit. por Silva et al., 2017, p. 111) e contribui particularmente para o “desenvolvimento das competências pessoais e sociais pela valorização das componentes cognitivas e sociais, seja no contexto escolar ou desportivo” (Fonseca e Mesquita, 2012 cit. por Silva et al., 2017). O MAC pretende dar autonomia, responsabilidade, compromisso aos alunos e estimular a sua criatividade. Na sua aplicação, eu interferia quando os alunos necessitavam, ou tinham dificuldades e pediam ajuda, ou quando não estavam a realizar a tarefa. A minha função foi ajudá-los simplesmente, mas todo o trabalho realizado foi essencialmente de cada grupo. Inicialmente foram ensinadas as bases e os elementos necessários, sendo facultada uma sebenta com vários esquemas por cada grupo. Cada equipa tinha de escolher alguns e transformá-los numa coreografia final para apresentarem no final.

“Foi a partir da Ginástica Acrobática que abri portas à autonomia com a minha turma residente, utilizando o Modelo de Aprendizagem Cooperativa, com o objetivo que estes realizassem um trabalho colaborativo. O meu papel foi simplesmente abrir-lhes a porta e depois ajudá-los no esquema que é deles, o esquema/coreografia que tiveram a responsabilidade de criar e trabalhar, para no fim apresentar.” (DB, 3 a 8 fevereiro 2020) Estes elementos contemplavam os esquemas de pares, trios, quadras e pirâmides se assim quisessem, como também tinham de fazer parte os elementos de ligação. Toda esta coreografia teria de estar ligada de acordo com a música, música esta que a própria turma escolheu. Durante o processo, nem tudo correu bem. Por vezes, não sabia o que fazer ao certo, pois houve aulas em que nem todos os elementos compareciam, ou esqueciam-se das sebentas, ou não sabiam o que fazer. Apenas um grupo, dos três que tinha, é que estava empenhado e dedicado ao trabalho em equipa e na construção da sua coreografia. A meio da UD tive de modificar os dois restantes grupos, sendo algo positivo para os mesmos, verificando outro tipo de dinâmica de grupo. Os três grupos criaram dinâmicas e formas de trabalhar diferentes, o que, de facto, se verificou na fase final de apresentação.

“... o segundo grupo surpreendeu-me bastante, sabendo eu e eles que na semana passada foram unidos, por existirem muitos alunos a faltarem, conseguindo assim, hoje apresentarem uma boa coreografia com elementos técnicos que lhes foram desafiados, incluindo os alunos com NEE e com mais dificuldades em toda a coreografia. Consegui finalmente ver um



Fig. 17 – Coreografia Ginástica Acrobática G2

trabalho em equipa, sem indiferenças, sem desculpas, observando em cada um deles a percepção de que poderão fazer mais e melhor e que o conseguem, quando estão empenhados e com gosto a fazer as coisas. Em relação ao último grupo, também me surpreendeu, mas não tanto, porque aquilo que conseguiram, foi trabalhado em todas as aulas, mas verifiquei uma grande evolução. Foi o único grupo que mais se dedicou ao longo das aulas para fazer um bom trabalho, mantendo todos os elementos técnicos, podendo claro, incluir ainda mais figuras, mas que mantiveram uma boa atitude gímnica e foram para além daquilo que lhes foi pedido, desafiando a sua criatividade, para outras figuras, criando a sua coreografia, tendo uma boa apresentação, realizando a mesma com a mesma cor de camisola, calças e o mesmo penteado. Fizeram da sua sequência, a sua coreografia, o seu momento.” (DB, 17 a 21 de fevereiro 2020)



Fig. 18 – Coreografia Ginástica Acrobática G1

Chegando ao fim das aulas, perto da apresentação final e por aquilo que tinha vindo a observar, fiquei um pouco preocupada e triste, pois pensei que tinha sido um erro ter lecionado as aulas daquela maneira. Não estava a ver produto final nenhum, não estava a ver empenho, fiquei desesperada. Mas

no fim de contas, cada grupo superou as minhas expectativas e apresentou a sua coreografia final, proporcionando-me um momento de orgulho por todo o trabalho realizado. Fiquei contente. O grupo que obteve maior pontuação vinha todo vestido de igual, com penteados, a coreografia estava muito boa, tanto que esta iria ser apresentada depois no dia da escola ou no dia mundial da dança, o que infelizmente não aconteceu, devido ao confinamento. O grupo que ficou em segundo lugar também se esmerou. Neste grupo, estava o RC, o menino de cadeira de rodas (que fez a coreografia sem a cadeira). O resultado final que o grupo apresentou e o esforço que tiveram em proporcionar um momento só deles foi muito bom. Fiquei muito contente, em relação ao último grupo. Este não teve uma grande performance, mas no fim, acabou por ser refletido por cada um deles.

Cada um deles foi capaz de refletir sobre aquilo que conseguiu individualmente, sobre o que permitiu com que houvesse algo coletivo, sobre o que poderiam ter feito melhor, o que poderiam ter modificado ou não. Foi espetacular ver na cara

de cada um deles como estavam a gostar de realizar e de apresentar a sua coreografia.

“Hoje saiu da aula muito contente e satisfeita com todo o trabalho que eles conseguiram apresentar. E mais, hoje presenciei nos rostos de cada um deles, o gosto e satisfação por estarem a fazer a aula e a realizar/apresentar a mesma.” (DB, 17 a 21 de fevereiro 2020)

Por fim, surge o *MED no Futebol*, mas que infelizmente não consegui terminá-lo, pois a duas semanas de terminar o período, as escolas foram encerradas devido à pandemia. O Modelo *“comporta a inclusão de três eixos fundamentais que se revêm nos objetivos da reforma educativa da Educação Física atual: o da competência desportiva, o da literacia desportiva e o do entusiasmo pelo desporto, sendo o seu propósito formar a pessoa desportivamente competente, desportivamente culta e desportivamente entusiasta”* (Mesquita & Graça, 2018, p. 59).

De acordo com Mesquita e Graça (2018, p. 59) *“o modelo define-se como uma forma de educação lúdica e crítica as abordagens descontextualizadas, procurando estabelecer um ambiente propiciador de uma experiência desportiva autêntica, conseguida pela criação de um contexto desportivo significativo para os alunos, o que pressupõe resolver alguns equívocos e mal-entendidos na relação da escola com o desporto e a competição”*.

A aplicação do MED surge no sentido de dar continuidade ao trabalho realizado na UD de Ginástica, com o intuito de desenvolver o trabalho em equipa, cooperação, responsabilidade, o sentido de autonomia, compromisso aos alunos



Fig. 19 – Registo de Pontuação UD Futebol

e, acima de tudo, a inclusão.

A implementação deste modelo estava a ter o efeito que eu queria, melhor que na aplicação da UD de Basquetebol no primeiro período, apesar de continuar a ter imensas dúvidas em relação a mim quanto aos conteúdos a dar e

quanto à possibilidade de alguns alunos conseguirem trabalhar em equipa, pois estamos a falar do futebol.

“Foi através do MED, que refleti e vi a possibilidade de trabalhar e de desenvolver com a minha turma, tendo em contas as suas características e histórias de vida e práticas desportivas (que são poucas), um conjunto de capacidades a nível afetivo e social, que seria muito importante e fundamental para o desenvolvimento da personalidade dos meus alunos e da turma no seu todo.(...) observando uma evolução enorme na turma, pois esta turma era a “pior” turma do 8º ano e hoje, quase no final do 2º Período vejo uma evolução / resultados muito grande e satisfatória em todos os sentidos.” (DB, 3 a 6 de março 2020)

As dificuldades, o medo, ainda se mantinham a nível dos conhecimentos das matérias, mas fui perdendo o medo que tinha de lecionar as aulas, pois a relação e o contacto que construí com a turma ajudou bastante neste processo. Comecei a ter gosto naquilo que estava a fazer e a aceitar que esta seria a minha vocação. Como alguém me disse, *“ser professor é ter arte de comunicar, que cria relações com os alunos, que sabe comunicar com eles, que consegue chegar até eles, que os conhece”*. Ou seja, é aquele que partilha vivências, valores, que ajuda os alunos em determinados momentos, que cria uma ligação com o aluno, no qual, o aluno sabe que com ele pode contar. Que realmente se importa, e que é capaz de entender o que vem por detrás daquele comportamento e atitude do aluno, e que de certa forma, ajuda-o a ultrapassar aquela fase menos boa e que lhe dá um caminho mais seguro a seguir, uma escolha. Na verdade, não serve somente ter conhecimento das matérias, também tem que se ter o gosto pelas crianças e gosto e vontade naquilo que se faz.

“Na minha opinião, o primeiro período correu bem, com alguns altos e baixo, mas consegui ultrapassar as minhas dificuldades e superar os meus medos e receios. Começo a acreditar e aceitar que sou capaz de estar nesta profissão e que esta será a minha profissão, porque é o que realmente gosto de fazer e que me faz feliz.” (DB, 7 a 10 de janeiro)

Contudo e embora a TR tenha estado motivada e participativa nas tarefas, tenho que destacar o modelo MEJC e o MED (futebol), pois foi no período da sua aplicação que senti uma maior envolvimento por parte da turma.

“Esta final da semana, acabou por ser um choque para mim, quando as coisas estavam a seguir o seu rumo e de repente tive de parar tudo aquilo que estava a fazer e a construir com os meus alunos e acima de tudo com a minha turma, o meu 8ºano. Esta semana demos continuidade ao MED no futebol, terminando sempre com os jogos todos contra todos, mantendo

sempre a responsabilidade e liderança por parte dos treinadores e capitães das equipas, sendo decidido como tínhamos apenas três equipas que na penúltima aula, pois a última aula seria o torneio de futebol do 3ºCiclo, que seria a final que jogariam apenas as duas equipas que conseguiram melhores resultados durante as jornadas. Hoje dei por mim a ter duas equipas identificadas, cada uma delas identificadas com o seu nome de equipa e com a sua cor, marcadas no seu corpo, tinham eles falado nos seus grupos que criaram para falarem sobre as aulas, sem eu me aperceber que isso tinha acontecido e que eu sei perceber tinha conseguido que isso se concretizasse. Fiquei muito contente e estou muito contente com a evolução da minha turma, estou satisfeita e feliz com aquilo que tenho conseguido com os meus alunos, pois ser professor é ser mais do que aquilo que nos formamos.” (DB, 10 a 13 de março 2020)

Ao utilizar o MED/MAC nestas unidades didáticas, para além de ter sido muito importante para o desenvolvimento das minhas aulas, foi também importante para o empenho, trabalho de equipa e motivação por parte dos alunos nas aulas, observando a cada dia mais responsabilidade e comprometimento por parte de toda a turma. Em termos de problemas da utilização deste modelo, apenas tive alguns problemas em relação ao planeamento, em colocar exercícios que todos os alunos fossem capazes de dar resposta, ou seja, tinha de levar exercícios de acordo com o nível da minha turma e objetivo da aula.

“Sou sincera que estive reticente quando pus em prática o MED, devido à minha turma, mas as coisas foram sendo adaptadas e foram evoluindo e o interesse também, como também tenho evoluído e crescendo durante esta etapa que tem sido o meu estágio, tendo a maioria da minha turma envolvida em todo o processo. Estou grata por tudo aquilo que tenho conseguido fazer para os meus alunos e com os meus alunos e agradeço por todos os momentos menos bons que me fizeram crescer e refletir e pelos bons momentos que me encheram o coração.” (DB, 10 a 13 de março 2020)

4.1.3.4 Momentos de Aprendizagem e de Evolução: Observação das aulas

A nível das matérias, como referi antes, ajudou-me imenso realizar as sebatas para cada modalidade. Fez com que eu estudasse e fosse mais competente naquilo que estava a fazer nas minhas aulas com os alunos, transmitindo assim as informações que pretendia, melhorando também os meus PDA. Isto também se deve à ajuda constante da PC, da minha procura de querer saber do que fiz mal e do que poderia fazer melhor, por forma a dar-me feedbacks antes e depois das minhas PP, o que foi uma grande ajuda, obtendo bons resultados nas aulas. Observar as aulas dos meus colegas de NE e da PC fez-me ver e planear as

minhas aulas de outra maneira, e deu-me ideias para outras mais, como também o que fazer e não fazer, pois cada um de nós tinha uma turma diferente.

Segundo Reis (2011 cit. por Silva, 2013, p. 327) *“a observação de aulas desempenha um papel basilar no melhoramento da qualidade do ensino e da aprendizagem, constituindo uma fonte de inspiração e motivação e um forte incentivador de mudança na escola. Ela pode ser utilizada em vários cenários e com diferentes finalidades, tais como, diagnosticar um problema, encontrar e aferir possíveis soluções para um problema, demonstrar uma competência, buscar formas alternativas de alcançar os objetivos curriculares, aprender, avaliar o desempenho e o progresso, criar metas de desenvolvimento, reforçar a confiança, estabelecer laços com os colegas e partilhar um sucesso”*.

De facto, observar aulas deu para aprender a ver e sobretudo crescer a nível profissional, permitiu ser professora de maneiras diferentes e despertar-me para estar atenta para situações que aconteciam nas minhas aulas.

“Com estas observações tenho aprendido e refletido sobre as minhas aulas, contudo as aulas da professora cooperante têm me ajudado nas minhas e na forma como as organizo e planeio, acabo por aproveitar algumas coisas e utilizo também nas minhas por forma a torná-las mais dinâmicas e fluidas.” (DB, 21 a 24 janeiro 2020)

“Ao longo deste período tenho vindo a observar as aulas dos meus colegas e da professora cooperante, o que me têm ajudado imenso nas minhas aulas e ao mesmo tempo, ajuda-me a refletir sobre as suas práticas e a minha também, a ser mais crítica naquilo que faço e como faço, observando os meus erros que no momento não os perceciono. Ajuda-me a ser mais crítica comigo e com os outros, no sentido de ser portadora de feedback (...).” (DB, 17 a 21 fevereiro 2020)

De acordo com Klafki (1995 cit. por Graça, 2015, p. 20), *“o ensino e a aprendizagem devem ser compreendidos como processos de interação – em que as relações professor-aluno(s), e alunos entre si, desempenham um papel central. Não se trata apenas de processos de transmissão e aquisição em que se*

confrontam problemas e matéria, mas estão implicados também processos de aprendizagem social.”

Preocupe-me sempre com o que tinha de dar, e a cada período fui mudando a minha maneira de lecionar as aulas, fui ajustando as aulas para que elas se tornassem mais dinâmicas e dentro delas colocar a técnica, para que fossem significativas as aprendizagens, como também, proporcionar as aulas por forma a que estas fossem deles, que cada um deles fizesse parte dela.

4.1.3.5 Aprender a lecionar EF para um aluno com NEE no ensino regular

“Tu só cresces quando estás desconfortável, por isso fica desconfortável”
Filomena Cautela

“A existência de uma escola cada vez mais multicultural assume-se como uma realidade em constante crescimento, e esta questão deve ser o foco de atenção por parte de todos os intervenientes da ação educativa com o objetivo de fazer dela uma mais-valia para o processo de ensino e aprendizagem.”

(Fernandes et al., 2015)

Considero que a escola cooperante, é uma escola especial, não por ser uma escola de bairro, mas por ter meninos com vidas difíceis, complicadas, com histórias que nos tocam, mas que ao mesmo tempo nem sempre sabemos como agir. É também especial, porque engloba um grande número de meninos com NEE, sendo que tive cinco deles na minha TR e dois na TP, e dois na minha turma de primeiro ciclo o que inicialmente, pensei que seria um grande problema, mas acabei por ver e aceitar como um desafio, uma aprendizagem.

“... o trabalho do professor deve ser o de atender ao desenvolvimento do aluno e procurar estratégias que conduzam à melhoria das capacidades supracitadas” (Correia et al., 2015). Na minha TR, planei as aulas de forma a que estas fossem adequadas à turma e ao mesmo tempo aos aluno com NEE, neste caso mais concreto, ao RC, ao aluno de cadeira de rodas, de forma a que todos conseguissem realizar as aulas e fizessem parte dela, desenvolvendo o trabalho de equipa, de cooperação e acima de tudo desenvolver um trabalho inclusivo,

no fundo, para que cada um deles pudesse ser autônomo ao ponto de se ajudarem uns aos outros e de se aceitarem pelo que são e pelo que conseguiam realizar em turma.

“No que toca aos meus alunos com necessidades educativas especiais, principalmente com o RC, será mais um período cheio de desafios, mas a pouco e pouco vou conhecendo-o e percebendo daquilo que ele é capaz de fazer, sendo que a professora cooperante, também tem sido uma peça fundamental nesse trabalho de ensino/aprendizagem. Fiquei muito contente quando o vi a fazer ginástica acrobática com os seus colegas e a dona A.D., fiquei mais que contente, fiquei feliz e com o coração cheio. (...) Tento ao máximo que ele esteja incluído nas aulas com a turma e vice-versa, finalmente vejo uma grande mudança na turma, uma ligação e aceitação pelos mesmos (...). Apesar de haver às vezes algumas instabilidades nas aulas com alguns alunos, acho que tenho conseguido realizar um bom trabalho com a turma, trabalhando com eles os limites, trabalhando a diferença dentro da diferença, mostrando que todos temos os nossos problemas, mas que temos que saber estar e cooperar com os outros, aceitar, crescer com os outros nos diferentes momentos e possibilidades, que neste caso, a educação física lhes proporciona.” (DB, 7 a 10 janeiro 2020)

Ter tido nas minhas aulas, o CS com espectro de autismo e o RC com a sua cadeira de rodas nas minhas aulas por um lado, foi um grande desafio, a própria turma também, mas por outro lado, foi uma grande aprendizagem, não só para mim, mas para a própria turma, o trabalho foi guiado para esse objetivo. Surge depois o momento de perceber o que o RC era capaz de fazer para depois conseguir planear e ajustar as aulas de acordo com as suas características.

Além da sua doença que o leva às dificuldades coordenativas motoras, o RC conseguia utilizar a mão direita e apesar de ter a mão esquerda mais debilitada, conseguia realizar os exercícios utilizando os braços, realizando passes e receções e agarrando a bola, mesmo sendo com pouca amplitude, mantem-se na cadeira de rodas, sendo a assistente operacional, A.D., a sua locomoção, mas nem sempre se encontra na cadeira de rodas, em determinados momentos, em aquecimento e aptidão física, o aluno é acompanhado pela mesma ou pela PC, realizando pequenos passos para a realização dos exercícios pedidos por mim.

“Estiveram presentes na minha aula, o CS e o RC, dois alunos com necessidades educativas especiais que requerem mais atenção. No entanto, é sempre mais fácil incluir o CS nas aulas, mas às vezes é difícil, quando a turma não o aceita pelas suas diferenças (...). Por

outro lado, tenho o RC, que tem sido um grande desafio e uma grande aprendizagem, pois apesar das suas dificuldades, consigo quase sempre o incluir nas minhas aulas e na turma durante os exercícios e nos momentos de jogo/ competição. Normalmente, acompanhado com a dona AD, em determinados momentos vai realizando alguns exercícios adaptados planeados por mim, ou muitas vezes pela professora Helena, com o intuito de atingir os objetivos que temos em aula e em cada exercício. Há momentos em que o RC trabalha com a dona AD, outros momentos em que trabalha com a sua equipa/turma, de forma a incluí-lo, o que tento que aconteça na maioria das aulas, da mesma forma, incluir a turma para que estes aprendam a aceitar as diferenças e as dificuldades de cada um (...).” (DB, 13 novembro 2019)

Segundo Mesquita e Rosado (2011 cit, por Fernandes et al., 2015, p. 206), “ *a educação deve atender não só à formação do Homem em sentido restrito, mas sim à formação global, do Homem Intercultural, contribuindo para que haja efetivamente uma igualdade de oportunidades baseadas no respeito, na diversidade e no pluralismo*”.

Foi necessário proporcionar à turma momentos para sentissem as dificuldades e estarem na pele do outro, para que a pouco e pouco comesçassem a entender as dificuldades e os desafios de ser especial, ou seja, estas experiências, a forma como foram planeada e lecionadas as aulas fizeram com que a turma conseguisse desenvolver um trabalho entre eles, aceitando-se, incluindo-se, entre a turma, como uma turma, tornando as aulas “*um espaço de formação e desenvolvimento pessoal e social... e facilitador do desenvolvimento humano... um projeto de construção do Homem e da Sociedade*” (Fernandes et al., 2015, p. 207). Todas as modalidades foram planeadas normalmente e após esta planificação, fui introduzindo estratégias necessárias e adequadas às capacidades do RC quer nas modalidades individuais, como nas coletivas, de forma a que o aluno realizasse todas as aulas e fizesse parte da turma e vice-versa.

Foi um processo difícil, mas não impossível chegar a todos os alunos e chegar a este aluno em especial com estas características, pois era algo que me era totalmente desconhecido, mas que de facto a ajuda da PC e da dona A.D. (assistente operacional) que o acompanha diariamente em todas as aulas, o seu meio de locomoção e muitas vezes os braços dele, pois a maioria das coisas que realizava era com a sua ajuda. Estas dois seres tiveram um papel

importantíssimo neste caminho fazendo com que eu conseguisse ter sucesso neste mundo desconhecido que são as NEE, pois sem elas, não sei se conseguiria gerir as minhas aulas, de lhe poder dar mais apoio e atenção que necessitava e de realizar tudo aquilo que consegui.

O meu objetivo para com este aluno era torná-lo feliz e tentar enquadrá-lo no contexto social e conseguir proporcionar todas as experiências possíveis dentro das modalidades, atividades ajustadas que não lhe fizessem sentir ineficaz, mas que lhe causasse desafio, que fosse útil dentro da sua realidade, melhorando a sua reabilitação. Esforcei-me sempre para o incluir em todas as atividades da turma, nem sempre com sucesso, muitas vezes pelas atitudes de exclusão de alguns alunos pelas incapacidades que este tinha, mas que no entanto, estes comportamento foram trabalhados, a partir da comunicação, através de vivência de outras modalidades pertencentes a alunos com NEE e com a partilha de casos reais que tivemos a sorte de ouvir e que permitiram que este tipo de atitudes perante os outros fossem desaparecendo, como fui capaz também de realizar coisas que não estava à espera, ou que não me passavam pela cabeça, como colocá-lo a jogar futebol com um stick hóquei, como integrá-lo sem o uso da cadeira de rodas num grupo completamente distinto em ginástica acrobática, que acabaram por realizar um ótimo trabalho, entre outras coisas.

“Para integrar o RC nesta unidade, decidi manter a dona A.D. como ajudante, mas o RC tinha o auxílio de um stick de hóquei para manipular e movimentar-se com a bola, teria de ter cuidado os colegas quando tivesse acesso à bola. Ele gostou da ideia e sabendo que poderia jogar futebol, acabou por se esquecer que estava numa cadeira de rodas.” (DB, 3 a 6 março 2020)

Nas modalidades que não conseguia realizar foram planeados exercícios parecidos com os dos colegas, mas com diferentes desafios. Na temática de salto em altura e de ginástica de aparelhos, foram criadas estratégias e situações em que por exemplo, o aluno observava cada um dos colegas, conhecendo também as habilidades motoras e as componentes críticas e, no fim avaliava os mesmos nessas mesmas habilidades que a partir de fichas que eu construía também era capaz de avaliar o seu conhecimento e capacidade que tinha de observação, comparando com as minhas avaliações, trocando assim opiniões.

“Em relação ao RC, o aluno não tem estado presente nas aulas de ginástica, mas continuo a seguir o que referi na semana passada, procurando momentos em que este se encontra a realizar as aulas (Ginástica Acrobática/Tag Rugby) e de acordo com as suas capacidades, colocando algumas regras que se adequem ao aluno, podendo ter vários momentos em turma, exceto na ginástica de aparelhos (minitrampolim), em que ele se encontra inserido na mesma, mas a estratégia que utilizei foi o própria fazer a avaliação dos colegas na execução dos saltos, tendo em contas a fase do salto e os critérios de êxito referidos em cada um.” (DB, 3 a 8 fevereiro 2020)

Durante todo o processo ouve muitas pesquisas, houve muita procura, pedidos de ajuda à PC que permitiram chegar ao patamar que cheguei com a turma, foram utilizadas várias estratégias, regras de acordo com as modalidades e de acordo com a turma, a redução de distância, o deixá-lo percorrer um determinado percurso para que pudesse passar a bola aos colegas, o facto dos colegas terem cuidado e dar-lhe a bola para continuarem a jogada, a utilização de outros matérias que lhe pudessem proporcionar o usufruto da modalidade de forma a não se sentir inferior, o uso das regras de basquetebol de cadeira rodas, entre outras estratégias.

Um aspeto que achei sempre importante e que consegui realizar, foi que todos os alunos tivessem a oportunidade de trabalhar com o RC nas várias modalidades, assim como o RC com a turma, ou seja, ao longo das modalidades e dos períodos, o RC fez parte das várias equipas, partilhando um pouco de si aos outros. Ter este desafio por perto fez-me crescer ainda mais a nível profissional e sobretudo pessoal, tive a possibilidade de durante o EP participar no II Congresso de Atividade Física Adaptada na FADEUP, que me proporcionou um maior conhecimento nestas áreas e que também permitiu obter mais bagagem para me tornar mais competente nas minhas aulas.

“Sinto-me um pouco perdida na minha intervenção com o RC, sinto que estou a falhar um pouco com ele, como professora de Educação Física, apesar de ter a Dona AD e a Professora Cooperante que muito me têm ajudado para que ele esteja incluído nas aulas. Sei que não tenho experiência com alunos com NEE, mas sinto que tenho um papel importante com eles e que falho muito pela minha inexperiência e falta de conhecimento do mesmo. Tenho pena que no ano anterior não nos tenham proporcionado uma disciplina que nos desse as bases necessárias para atuar e exercer com estes alunos. Espero que o Congresso me dê algumas luzes daquilo

que posso e devo fazer nas minhas aulas, por forma a ajudá-los e a incluí-los ainda mais nas minhas aulas e na turma.” (DB, 14 a 17 janeiro 2020)

Concluo que sem a ajuda da PC e da dona A.D., não seria capaz de acompanhar este aluno, principalmente com esta turma, apesar de muitas vezes os alunos querem trocar o lugar da dona A.D. em muitas das aulas para o ajudar, retiro daqui que de facto é necessário nestes casos em turmas que tenham alunos com NEE, que são e iram ser mais comuns termos alunos com NEE no ensino regular. Como refere a assistente operacional do RC no seu relatório final que se encontra em anexo e que estou totalmente de acordo, *“é preciso cada vez mais que se criem parcerias educativos e de formação, como os estágios que ajudem as equipas multidisciplinares nas escolas a efetuar uma melhor intervenção com os alunos de forma a proporcionar-lhes cada vez mais a sua individualidade”*, ou seja, é necessário auxiliares que possam ajudar e acompanhar estes alunos durante as aulas, tornando estes momentos mais leves, dinâmicos e felizes para estas crianças especiais.

4.1.3.6 O Ensino da Educação Física em tempo de pandemia: Educação Física à Distância

“Nada substitui a relação humana no processo de ensino-aprendizagem”

Nunca imaginei ter de ensinar os meus alunos à distância, ensinar EF virtualmente! Mal pensava o que estaria para vir. Pensava que seria algo passageiro e que daí a umas semanas estaríamos todos juntos de novo para terminar este caminho, esta etapa que foi o EP. Mas... dia 13 de março de 2020, a escola parou, o mundo parou, todo o trabalho conseguido tinha terminado, pois nada daquilo que tinha conseguido com a turma, todo aquele processo de evolução nunca iria continuar. Como me expressei logo no início, nada substitui a relação humana. Todo o nosso planeamento, atividades, visitas de estudo, torneios, desporto escolar, tudo aquilo que tínhamos planeado e que ainda pretendíamos planear, não pode ser realizado.

Foi de facto, um momento diferente e ao mesmo tempo triste e frustrante, foi um longo percurso, um percurso que envolveu muito trabalho, que se tornou de certa forma cansativo. De repente, sem nos apercebermos, deixamos de ser pessoas

ativas e fomos sugados pelas tecnologias numa simples secretaria e deixamos de ver o mundo lá fora, deixamos de estar com os nossos alunos. Todo este processo teve de envolver um constante contacto, uma comunicação entre nós, todas as semanas entre PC, PO, NE, DT e, sobretudo, um contacto com as nossas turmas, de forma a mantê-los connosco e de organizarmos as tarefas para as turmas, de partilha de ideias e, acima de tudo, de nos mantermos juntos.

“Esta pandemia tem nos feitos seres mais contactáveis, mais presentes uns para os outros, isto é o caso da nossa professora cooperante e ao mesmo tempo com o nosso orientador de estágio, o professor Amândio, que tem sido também uma peça fundamental neste nosso trabalho e aprendizagem que tem sido o ensino à distância.” (DB, 27 de abril a 1 de maio 2020)

As novas tecnologias como meio potenciador de conhecimento e de aprendizagem

Após várias orientações por parte do Ministério de Educação e por parte da Direção da Escola, pus as mãos ao trabalho e comecei a planear o meu processo de ensino a distância. A estratégia encontrada para que os alunos tivessem acesso às matérias foi a partir do Inovar, Zoom e fundamentalmente através da plataforma *Classroom*. Em alternativa às vias *on-line* usamos material em papel, adequado para cada uma das situações, para os alunos sem meios tecnológicos, derivado dos meios desfavorecidos e das situações muito precárias / desestruturadas em que vários deles vivem,

“Decidi, com a ajuda da diretora de turma da TR, com a qual tenho mantido um contacto constante desde o início do ano, inserir todos os alunos nas devidas plataformas. Esta foi a minha preocupação número um, a minha prioridade naquele momento. A primeira coisa que fiz foi pedir à DT os contactos pessoais de todos os alunos e construir, tanto para a minha TR como para a TP, um grupo no WhatsApp e a partir daí fui recolhendo o máximo de emails e fui convidando os alunos a aceder às mesmas.

O WhatsApp acabou por não ser só um espaço de “socializar”, mas também onde estes tiram as suas dúvidas e dificuldades, partilham um pouco daquilo que vão aprendendo e ao mesmo tempo serve para receber feedbacks dos mesmos.” (DB, 13 a 17 abril 2020)

O meu trabalho foi desenvolvido em formato de ensino a distância a partir de aulas síncronas via zoom e por aulas assíncronas a partir de fichas de trabalho autónomo. Esta tinha sido a estratégia decidida pelo GEF de forma a desenvolver e a dar continuidade ao nosso trabalho e ir ao encontro do

planeamento, propondo aos nossos alunos uma atividade por semana, tendo em conta as unidades programadas para este período. Face à decisão de manter as modalidades que estavam planeadas para este período, no caso das modalidades desportivas coletivas o ensino ficaria praticamente centrado no conhecimento, pelo que decidimos realizar fichas (*quizzes*) sobre as modalidades, a partir da plataforma da Escola Virtual.

O contacto constante e as estratégias encontradas para chegar a todos os alunos

Tendo em conta a realidade da nossa escola, onde a minha turma não era exceção, a minha preocupação era chegar a todos os alunos de alguma maneira. As tarefas enviadas semanalmente foram divididas em três grupos, sendo o primeiro para todos os elementos da turma com acesso às tecnologias, onde através das plataformas eram lançadas as tarefas; o segundo grupo pertencia aos alunos com NEE, o RC e o RC, no qual eram lançados circuitos adaptados, com a ajuda do UPFIT; e por último, para os alunos mais carenciados, realizávamos fichas de trabalho com o mesmo circuito, com imagens dos exercícios e a descrição dos mesmo, por forma a que estes tivessem acesso às tarefas lançadas à turma. Estas tarefas eram sempre enviadas para a direção da escola com conhecimento da DT, por forma a haver contacto das mesmas com os EE dos alunos, para o seu levantamento na escola. Os alunos teriam de enviar as suas evidências - fotos e/ou vídeos aos seus respetivos professores.

A nível das atividades desportivas coletivas, utilizámos a escola virtual, para a concretização de *quizzes*, de forma a melhorar a cultura desportiva dos alunos. Tivemos também à nossa disposição o programa de televisão “Estudo em Casa”, da responsabilidade do Ministério da Educação, sendo este transmitido na RTP Memória e de acesso a todos. Não descuramos esta ferramenta, pois 75 por cento dos nossos alunos não tinham acesso às novas tecnologias em casa e acabamos também por aproveitar este recurso utilizando-o para posteriores tarefas.

Em relação aos alunos com NEE, mantive o desafio e a preocupação que já tinha desde o primeiro período de incluir nas tarefas o RC e, agora também, o RS, os

meus meninos de cadeira de rodas, acabando por realizar circuitos adaptados acima referidos.

“Em relação à tarefa lançada para os meus alunos de NEE, recebi apenas por parte do RC, verifiquei que ele executava as tarefas, mas também vejo que está mais debilitado por falta de treino e por outro lado, por preguiça e falta de vontade, não realizando tão bem, como realizava quando estamos frente a frente, pois nós puxávamos por ele e conseguia realizar as coisas.” (DB, 20 a 24 abril 2020)

O ensino a distância é de afirmar que não foi de todo um sucesso, a cada semana que passava recebia cada vez menos trabalhos e feedbacks, o que não acontecia com a TP, que de certa forma foi a alegria no meio de tudo, em que praticamente todos faziam as tarefas e estavam presentes nas aulas síncronas. Foi frustrante perceber que estava a perder os alunos, apesar de todos os esforços diários para lhes proporcionar diferentes atividades, e para manter o contacto constante com a turma e a partilha de tudo isto com a DT através de emails, WhatsApp.

Durante esta fase de ensino foi a distância, tive de mudar as minhas aulas, organizando aulas síncronas e assíncronas com circuitos, coreografias, *quizzes* e desafios engraçados, por forma a obter a atenção dos alunos nas aulas, a cativar mais a sua presença e a proporcionar atividades que eles próprios gostariam de ser desafiados a realizar ou gostariam de experienciar.

“A aula sincronizada com o 6ºano decorreu na terça feira, com a turma toda de acordo com o acesso às tecnologias. (...) Em relação aos desafios lançados anteriormente, muitos deles gostaram de realizar o desafio da roupa “Shirt off shoor out”; a dança do coronavírus e a aula de combat com a instrutora Hélène da UpFit, por outro lado, gostariam de ter aulas sincronizadas com pequenos circuito e uma aula de Yoga, sendo que tive a ideia de desafiar a professora de TIC, Ana Carolina Teibão, também professora de Yoga para crianças a lecionar-nos uma aulinha de yoga. Foi bom estar com eles e voltar a ver as suas carinhas, apesar de manter contacto com eles no WhatsApp, sabe sempre bem, receber as suas energias e o seu sorriso, vê-los de alguma maneira, mesmo que seja virtualmente.” (DB, 11 a 15 maio 2020)

Acabei por convidar duas pessoas para proporcionar dois momentos diferentes, convidei o professor Rui Garganta, docente da FADEUP e meu professor que de boa vontade, lecionou uma aula via zoom de circuito aos alunos da TR recebendo pelos mesmos um bom feedback. Foi convidada também a

professora de TIC da escola que no meio desta partilha de ideias entre a PC descobrimos que é professora de yoga para crianças e lancei-lhe este desafio para a TP, visto que também era algo que a turma gostaria de experimentar, sendo assim, esta foi colocada em prática, sendo um sucesso e um momento diferente e de relaxamento.

“Esta semana, planeei uma surpresa para as minhas turmas, aulas síncronas com convidados especiais. Como tinha recebido o feedback do 6ºano que gostariam de ter aulas síncronas, com circuito ou yoga, convidei a professora deles de TIC, para nos dar uma aulinha de yoga, sendo aceite com sucesso este desafio por parte da professora. A aula correu muito bem e foi engraçada (...).

A aula sincronizada com o 8ºC, foi dada também por um convidado, o professor Rui Garganta, meu professor da FADEUP e coincidentemente, também, foi professor da Professora Helena, que nos trouxe um treino funcional. (...) Mas o feedback que mais gostei de receber foi do FA. Enviou-me uma mensagem no WhatsApp a dizer “Foi bom começar o dia a interagir e a fazer exercício físico. A aula em si, foi de alto nível. O professor Rui Garganta é bastante acessível. Gostei da experiência. Obrigado.” Fiquei contente, ganhei a semana, dois convidados que aceitaram o desafio, duas aulas que correram bem, alunos motivados e feedbacks positivos, já não quis mais do resto da semana.” (DB, 25 a 29 maio 2020)

Foi nos facultado uma grelha de registo por forma a registar essas situações e para informarmos à DT para que esta pudesse transmitir o sucedido aos encarregados de educação, pois fomos observando que de semana a semana as entregas das tarefas foram reduzindo. A cada semana que passava iam surgindo problemas, íamos perdendo alunos e tive alunos que nunca disseram nada desde o início do ensino à distância. Todas estas situações deixaram-me impotente pois não estava presente, não os tinha comigo presencialmente, tornando difícil continuar a ensinar aos meus alunos e continuar com o bom trabalho que estava a conseguir com eles. As saudades eram muitas, o cansaço de estar em casa era constante, tanto da minha parte como dos alunos, só queríamos voltar à escola e estarmos uns com os outros, todos tínhamos saudades da escola.

O ensino à distância teve as coisas boas e menos boas e com o objetivo de criar atividades diferentes e desafiadores, criamos a nossa primeira DAC. Acabei por durante o ensino à distância fazer parte do projeto da disciplina de francês *“TOUT VA BIEN SE PASSER”*, com a DT e a minha TR, e que na disciplina de

EF, a partir da expressão corporal, em conjunto com a disciplina de educação visual, a partir da construção das letras para a frase final e por fim, com a disciplina de TIC na construção do vídeo. Este vídeo consistia em cada um dos alunos desse origem à frase acima referida, e com a letra já distribuída pela DT, tinham de realizar um pequeno vídeo, de expressão corporal com a música “*On écrit sur les murs*”, utilizando o objeto (letra). Este projeto teve como objetivo aproveitar este momento atípico e partilhar, como também de alguma forma expressar com à comunidade escolar aquilo que os nossos alunos sentiram durante o período de confinamento, fazendo parte deste momento prático os alunos da TR (8ºC), a DT, a dona A.D. (Assistente Operacional do RC) e eu também.

“Durante o período de confinamento, a Christine teve uma atuação ímpar. Trabalhou sempre em colaboração com a diretora de turma, a fim de ajudar na organização do trabalho à distância. Manteve um trabalho cooperante com os alunos, incentivando-os à concretização das tarefas e resolução das suas dificuldades. Integrou-se em projetos de turma, tendo uma postura dinâmica junto de alunos e DT. Persistiu em ajudar os alunos na consecução das suas tarefas, orientando-os, motivando-os à realização das mesmas, esclarecendo sempre as dúvidas dos alunos, numa interação constante. Sempre que solicitada pela DT, demonstrou uma atitude colaborativa e de partilha de informação, contribuindo, desta forma, para uma boa consecução das tarefas de turma e resolução de problemas, sempre disponível e bem-disposta.” (Anexo - Relatório Final da DT da TR, 21 de junho 2020)

4.1.3.7 Avaliação: Ao serviço da aprendizagem e não apenas um simples registo

Como indica Maria do Céu Roldão no prefácio do livro de (Sociedade Portuguesa de Educação Física, 2019, p. 7) “*debater a avaliação educacional enquanto conceito e enquanto prática constitui, nos dias de hoje e no sistemas educativos, uma quase emergência, se quisermos adotar a metáfora da emergência climática. Numa como noutra destas duas situações, podemos afirmar a “emergência” porque não há plano B que possa fazer face de forma eficaz e em tempo útil aos problemas que defrontam – e que não dão sinais de redução ou perda de importância para a sobrevivência – o planeta e a aprendizagem, respetivamente*”.

A avaliação deve ser um processo que acompanha todo o sistema de aprendizagem, que permite determinar se os objetivos educacionais foram atingidos ou não. Este processo não diz apenas respeito a reprovação ou aprovação do aluno, mas também à identificação do nível em que este se

encontra, a uma base criteriosa para determinar os objetivos a alcançar para uma maior aprendizagem durante o caminho percorrido. *“Enquanto processo deliberado, sistemático e contextualizado de recolha de informação que permite compreender o que os alunos sabem e são capazes de fazer em cada momento, a avaliação é um elemento determinante para a qualidade do processo de ensino e aprendizagem.”* (Fernandes, 2011 cit. por Ferro, 2019, p. 11)

“Não se ensina aquilo que não se sabe, que não se conhece” foi uma das frases que mais ouvi dos meus orientadores durante o EP e é verdade. Eu sou a prova disso. Sem dúvida que todos os dias foram dias de aprendizagem constante, e que este processo de avaliação foi mais uma das tarefas difíceis e complexas de realizar. Não me encontrava preparada para tal, quem era eu para avaliar um aluno, se nem sei bem se fui capaz de ensinar? Será que sou capaz? Será que vou ser correta e justa na avaliação de cada um deles? Sinto que a faculdade não nos preparou muito bem para este aspeto e, só na prática, aos poucos, consegui compreender melhor todo o processo avaliativo.

Não sabia bem como realizar esta tarefa, não queria ser injusta com nenhum deles. Desde o início que o EP foi um aglomerado de preocupações, de medos, de falta de valorização da minha parte sobre mim mesma, sobre as minhas capacidades. Mas acabei por ser realista e perceber que todas as UD tinham um objetivo e que eu tinha que definir vários objetivos para os alunos de acordo com as características e evoluções de cada um deles durante as aulas. A avaliação diagnóstica foi essencial nesta fase, uma vez que me forneceu informações acerca do nível e do conhecimento dos alunos. A partir daí, era conseguir arranjar as melhores estratégias e métodos para que os alunos chegassem aqueles objetivos, construindo assim as várias grelhas para analisar e avaliar os alunos em todo o processo para que no final conseguisse classificar cada aluno.

A Avaliação é uma tarefa que faz parte do ser professor, na medida que através da avaliação conseguimos perceber a eficácia do processo de ensino, permitindo-nos realizar alterações ao mesmo, no sentido de provocar a tal mudança, o que ao longo do percurso fui conseguindo percebendo toda esta intenção, claro que inicialmente, por falta de experiência, acabei por avaliar no

início cada um deles no saber fazer e no não saber fazer, colocando de parte o restante que de certa forma apercebi-me que eram tão mais importantes do que aquilo que estava a avaliar, e ao aperceber-me disso e de refletir que tinha que avaliar todo o processo de evolução de cada um deles, ou seja, que tinha de os acompanhar de forma a observar se os objetivos que estavam propostos tinham sido alcançados ou não, para depois encontrar estratégias e adaptar a planificação às várias situações caso o aluno não estivesse a chegar aquele patamar. Avaliar não é apenas avaliar o aluno, é também avaliar o nosso trabalho, de forma a mudar, a melhorar o processo de ensino-aprendizagem, não é também reprovar ou aprovar o aluno, é identificar o nível em que este se encontra, definir objetivos a atingir e ajudá-lo a caminhar até esses objetivos, ou seja, acaba por ser um trabalho mútuo, uma aprendizagem entre o aluno e o professor.

Como referi anteriormente e após refletir sobre este processo que de certa forma é importante, durante o EP, procurei ligar a avaliação aos objetivos que tinha estipulada aos meus alunos, fazendo ao mesmo tempo com que cada um deles fizesse parte deste processo. Todos sabiam quando iriam ser avaliados e no que iriam ser avaliados, o que se iria requerer do seu desempenho e dentro deste, o que poderiam realizar para melhorarem. Dentro desta avaliação não contemplavam apenas o saber fazer, o saber, mas estavam presentes com uma grande força o saber ser e estar. Como referi inicialmente, foquei mais nas relações interpessoais e na componente socioafetiva. Estavam em constante avaliação o trabalho de equipa, o espírito de equipa, a cooperação, o saber estar e ser com os outros, a comunicação. A inclusão foi algo que tinha de lá estar e a que dei muita importância. Apesar de esta fazer parte da disciplina e do desporto, foi algo que foi desde início foi trabalhado nesta turma, porque todos eles necessitavam deste processo para crescer e evoluir em todos os aspetos, dentro e fora da sala de aula, para verem e viverem as coisas noutra perspetiva.

“O envolvimento dos alunos nos processos avaliativos tem um impacto estruturante na melhoria das suas aprendizagens e no desenvolvimento da capacidade de autonomia e de autorregulação (entre outras)” (Redelius e Hay, 2012, López-

Pastor, 2017 cit. por Ferro, 2019, p. 15). “Partilhar com os alunos os objetivos a perseguir, explicitar as tarefas e os critérios valorizados dos desempenhos, fomentar processos de efetiva autorregulação (...) constituem exemplos de uma prática que importa desenvolver” (Ferro, 2019, pp. 15-16).

Da mesma maneira que iam sendo avaliados, os próprios faziam parte da avaliação em determinadas modalidades, a partir da heteroavaliação e da autoavaliação, que permitia perceber o nível de conhecimento de cada um e ao mesmo tempo perceber ainda a capacidade que cada um tinha de avaliar o colega e a si mesmo.

A avaliação é um processo que se vai desenvolvendo, que não depende só do aluno ou apenas do professor. É um processo mútuo que requer a reflexão constante no seu todo e a procura de estratégias com o objetivo de melhorar o processo de ensino-aprendizagem, apoiar a evolução dos alunos, ajudar o aluno a aprender a melhorar, a ultrapassar o simples e fazer mais coisas, obter mais conhecimento. A avaliação contribui também tornar o professor mais competente para garantir essa evolução. A avaliação não é uma mera classificação, serve para incentivar a aprendizagem ao longo de todo o percurso realizado pelo aluno.

Durante o EP, fui partilhando as minhas avaliações com a PC, fomos trocando impressões, opiniões sobre as mesmas. Pude assim aprender mais sobre este parâmetro e no fundo valorizar mais aquilo que realmente deveria ser avaliado. Em suma, a avaliação apresenta vários propósitos, quer para os alunos, quer para os professores. Deve ser tida como um instrumento de ajuda e não um instrumento de classificação, em que se determina os níveis atingidos, em comparação com os objetivos propostos. Portanto, a avaliação serve para o professor arcar um conjunto de informações no sentido de melhorar o processo de ensino-aprendizagem e de mudança.

4.2 Área2 – Participação na Escola e Relação com a Comunidade

Ser professor não nos circunscreve apenas à nossa disciplina. Acho que a escola tem um objetivo comum. Trabalhamos todos para o mesmo e temos que nos

ajudar uns aos outros, por forma a que os problemas diminuam. Ou seja, temos que fazer parte de toda a comunidade escolar e estar mais presentes e participar nos diversos projetos, estratégias e atividades que existam, pois, ser professor é conhecer a escola, é fazer parte dela.

E foi isto que eu quis fazer, fazer parte e conhecer a Escola Pêro Vaz de Caminha, desde os alunos, aos professores, funcionários e outros elementos que fazem parte da comunidade escolar. Acabei por crescer muito também neste aspeto de conhecer a escola, ver e conhecer as preocupações de cada um dos elementos, os seus pensamentos e opiniões sobre esta profissão, sobre esta instituição. Por outro lado, a presença nas reuniões fez com que percebesse o que se está a passar na escola e nas outras disciplinas com os nossos alunos. Mantendo sempre a preocupação com as minhas turmas, mantendo o contacto constante com as DT(s) facilitou o nosso trabalho, a interação e a relação com os alunos, por forma a ajudar um pouco mais a lidar com as várias situações.

“Em relação à comunidade escolar, acho que tenho sido aceite e acarinhada por todos, tenho recebido muito apoio, motivação, o que me permite continuar e acreditar naquilo que estou a fazer, mantendo sempre o contacto com todos os membros da mesma, principalmente com os diretores de turma, por forma a trabalharmos em conjunto a turma e os seus problemas da turma. Sinto que a cada dia faço parte desta escola e isso torna-me mais feliz e de coração cheio.” (DB, 7 a 10 de janeiro 2020)

E porque ser professor é fazer parte da escola, tentei estar sempre presente e fazer parte no que toca às atividades planeadas pela PC e pelo GEF, foi uma maneira de aprender algo mais, ter outras experiências e conhecer outras professoras nas suas áreas. Assim, neste capítulo, partilho os vários momentos que tive a oportunidade de vivenciar ao longo deste ano letivo.

4.2.1 Direção de Turma

Segundo Boavista e Sousa (2013, p. 80), o *Diretor de Turma (DT)* “é um gestor pedagógico que acumula uma tripla função, ou seja, para além da relação que estabelece com os alunos e com os encarregados de educação estabelece também relações com os diferentes professores da turma, sendo que o DT

constitui uma peça fundamental na criação de uma harmonia escolar, uma vez que estabelece uma relação interna com os vários grupos, alunos e professores, bem como uma relação externa que estabelece com os encarregados de educação, fazendo com que estes façam parte da comunidade escolar e se envolvam no processo de aprendizagem dos seus educandos.”

A minha vivência sobre a ação do diretor de turma (DT), durante o EP, resultou da estrita colaboração desde início com a DT da minha TR, destacando-se todo o trabalho desenvolvido durante o ano letivo e no ensino à distância. Mantive sempre um contacto permanente com a DT com o objetivo de ajudar os meus alunos dentro e fora do contexto de sala de aula, como também de incentivá-los para o cumprimento das tarefas quer de EF, quer das restantes disciplinas.

Boavista e Sousa (2013) afirmam que *“o DT constitui um elemento determinante da mediação de conflitos, que não se encerram apenas no recinto escolar, ramificando-se e multiplicando-se por toda a comunidade educativa.”* Não chegando de facto a assumir o papel de DT, como responsável por lecionar aulas e, ao mesmo tempo, gerir e orientar uma turma e coordenar os diferentes professores da turma, o trabalho colaborativo que realizei com a DT, com o intuito de me envolver nos assuntos da turma, permitindo-me saber mais sobre cada um dos meus alunos, os seus problemas, dificuldades, a sua história. O contacto com a DT nas reuniões de conselho de turma, em pequenas conversas como na sala dos professores fizeram com que eu tivesse outra perspetiva e outro comportamento, outra atitude para com cada aluno da turma. Ser DT é ser um elemento da escola que mantém um contacto de proximidade com os seus alunos, com o objetivo de proporcionar um bom clima entre os alunos e com estes na comunidade escolar. Fazer com que os alunos se sintam mais à vontade para partilhar os seus problemas, assim como trabalhar nos problemas inerentes à turma depende muito de o DT ser uma pessoa prestável e disponível para comunicar com os alunos.

De facto, o DT *“tem um papel complexo, assume uma dupla profissão, a de docente e a de gestor”* (Boavista & Sousa, 2013). Carece de conhecimento

legislativo acerca das suas funções e de competências para ser o elo de ligação entre os elementos que fazem parte do conselho de turma com o intuito de encontrar soluções para os problemas que vão surgido ao longo do ano. É certo que a DT da minha TR fez um trabalho extraordinário. Era uma pessoa competente, meiga, que gostava daquilo que estava a fazer, gostava dos alunos, procurava sempre estratégias para o bom funcionamento da turma, o que me permitiu criar uma boa ligação com a mesma e ajudá-la neste sentido, de acompanhar os problemas da turma e ao mesmo tempo acompanhar o seu trabalho. Fazer parte desta turma, fez com que fosse ganhando a confiança de cada um deles e sobretudo ganhar maior confiança com a DT, construindo um trabalho colaborativo para o bem dos alunos, abordando vários problemas que aconteciam com a turma dentro e fora das aulas, partilhando ideias e soluções para ajudar os alunos, partilhando ao mesmo tempo experiências assentes numa relação de empatia.

“Aos poucos, a professora foi-se integrando na turma e também no seio escolar. Ao longo do ano, a sua atuação pedagógica foi determinante e teve um impacto muito positivo junto dos alunos e membros do CT, mais especificamente com a Diretora de Turma. De facto, a Christine marcou a sua presença com uma postura colaborativa na resolução de problemas que iam surgindo na turma e também nas tarefas de direção de turma, junto da DT. De facto, demonstrou sempre interesse e preocupação para com os alunos, na resolução dos seus problemas e inquietações, revelando assim a sua faceta de conselheira e amiga, criando com os alunos, professores e funcionários uma relação profissional baseada na amizade, confiança muito vinculada. Mostrou-se sempre disponível na ajuda e concretização de projetos e tarefas respeitantes à turma.” (Anexo - Relatório Final da DT da TR, 21 de junho 2020)

Segundo Paulo Freire (cit. por Schram & Carvalho, s.d., p. 11), “a escola se apresenta como local privilegiado à libertação, pois é pela possibilidade de debater, discutir, dialogar que se alcançará a compreensão sobre a realidade circundante, e assim, ser possível, escrever a história das mudanças e das transformações...a comunicação entre o educador e educando, na partilha de suas experiências pelo diálogo, abre caminhos para uma participação responsável. O diálogo implica reconhecimento do outro, através do respeito a sua dignidade, o

que só é possível entre pessoas, e o qual se fundamenta na democracia.”

É importante conhecer a nossa turma, os nossos alunos, não só as suas habilidades desportivas, mas também a sua história, pois cada um deles tem as suas características, personalidades. Eles transportam uma grande bagagem, uma bagagem que nem sempre é fácil e que faz com que tenham determinados comportamentos e atitudes. Nós, professores, somos um meio para que eles se possam expressar, transmitir e fazer transparecer um pouco deles. Pois, trabalhar com miúdos é uma história e podemos nós fazer parte dela, ajudando-os de variadas maneiras e em diferentes momentos.

“Existem alunos que necessitam de nós e que ao mantermos uma boa relação com os mesmos, conseguimos chegar até eles, o que permite que haja uma aceitação e uma intencionalidade para mudar, no entanto, existem alunos que não permitem que isto aconteça e muitas vezes sentimo-nos perdidos com o que observamos e ouvimos e questionamo-nos naquilo que devemos fazer e como devemos reagir perante estas situações. Infelizmente nem todos são recetivos, ou por momentos são e depois deixam de o ser. Neste momento, ajudo os alunos que querem realmente serem ajudados, porque neste momento, por mais que goste de os ajudar e de ser o mais correta possível, neste momento não consigo mudar o mundo, mas dentro desta minha etapa, quero poder fazer aquilo que está no meu alcance, com os alunos que precisam de mim.” (DB, 28 fevereiro 2020)

O papel de DT é um trabalho fundamental e também exaustivo, dependendo de cada turma. E sei que a minha era um pouco complicada. Ser DT envolvia muitas burocracias, muita gestão e planeamento. No fim do estágio, acabei de certa maneira por fazer parte desta vivência. Todo este trabalho e acompanhamento permitiu enriquecer o EP e, acima de tudo, aumentar as minhas competências como professora e o meu papel como docente na escola, que não se cinge apenas a lecionação de aulas.

4.2.2 Atividades não Letivas

A profissão do professor não se restringe à planificação e lecionação das aulas, faz parte da sua profissão também participar e fazer parte da comunidade, suscitar o papel do professor para além da EF. A intervenção do professor na escola ultrapassa a sala de aula. Há participação e envolvimento em atividades

escolares, atividades não letivas e outras ações educativas. Esta área, de acordo com as normas do EP (p.6) contempla *“todas as atividades não letivas realizadas pelo estudante estagiário, tendo em vista a sua integração na comunidade escolar e que, simultaneamente, contribuam para um conhecimento do meio regional e local tendo em vista um melhor conhecimento das condições locais da relação educativa e a exploração da ligação entre a escola e o meio”*.

A relação que o EP me proporcionou com a escola cooperante foi sem dúvida uma relação que contribuiu muito para o meu desenvolvimento e crescimento seja a nível profissional como pessoal. Fazer parte da escola, participar nas reuniões de departamento de expressões, de grupo disciplinar, de conselho de turma, no qual me envolvi ajudando e dando também sugestões, acompanhando de alguma maneira o papel do DT, bem como participar em várias atividades e ter a oportunidade de organizar, no fundo foi muito importante para a minha integração na escola, na comunidade escolar. Durante toda esta caminhada procurei estar sempre presente e participar ativamente nas atividades relacionadas com a comunidade escolar, no sentido de fazer parte dela, de me relacionar com todos os envolventes, com alunos, professores, funcionário e de alguma maneira com alguns encarregados de educação, conseguindo assim estabelecer uma boa relação com todas as pessoas com quem convivi.

O facto da PC ser uma pessoa dinâmica, um ser que gosta de proporcionar todas as experiências e mais algumas aos seus alunos, permitiu a minha total participação ao longo do ano em variadíssimas atividades, como também em atividades propostas pelo GEF e pela escola. Estas atividades marcaram-me de



Fig. 20 – Cartazes de Divulgação das Atividades

alguma maneira, possibilitaram voltar ao passado, recordar a infância e o tempo do liceu em que tive um professor assim, que também nos proporcionava imensas experiências desportivas, marcaram também pelas oportunidades de convívio e de contacto informal com os alunos, com os professores e funcionários, estando sempre presente nestes momentos sentimentos de alegria, motivação, integração, inclusão. Na minha opinião, estas atividades são fundamentais para dinamizar a escola, para incutir o gosto e a motivação para a prática e participação na atividade física, são também o elo entre a escola e a comunidade escolar.

4.2.2.1 Atividades e Torneios: o elo de ligação e de interação entre toda a comunidade escolar



Fig. 21 – Eu, o RC e a dona AD (Corta Mato)

Relativamente às atividades realizadas na própria escola, durante o ano letivo, o GEF já tinha definido quais as atividades que iriam ser dinamizadas e quais os intervenientes envolvidos. Assumi a responsabilidade junto dos restantes elementos do grupo disciplinar da realização das inscrições dos alunos em atividades, como torneios (torneio de badminton – 16 e 17 dezembro) que encerravam os períodos, o corta mato escolar (11 dezembro). Fizemos também parte de algumas atividades os alunos do 1ºciclo (apenas as nossas turmas), mega salto e mega sprint (14 janeiro), os jogos professor-alunos (11 dezembro). E em relação às competições fora da escola, tivemos também a oportunidade de participar no corta mato regional no parque da cidade, no dia 3 de fevereiro.



Fig. 22 – Jogos de Conquista

“Celebrar a Rota de Magalhães, é este o nosso dia. Hoje tivemos uma atividade com o tema “Jogos de Conquista”, para celebrar os 500 anos da rota de Fernão Magalhães, atividade inserida na flexibilidade curricular. Esta atividade foi desenvolvida para todos os alunos da escola e estiveram presentes várias disciplinas do

desenrolar da mesma. Gostei muito de participar nesta atividade, foi uma experiência, tive a possibilidade de fazer parte dela de diversas maneiras. Para além de estar disfarçada, estive sempre envolvida em toda a atividade, na sua instrução, no registo de pontuações, nas ajudas aos alunos nos jogos. Acho muito importante a criação deste tipo de atividades, inserindo todos os alunos, atividades como estas que englobam várias disciplinas, sendo uma maneira de estes aprenderem de forma mais fácil e divertida.” (DB, 24 outubro 2019)

No seguimento da ação de sensibilização ao ténis pelo Clube de Ténis Nun’Alves (11 a 15 de novembro) da visita à própria instituição (16 janeiro) acabou por haver a possibilidade de todas as turmas terem uma vez por semana uma aula de Ténis com treinadores do clube, o André e o Baris, uma vez que esta modalidade encaixava no planeamento do GEF e o clube pretendia angariar mais atletas.



Fig. 23 – Aula de Ténis TR (CSNA)

“Toda a aula, fez com que a turma passasse por diversas fases, por momentos de aprendizagem e de lazer, o que resultou com que os alunos estivessem em constante atividade e estivessem motivados para o decorrer da aula. Foi uma experiência motivadora e gratificante, levou-me a recordar uma parte da minha infância já esquecida, recordações de pequenina, os meus refúgios. O que permitiu que fizesse parte da aula, realizando a mesma com os alunos. Acho importante

fazer parte, para que numa próxima oportunidade, seja eu capaz de transmitir aquilo que aprendi.” (DB, 15 novembro 2019)

4.2.2.2 Sensibilizar e valorizar a diferença dentro e fora do desporto



Fig. 24 – Ténis de Cadeira de Rodas (CSNA)

Foram realizadas entre outras atividades, o Ténis de Mesa a partir da Associação de Ténis de Mesa do Porto (16 outubro); a Escalada na FADEUP (8 novembro); o Jiu-Jitsu (14 fevereiro). Tendo como um dos principais objetivos a inclusão, e por ser um Agrupamento de referência para a multideficiência, nós, no Agrupamento Pêro

Vaz de Caminha, no dia 3 de dezembro, celebramos o dia Internacional das

Pessoas com Deficiência, no qual organizamos uma atividade de desporto adaptado contemplando o boccia, goalball com material facultado pelo gabinete de atividade física adaptada da FADEUP. Contamos com a presença Clube de Ténis Nun'Alves e de um jogador de Ténis de cadeira de rodas que partilhou a sua história de vida e de alguma maneira partilhou o seu gosto pela prática da modalidade.

“Esta presença, para além de os alunos experienciarem desportos adaptados, teve como objetivo a ação de sensibilização para os alunos dito “normais” para com os alunos com necessidades educativas especiais, pois esta escola é uma escola de multideficiência e com alunos NEE inseridos no ensino regular, tendo a minha turma como exemplo. Ou seja, sensibilizá-los no sentido de passar para eles as suas dificuldades e desafios, mas, por outro lado, também a sua garra e motivação por algo que gostam e que não os fazem desistir. Como agir com eles, que tipo de relação podemos ter e como devemos reagir perante determinadas situações. E aprender, de acordo com as deficiências e limitações que cada um deles tem, a estar e lidar com outras pessoas, a incluírem-se e aceitarem-se uns aos outros.” (DB, 28 a 31 janeiro 2020)

Mais tarde (28 de janeiro), tivemos a oportunidade de ter a equipa de Desporto Adaptado do FCP na nossa escola, partilhando connosco as modalidades de boccia e goalball. Vieram vários atletas que se disponibilizaram a partilhar também um bocadinho daquilo que são as suas vidas e o que estas modalidades lhes proporcionavam. A organização destas atividades de desporto adaptado teve como objetivo sensibilizar a escola e os alunos a promover uma maior compreensão dos assuntos concernentes à deficiência e a mobilizarem-se para a defesa da dignidade, dos direitos e o bem-estar das pessoas, principalmente dos nossos alunos. Procuramos também aumentar a consciência dos benefícios trazidos pela integração das pessoas com deficiência em cada aspeto da vida política, social, económica e cultural.

“Com esta visita, como prometido levei o meu aluno RC a participar no Boccia, pois é um desporto que ele gosta e que gostava de treinar. Sendo também grande fã do FCP, andava ele entusiasmadíssimo para que este dia chegasse. Por isso quisemos proporcionar-lhe este momento, esta oportunidade, o que me encheu o coração ao ver a sua reação e a sua alegria. A ver vamos se consegue entrar no clube. Só dependerá da sua família, pois é algo que o RC quer muito, pois da parte do clube, este tem a porta aberta para ele.” (DB, 28 a 31 de janeiro 2020)

4.2.2.3 Visitas de Estudo



Fig. 25 – Galeria da Biodiversidade

aprender e partilhar um pouco mais sobre a mesma e a sua realização e por outro, a oportunidade de conhecer outras pessoas e lugares.

Tive também a possibilidade de acompanhar junto da PC/DT, a TP na visita de estudo da disciplina de ciências ao jardim botânico, nomeadamente à galeria da biodiversidade (15 janeiro). Esta atividade marcou-me pela positiva, por um lado, reviver vários momentos,

Por motivos de pandemia, o final do segundo período, como também o terceiro período tiveram de ser alterados. Muitas das atividades planeadas e pré-planeadas acabaram por não serem concretizadas e muitas delas foram canceladas. Foi o caso dos torneios do final de cada período, a atividade de patinagem que estava prevista para o dia 24 de março, a visita de estudo ao museu do FCP (15 abril), a visita de estudo a Peniche com a TP (20 e 21 de abril), o dia mundial da dança (29 de abril) e o dia da Pêro Vaz de Caminha (26 maio), com a qual tinha pré-planeado algumas ideias e atividade com a coordenadora do Desporto Escolar de Dança, professora Patrícia Gonçalves. Caiu por terra também a concretização de um outro desafio, que me fora lançado pelas funcionárias/os da escola, para a construção de uma coreografia para apresentarem no dia da escola.

4.2.3 Atividades Realizadas pelo Núcleo de Estágio

4.2.3.1 “Constrói o teu kit de Polybat”

Em relação à promoção e organização de atividades, infelizmente só consegui realizar apenas uma, por não ser de cá e por não ter contactos para tal. Mas após o Congresso de Atividade Física Adaptada e de muita curiosidade que me suscitou esta nova modalidade, convidei a Federação Portuguesa de Desporto para Pessoas com Deficiência (FPDD) a partilhar connosco, o Polybat, o que aconteceu no terceiro período, em tempo de pandemia.

Não sendo possível virem à escola, como estava acordado para o dia 29 de maio, pela situação atípica encontrada, lancei o desafio à FDPP de partilhar a modalidade de outra forma. Desafiei a federação a fazer, a partilha da mesma, através de um vídeo, que acabaram por desenvolver para poderem dar continuidade ao trabalho, agora de forma digital. Esta pequena apresentação permitiu dar a conhecer aos alunos a modalidade de Polybat, incluindo a demonstração da construção de um kit de Polybat. Ao mesmo tempo que davam a conhecer a modalidade estavam a dar a nós e aos nossos alunos, uma nova atividade que eles poderiam realizar em casa com a sua família, fazendo com que de alguma maneira pudessem estar mais ativos em casa. Deste modo, o ensino a distância não nos impediu de divulgar a modalidade. Realizamos um excelente trabalho com as nossas turmas, que partilhamos depois com a FPDD, como forma de agradecimento, a partir de um vídeo.



Fig. 26 – Vídeo promotor FPDD “Polybat”

“Sendo que esta foi bem aceite, obtendo uma resposta por parte da Federação positiva “É sem dúvida muito importante agirmos de forma dinâmica e arranjarmos soluções. Achamos uma ótima ideia e, por essa razão, iremos trabalhar nisso nos próximos dias e, em breve, contacto-a novamente”. Aguardamos então que esta seja lançada

e ver qual o resultado que conseguimos da mesma. Espero que corra bem e por outro lado, que esta tenha sucesso.” (DB, 20 a 24 de abril)

O desafio lançado foi “Constrói o teu kit de Polybat”. Pedimos aos alunos, feedbacks e evidências da atividade realizada em casa com o material a que tinham acesso. Esta atividade não poderia ter sido mais adequada do que aquilo foi. De facto, foi muito útil para os nossos alunos, neste momento de pandemia, tornando-se um sucesso para os nossos pequenos e graúdos.

Na minha opinião, todas as escolas deveriam proporcionar diversas atividades aos alunos, no intuito de diversificar as experiências, seja em contexto escolar, quando os clubes, associações ou federações se apresentam disponíveis para virem cá à escola, seja fora do contexto escolar, no caso de termos acesso às

atividades nos seus locais próprios, seja ainda pela alternativa de recurso da via digital.

4.2.4 Desporto Escolar

4.2.4.1 Desporto Escolar Andebol

Durante as primeiras reuniões de NE, a PC deu-nos a possibilidade de passar pelo Desporto Escolar e/ou acompanhar a direção de turma, informando-nos de que, neste ano letivo, a escola iria dar continuidade a duas modalidades de desporto escolar, a Dança e o Basquetebol, sob o acompanhamento de duas professoras do GEF. Embora gostasse da Dança e de dançar e de, desde o início, querer acompanhar este grupo e partilhar com ele algo de que eu gosto, acabei por escolher junto do NE, introduzir o Andebol.



Fig. 27 – Cartaz DE Andebol

Esta proposta avançada pelo meu colega Rodrigo que era treinador de Andebol, de alguma forma proporcionaria a experiência noutras modalidades para além das que a escola oferecia. E, no meu caso, poderia aprender um pouco mais e preparar-me para lecionar esta modalidade nas minhas turmas com mais competência. Depois de aprovado depois pela PC, para começar, acabei por me responsabilizar por elaborar um cartaz para publicitar a modalidade e entrar em contacto com o docente da FADEUP e treinador da equipa de andebol Águas Santas, José António Silva, para planear uma visita à escola, com a possibilidade de trazer também a equipa para partilhar um pouco sobre o andebol e as suas experiências, o que acabou por não acontecer, infelizmente.

“Verificamos que a maioria das turmas têm mais possibilidade às terças feiras, o que nos é difícil, por ser um dia de aula à tarde para outras turmas. No entanto, ao voltarmos para o pavilhão deparamo-nos com muitos meninos no campo de jogos e nos corredores do átrio e desafiarmo-los a virem connosco experienciar o Andebol. O mais engraçado é que toda a turma aderiu e estavam curiosos e desejosos por experimentar, eram alunos de 5ºano. Visto que o 8ºA

e o 5ºB tem disponibilidade em praticar às quartas feiras decidimos manter. Tivemos durante a mesma a exercitar alguns conteúdos básicos do andebol, como o passe, passe picado e como se deve fazer.” (DB, 9 outubro 2019)

É de facto importante o professor criar estratégias para cativar os alunos para a prática da modalidade, promover o gosto, o conhecimento da modalidade, fomentado o trabalho em equipa e todos os valores inerentes. Confesso que os primeiros treinos foram motivadores. Estavam presentes duas turmas, uma turma de 5ºano e outra de 8ºano, que tinham horário disponível para tal. Mas com o passar do tempo, a vontade de cada elemento do NE para se dedicar ao projeto entrou em crise pelo facto do número de alunos se ir reduzindo. Uma vez que os treinos não eram de carácter obrigatório, muitos dos alunos faltavam, demonstrando alguma desmotivação e falta de responsabilidade, agravadas pelo facto de não existir a vertente competitiva com outras escolas. Isto acabou por se refletir na nossa ação enquanto NE, não sendo capazes de dinamizar, de criar estratégias, de motivar os alunos para aderir e continuar no projeto. Acabamos por dar por terminado o Desporto Escolar de Andebol no início do segundo período.

4.2.4.2 Desporto Escolar Dança



Fig. 28 – 1º Encontro DE Dança

Entretanto, acabei por voltar à minha primeira escolha, colaborando com a professora responsável pelo grupo de Desporto Escolar de Dança, Prof. Patrícia. Realizei assim um trabalho de parceria com ela na construção de coreografias e de alguns pormenores. Observei neste grupo um outro gosto, uma outra responsabilidade, dedicação e compromisso com o projeto. Em consequência da pandemia,

não nos foi possível competir e apresentar a nossa coreografia, nem na prova de Desporto Escolar, nem no dia mundial da dança, nem no dia da escola. Trabalhei esta mesma coreografia na UD de dança da TP, para apresentarmos nos dias acima referidos e pelos mesmo motivos infelizmente, não nos foi possível partilhar com a comunidade escolar. Mesmo não tendo tido a

oportunidade de concretizar os eventos culminantes, posso dizer que com a saída do Andebol e a entrada para a Dança acabei por aprender um pouco mais.

4.3 Àrea3 – Desenvolvimento Profissional – As Necessidades Educativas Especiais na Educação Física e sua Inclusão: um estudo realizado com uma turma de 8ºano de escolaridade com alunos com NEE

Resumo

O presente estudo de caso tem como objetivo examinar em profundidade uma experiência de inclusão de alunos com Necessidades Educativas Especiais (NEE) na disciplina de Educação Física (EF), dando conta das dificuldades sentidas e das estratégias utilizadas por uma estudante estagiária (EE) para integrar alunos com NEE nas suas aulas. O estudo de caso envolve uma professora (estudante estagiária) e a sua turma do 8º ano com 18 alunos (9 do sexo masculino e 9 do sexo feminino), um dos quais com NEE acompanhado por uma assistente operacional. Os dados foram recolhidos através de reflexões do diário de bordo, dos planos de aula, comentários da assistente operacional e através de questionários aplicados aos alunos no final do ano letivo. Os resultados evidenciaram que o trabalho realizado pela professora (EE) com a coadjuvação da assistente operacional e todas as estratégias utilizadas permitiram a concretização de uma boa prática pedagógica, como também sensibilizar a turma para evitar comportamentos de exclusão de indiferença para com os alunos com NEE e abrir portas para um trabalho inclusivo, de aceitação, aprendendo a lidar com tudo o que os rodeia, a partir de um trabalho de equipa, de cooperação e interajuda por parte de todos, pois todos fazem parte de uma turma, e todos têm o direito de se sentirem bem, integrados e felizes.

PALAVRAS – CHAVE: Estágio Profissional, Educação Física, Necessidades Educativas Especiais, Estratégias Pedagógicas, Inclusão

4.3.1 Introdução

Desde 1994 que o termo Inclusão *“tem procurado defender a diversidade e equidade nos vários domínios da sociedade como fatores promotores de um desenvolvimento positivo de, e para todos”* (Hutzler et al., 2019 cit. por Cunha et al., 2019)³ e eis que, no mesmo ano, foi realizada em Salamanca uma *Conferência Mundial sobre Necessidades Educativas Especiais: Acesso e Qualidade*, organizado pelo governado espanhol com a colaboração da UNESCO. Esta conferência teve como propósito a promoção de uma *“Educação para Todos”* e preconizava mudanças politicamente necessárias para que fosse possível desenvolver a abordagem de uma educação inclusiva, dotando as escolas de capacidades para atender no seu seio crianças que possuem NEE. A intenção era combater atitudes discriminatórias e apelar, assim, à construção de uma sociedade inclusiva (Organização das Nações Unidas para a Educação & Ministério da Educação e Ciência de Espanha, 1994).

Mais recentemente, o Decreto-Lei nº 54/2018 de 6 de julho estabelece *“como uma das prioridades da ação governativa a aposta numa escola inclusiva onde todos e cada um dos alunos, independentemente da sua situação pessoal e social, encontram respostas que lhes possibilitam a aquisição de um nível de educação e formação facilitadoras da sua plena inclusão social”*. Reforça ainda, *“o direito de cada aluno a uma educação inclusiva que responda às suas potencialidades, expectativas e necessidades no âmbito de um projeto educativo comum e plural que proporcione a todos a participação e o sentido de pertença em efetivas condições de equidade, contribuindo assim, decisivamente, para maiores níveis de coesão social.”*

De acordo com o artigo 1º da Carta Internacional da Educação Física e do Desporto da UNESCO (UNESCO, 2019), *“a prática da educação física e do desporto é um direito fundamental de todos”* para o qual, *idade pré-escolar, aos*

³ Cunha, M. A. d., Pereira, A., Carvalho, D., Ferreira, J., & Bastos, T. (2019). *Estratégias pedagógicas implementadas por professores de educação física para incluir alunos com deficiência nas suas aulas: Um estudo de caso apresentado em sede de uma unidade curricular do mestrado em ensino da EF do ISMAI.*

idosos e às pessoas com deficiência, a fim de permitir o desenvolvimento integral da sua personalidade, através de programas de educação física e de desporto adaptados às suas necessidades.”

Cunha et. al (2019) realçam os estudos que se têm debruçado sobre os benefícios da inclusão, as perceções e atitudes dos professores. Os autores admitem que *“é indiscutível o impacto que a Inclusão tem nas áreas disciplinares, incluindo, na Educação Física”* (Hodge et al. 2009 cit. por Cunha et al., 2019). Porém, *“poucos têm sido aqueles que examinam as adaptações curriculares e estratégias pedagógicas adotadas pelas escolas e professores para concretizar a Inclusão (Cunha & Dowling, 2011). É, então, importante que o professor realize as adaptações necessárias às características dos seus alunos para que haja uma participação positiva e para que seja possível incluir estes alunos de forma eficiente.*

Tendo em conta o objetivo que a área engloba e a minha falta de conhecimento neste domínio, o tema das *“Necessidades Educativas Especiais e a Inclusão na Educação Física”* surgiu como desafio ao ter na minha turma de 8ºano um aluno de cadeira de rodas. Apesar de ter mais quatro alunos com NEE, este foi o aluno que mais se destacou e me desafiou ao longo do EP nas aulas de EF e que me fez perceber o que é lecionar tendo um aluno com características tão diferentes dentro de uma turma de ensino regular, mesmo estando acompanhado por uma assistente operacional. Não achei de todo que fosse um problema a contornar, mas um desafio a superar. Houve sentimentos de medo, receio, de uma incógnita sobre o assunto e sobre a minha PP para com este aluno, por estar ciente de que não sabia o que poderia fazer com aquele aluno e o que poderia fazer para o incluir nas aulas de EF e na turma. Tive momentos em que pensei que estava constantemente a falhar com ele e que nada estava a ser realizado para que ele fosse incluído nas aulas, para que se sentisse bem acolhido e inserido na turma.

Ao longo deste projeto de investigação, foi fulcral todo o processo, no que concerne ao planeamento (estratégias pedagógicas), à prática, às questões socioafetivas e à transmissão de conhecimentos sobre a importância e os

benefícios da inclusão dos alunos com mais dificuldades e com NEE. É de referir que este processo não foi realizado individualmente, existiram vários elementos que fizeram parte deste meu percurso de EP e que justificaram a importância e pertinência de o incluir como tema de investigação no âmbito da área 3 do RE. Enquanto parte integrante da minha PP, este processo é revelador do meu sucesso e insucesso, do meu conhecimento e desconhecimento, do meu eu íntimo e do meu com os outros, sendo que estes temas foram desenvolvidos com a minha turma, uma turma heterogénea, indisciplinada e com a necessidade também de ser trabalhada em vários domínios, sendo o domínio socioafetivo presente desde o início. Todo este papel esta intervenção, foi de facto um desafio, um desafio difícil que teve os seus altos e baixos, mas que, ao longo do EP, fui conseguindo realizar vencer, fruto de um bom trabalho, como também da orientação e apoio que recebi.

Face ao exposto, pretendo com este estudo perceber e conhecer melhor esta área e, ao mesmo tempo, refletir sobre a forma de desenvolver um trabalho na EF com alunos com estas características, sabendo que estes se encontram no ensino regular. Importa questionar como gerir e planear as aulas de forma a incluir estes alunos na turma e vice-versa; quais as estratégias utilizadas para potenciar o processo de integração e aprendizagem do aluno numa dinâmica inclusiva do trabalho da turma; que benefício pode trazer o apoio por parte de outro profissional (coadjuvação).

4.3.2 Metodologia

Desenho do Estudo

Segundo Yin (2012), “o método de estudo caso reside na capacidade de examinar em profundidade, um caso dentro do seu contexto da vida real. Deve ser usado quando a investigação se debruça sobre questões descritivas ou explicativas e visa facultar uma compreensão em primeira mão das pessoas e conhecimentos”.

A intenção do estudo de caso é extrair conhecimento a partir da singularidade do próprio caso. Neste sentido, o meu estudo reflete a experiência de trabalho

inclusivo com a turma, tendo por referência a particularidade do aluno de NEE acompanhado pela assistente operacional.

Participantes

No presente estudo, realizado no ano letivo 2019/2020, participou uma turma de 8ºano do 3ºciclo básico da Escola EB 2/3 Pêro Vaz de Caminha, com 18 alunos (9 do sexo masculino e 9 do sexo feminino, com idades compreendidas entre os 12 e os 16 anos), com especial referência do aluno RC com NEE, a assistente operacional que acompanha o aluno e o professor da turma, estudante estagiária de EF.

Foi pedido ao RC, bem como ao seu encarregado de educação, o consentimento informado através de uma carta para a realização do estudo sobre o trabalho que o professor iria desenvolver com o aluno e com a turma ao longo do EP. Contudo, apesar do aluno com NEE ser o ponto de referência neste estudo, todos os alunos da turma foram elementos ativos em todo o processo, em todas as aulas.

O RC, atualmente com 14 anos, é estudante do 8º Ano. Vive e é acompanhado pelos pais, sendo a mãe a encarregada de educação. Este aluno apresenta um problema oncológico grave, um tumor cerebral degenerativo, desde mais ou menos os 3 anos de idade, que fez com que, ao longo dos anos, aumentasse o deficit motor, situado nesta altura nos 70%. As capacidades coordenativas motoras afetadas, nomeadamente as dificuldades de locomoção, obrigam-no a deslocar-se em cadeira de rodas desde 2009 e a necessitar do apoio diário individual de uma assistente operacional, A.D.

Para além dos grandes problemas de motricidade grossa e fina, o RC viu também perturbado o desenvolvimento da linguagem, na medida em que perdeu capacidades articulares e atualmente manifesta grandes dificuldades em se expressar verbalmente com clareza. Apresenta um tom de voz e uma articulação de sons instáveis, fala devagar, mas utiliza sempre a linguagem verbal para se expressar. No que concerne à capacidade visual, de acordo com o seu médico, necessita de uso contínuo ocular, pois apresenta um agravamento de estrabismo

congénito convergente; e a nível da capacidade auditiva, realiza terapia da fala na Associação do Porto de Paralisia Cerebral (APPC). Recentemente perdeu a audição de um ouvido.

Em relação à família, o RC tem uma família atenta e que o apoia. No que respeita à satisfação das necessidades essenciais, ele recebe total atenção e preocupação por parte do seu encarregado de educação e dos adultos do contexto familiar. A cooperação do encarregado de educação e dos adultos do contexto familiar do aluno com os professores e outros agentes educativos, a disponibilização de toda a informação relevante para a determinação das medidas necessárias facilitam o desempenho da missão educativa, em especial na implementação de medidas de suporte à aprendizagem. A família mantém um acompanhamento ativo da vida escolar do RC. Respeita a sua autonomia pessoal, nomeadamente o direito de ser ouvido e de participar em todos os assuntos do seu interesse, tomando em consideração os seus desejos e preferências. São os pais que o trazem e levam todos os dias para a escola e para os tratamentos na APPC.

Em relação à escola, o aluno está abrangido pelos apoios ao abrigo do Decreto de Lei 54 – Educação Especial. Tem apoio direto do professor de educação especial, a partir do centro de apoio de aprendizagem. Está incluído a 100% em turma e vai a todas as aulas, tendo aulas em turma e aulas sozinho com o apoio de um portátil facultado pelo Ministério de Educação. Tem o apoio diário individual de uma assistente operacional que o acompanha em todas as aulas, dona A.D. - “as pernas do RC”, este é também apoiado pela APPC, tendo terapia da fala, hidroginástica e fisioterapia.

Contextualização do estudo de caso

Observação das possibilidades e constrangimentos à participação nas aulas

Conforme as observações realizadas por mim, o RC tem disponível durante as aulas a dona A.D., que é para ele como que os pés e muitas vezes os braços. Ou seja, ela funciona como elo de ligação entre a turma e ele. Sem ela, e por

vezes também a PC, não seria capaz de gerir as minhas aulas e de poder dar ao RC o apoio e a atenção de que necessita.

O RC consegue utilizar a mão direita e, apesar de ter a mão esquerda mais debilitada, consegue realizar os exercícios utilizando os braços, realizar passes e receções e agarrar a bola, ainda que com pouca amplitude. Geralmente, mantém-se na cadeira de rodas, movida pela dona A.D. Em determinados momentos, de aquecimento ou aptidão física, o RC, acompanhado pela dona A.D. ou pela PC, realiza pequenos elementos dos exercícios pedidos por mim. Consegue realizar alguns movimentos, como a rotação da cabeça, dos pulsos, dos tornozelos, da bacia (com ajuda – tipo marionete) e consegue exercitar alguns movimentos/exercícios com os braços. No chão, consegue realizar a postura quadrúpede, rebolar, deitar-se e sentar-se sozinho, com alguma dificuldade. Mas, no seu ritmo, levanta os MI com ajuda e consegue realizar abdominais e flexões também com ajuda.

Os planos de aula

O planeamento das UD e os planos de aula sempre foram construídos de acordo com a turma e as modalidades. Antes e ao longo da lecionação iam sendo desenvolvidas estratégias e regras de acordo com o que ia acontecendo na prática pedagógica. Conforme ia conhecendo a turma e o aluno, ia sendo capaz de modificar e adaptar as aulas e as modalidades de acordo com as necessidades existentes, por forma a estarem todos incluídos, no fundo trabalhando em equipa, cooperando com outros, comunicando. A Avaliação era realizada de acordo com aquilo que tinha sido trabalhado e de acordo com aquilo que os alunos eram capazes de realizar, individualmente e coletivamente, tendo em grosso peso as atitudes e os valores inerentes ao confronto com a atividade de aprendizagem.

Estratégias delineadas e implementadas

Em relação à EF, o aluno está sempre presente em todas as aulas, exceto quando está muito doente. Quando está presente realiza tudo o que lhe é pedido com ajuda da assistente operacional e algumas das vezes acompanhado, pela

PC ou pelos colegas. O aluno gosta das aulas e sente-se bem, sente-se bem e feliz, acaba por ser um deleite para ele e sente que faz parte de algo.

Existem momentos (a maioria deles) em que consigo incluí-lo nas aulas realizando os exercícios. São, para isso, utilizadas estratégias/regras, de acordo com as modalidades em questão e de acordo com a turma, de forma a potenciar o processo de aprendizagem dos alunos. Nas modalidades que não consegue realizar, são planeados exercícios parecidos com os dos colegas, mas com diferentes desafios. Em situações mais complexas que, de certo modo, não lhe permitem a prática, o aluno avalia os seus colegas a partir de fichas que construo, como aconteceu na ginástica de aparelhos (minitrampolim), e na temática de atletismo de salto em altura (Fosbury flop), por forma a fomentar o seu conhecimento e capacidade de observação.

- ❖ **Basquetebol** – utilizei o MED e conciliei as regras do basquetebol, com o basquetebol de cadeira de rodas;
- ❖ **Badminton** – redução do campo, utilizava os batimentos que conseguia realizar;
- ❖ **Atletismo** – redução de espaços/distância, utilizar a mesma dinâmica da turma, mas tendo em conta as capacidades do aluno. Utilização de uma ficha informativa para as disciplinas que não conseguia realizar, como o salto em altura (Fosbury flop), tinha ao seu cuidado os objetivos, as habilidades e seus conteúdos, em que ao longo das aulas estudava e observava, tirando ao longo das aulas dúvidas e estando presente e fazendo parte da avaliação a partir da heteroavaliação em que avaliava alguns alunos;
- ❖ **Futebol** – utilizou um stick de hóquei, tendo sempre cuidado com os colegas;
- ❖ **Ginástica** – a nível da acrobática realizou a coreografia, realizou alguns passes adequados ao aluno fazendo parte dos mesmos os restantes elementos do grupo, realizava figuras de pares/trios dentro das suas capacidades. No minitrampolim foi também de acordo com a modalidade de atletismo, tinha ao seu cuidado uma ficha com os vários saltos, os objetivos, as habilidades e seus conteúdos, em que ao longo das aulas estudava e observava o seu grupo, tirando ao longo das aulas dúvidas comigo, fazendo

parte da avaliação a partir da heteroavaliação em que avaliava os vários elementos do grupo da ginástica acrobática;

- ❖ **Tag rugby** – regras adaptadas quanto ao passe e transmissão da bola ao aluno;
- ❖ **Ensino à distância** – vídeos de desporto adaptado da UPFit, exercícios adaptados ao aluno tendo em conta a atividade lançada à turma, trabalho de criatividade e de superação (Polybat, Dança).

A turma: como o recebem, como o tratam?

Toda a turma recebeu bem o RC, no entanto, durante o primeiro período, foi um desafio incluírem-no nas atividades, principalmente nos momentos de jogo formal. Muitos dos colegas rejeitavam realizar as tarefas com o aluno, dada a sua incapacidade. Durante as aulas esses comportamento e atitudes de rejeição sempre tiveram a minha intervenção imediata com toda a turma, falando com eles, abordando este tema, para sensibilizá-los para esta situação e outras que poderão existir e em que poderão ver-se envolvidos.

O que veio a completar este trabalho que desenvolvi com a turma foram as atividades de desporto adaptado planeadas pelo NE e a vinda de várias atletas com NEE, que partilhavam as suas histórias, dificuldades e os seus desafios, sensibilizando os alunos ajudando-os a refletir sobre a vida e o que têm feito nas aulas. A ideia essencial era abrir mais os elos de ligação na turma para que as situações de exclusão fossem evitadas, investindo não apenas na inclusão dos alunos com NEE nas atividades, mas também num trabalho de equipa, de aceitação e de apreço uns pelos outros.

Recolha de Dados

A recolha de dados foi concretizada inicialmente a partir do dossier do aluno facultado pela coordenadora do EMAEI, através das observações durante as aulas, dos planos de aula, das reflexões no diário de bordo, dos registos da ação e comentários da assistente operacional, do aluno e dos colegas, bem como de dois questionários de resposta aberta elaborados por mim e que se encontram em anexo. O primeiro questionário foi editado em *Word* e impresso em PDF.

Este questionário foi apenas para o aluno com NEE, com o intuito de conhecer um pouco mais o aluno e a sua perspectiva em relação à EF e ao Desporto, a minha ação e atuação nas aulas, os sentimentos e percepções que o aluno teve ao longo do ano, os apoios que tem e uma pequena abordagem sobre a turma e a sua inclusão nas duas vertentes (aluno-turma/turma-aluno). O outro questionário usou o *formulário da Google*, que permitiu o envio do questionário via e-mail a todos os elementos da turma. As questões versavam a experiência e abordagem que tiveram com o aluno com NEE, e solicitavam uma reflexão sobre as aulas de EF e sobre a minha ação com eles.

Ambos os questionários só foram implementados, no final do ano letivo, em tempo de pandemia.

Análise de Dados

Este estudo adota uma abordagem qualitativa utilizando procedimentos de análise de dados descritiva e interpretativa, baseada na triangulação das fontes de recolha de dados e na sinalização dos momentos marcantes.

A análise dos questionários pretende dar conta da reflexão da experiência de cada aluno e da vivência que cada um teve com o aluno com NEE, como também da percepção e sentimentos que o próprio RC expressa sobre a abordagem da turma e de todos os elementos intervenientes (professor e a assistente operacional) e de que modo lhe proporcionaram um trabalho inclusivo, momentos lúdico, de partilha e de aprendizagem. Estes acompanham também a reflexão da assistente operacional sobre todo o trabalho realizado por parte de ambas, as nossas funções, a necessidade de parcerias educativas para facilitarem o processo de ensino e a inclusão de alunos com NEE e o meu papel com a turma e o RC.

4.3.3 Apresentação dos resultados e discussão

Reflexão final da Turma

“Fala-me um pouco sobre a tua experiência com a inclusão de todos na turma, principalmente com o RC? Como foi desenvolver o trabalho de equipa nas várias modalidades? *RC: como foi a tua experiência com a turma nas várias modalidades, como te sentiste?”

Através da análise das respostas às questões acima referidas, podemos verificar que, apesar de ter havido alguns comportamentos de exclusão para com o aluno, e que ele mesmo menciona, ao longo da PP, foram trabalhadas todas estas questões. O balanço das reflexões sobre o assunto por parte dos alunos dá conta de uma perspetiva mais positiva e mais consciente, como é referido abaixo:

- **Todos iguais, todos diferentes – o respeito pela diferença, o cuidado com a diferença**

“FA – Na turma somos todos diferentes. Não vejo nenhuma inclusão específica porque para mim são todos iguais... Cada um com o seu grau de dificuldade.”

“CR – foi espetacular. Em relação ao RC não me importei porque todos somos iguais simplesmente tem algumas incapacidades, mas tentei dar o meu máximo para trabalhar com ele e o ajudar”.

“RT – é fixe fazer as modalidades com todos, e com o RC também, pois ele é um rapaz que tem problemas, mas ele faz e se interessa.”

“LB – eu tive poucas vezes na equipa do RC, mas quanto tive foi um pouco complicado ajudar, pois eu não sabia como, mas ajudava na mesma. Até era divertido estar com ele na equipa porque ele ajudava a equipa também e um bom amigo de equipa, mas tínhamos de ter cuidado para não o magoar.”

- **Um desafio, uma oportunidade de aprendizagem**

“MS – Para mim foi como um “desafio” ter alguém “especial” como o RC na turma e ter de ajudá-lo e trabalhar em equipa com ele.”

“GM - Foi uma experiência no qual fomos aprendendo novos métodos de fazer certas coisas.”

“NL – neste ano conheci um menino com deficiência e aprendi muito com ele. Ele sempre deu o seu melhor e nunca desistiu mesmo com as suas limitações. Gostei muito de trabalhar em equipa com o RC, um menino muito gentil e feliz, além das suas dificuldades.”

- **Um caminho ainda com muitas pedras**

“RC - A minha experiência nas várias modalidades com a minha turma nem sempre foi a melhor experiência, porque me senti por vezes excluído por alguns colegas por estar numa cadeira de rodas, por exemplo: eu perco a bola no andebol e já não me passam mais e tem de ser a professora a falar, porque eles pensam mais em ganhar e não na própria equipa onde eu me encontro, acho que por eles eu não fazia parte do grupo se não fosse pelos professores eu era sempre excluído sempre senti isto todos os anos.”

“O que retiram desta experiência?”

Continuando com o mesmo tema, os alunos refletem e expressam aquilo que retiram da sua experiência e que em grande parte está em consonância com aquilo que lhes foi incutido durante as aulas:

- **Aceitar a diferença, respeitar e ouvir o outro**

“JB - retiro que sempre devemos respeitar a pessoa. Independentemente se a pessoa tem algum problema ou não, sempre devemos respeitar.”

“FA – Devemos todos aceitar e respeitar os “tempos” de cada um.”

“RT – eu retiro desta experiência que se deve escutar a opinião dos outros e a respeitar.”

- **Tirar partido e aprende com a diferença e a inclusão**

“MS – temos de encarar as dificuldades de frente e derrotá-las.”

“CR – Retirei muita coisa mesmo, sinto-me uma pessoa melhor.”

“NL – retiro muitas coisas disto. Adaptações e amigos muito diferentes de mim.”

“CS – como trabalhar em equipa.”

“GP - foi diferente e divertida.”

“RC - dou uma sugestão, fazer uma aula de E.F todos da turma numa cadeira de rodas, ou andarem um dia numa cadeira de rodas, parece uma tarefa difícil, mas pode ser realizada, fazendo uma visita ao centro APPC do porto. (...) para os meus colegas ficarem a conhecer um bocadinho do meu dia-a-dia ou o que é estar numa cadeira de

rodas por qualquer um pode nascer ou ficar assim de um momento para o outro que foi o meu caso.”

“O que aprenderam comigo durante este ano em EF?”
--

Visto que me encontrava inicialmente com uma turma heterogénea, desorganizada, sem regras, muito indisciplinada, ao longo do ano esta foi trabalhada para conseguir estabelecer rotinas, regras, focando-me assim relações interpessoais e nos valores inerentes à disciplina. Eis os comentários:

- **Respeitar o outro, amar o próximo**

“JB - Bastante coisa. Principalmente a respeitar os outros.”

“GP – foi que todos nós somos iguais, não importa a diferença.”

“CG – aprendi (...) controlar-me mais e a ter mais respeito pelas pessoas.”

“GM - Aprendemos a respeitar a dificuldade dos outros.”

“MF – a amar as pessoas da forma que elas são e a crescer.”

- **Esforçar-se para ser melhor, mais responsável, mais confiante**

“CR – (...) não só as várias modalidades como também aprendi a ser mais maturo, a crescer e que a vida sem rir não vale a pena.”

“FA – o que aprendi durante este ano com a professora Christine foi que a disciplina de Educação Física é muito mais do que Física.”

“LB – aprendi que nem tudo é fácil, mas também não é tão fácil como parece e que se não dermos tudo de nós não vamos a lado nenhum.”

“MS – aprendi que temos de nos esforçar muito e deitar abaixo algumas barreiras para atingir os nossos objetivos.”

“NL– aprendi com você em se esforçar e ver o lado das outras pessoas e sempre achar uma forma de incluir todos.”

“RC - A ser mais responsáveis.”

“RT – eu aprendi a ser paciente e a confiar mais em mim.”

Reflexão pessoal do RC, aluno com necessidades educativas especiais

Apesar de ter sido sucinto nas suas respostas, estas vão ao encontro de tudo aquilo que depreendi da reflexão da minha experiência neste domínio. Desta forma, as respostas expressam um pouco daquilo que foi a vivência do RC nas aulas de EF, a minha intervenção, bem como de todos os elementos envolvidos.

A experiência em EF neste ano letivo parece ter-lhe aberto expectativas positivas, conforme expressam as suas palavras: “as minhas expectativas são boas, é acabar a escola e com a educação física é aprender muitas modalidades que antes não aprendi.” Ficou com a ideia de que a EF é uma disciplina em que ele pode ser incluído, em que pode participar ativamente: *“Sou capaz de realizar tudo o que posso derivado á minha doença. O que não consigo, mas é possível para mim eu esforço-me por conseguir.”*

A assistente operacional é vista por ele como um recurso extraordinário, por tudo aquilo que lhe traz, pela confiança e incentivo que lhe transmite e pelo bem-estar que lhe proporciona: *“sinto-me bem, gosto muito da D. A.D. ela ajuda-me em todas as aulas e em tudo o que não consigo fazer sozinho.”* É inequívoco para ele o reconhecimento da importância do papel da assistente operacional: *“A maior das estratégias é ter a ajuda da dona A.D.”*

Apesar de todas as estratégias realizadas em aula, o aluno responde desta maneira, pois sem a assistente operacional presente não seria possível o aluno concretizar tudo o que vivenciou, pois como já referi a funcionária A.D. é o meio de locomoção do RC e muitas vezes os seus braços, sem ela, não teria sido possível proporcionar todos aqueles momentos e intervir com o aluno e com a própria turma. No entanto, reflete que as estratégias e as experiências passadas foram positivas e que lhe fizeram sentir bem, e isto é um facto muito positivo. Ele reconhece que algo mudou por parte da turma na medida em que os colegas aprenderam a trabalhar com ele e nalguns casos o levaram a sentir-se a trabalhar em equipa.

Não obstante as dificuldades com que se debate e o caminho das pedras anteriormente apontado. O RC faz um balanço muito positivo da sua experiência da EF neste ano letivo, gostou das aulas planeadas, da minha intervenção como

professora, das atividades propostas e ficou satisfeito com o que foi capaz de fazer: *“Foi uma experiência diferente, mas foi uma experiência boa.”* Em suma, o RC reconhece que a sua professora fez um bom trabalho com ele e com a turma, esforçou-se por contrariar a exclusão e fazê-lo sentir-se como membro efetivo da turma: *“Sim, conseguiu [fazer um bom trabalho comigo]. Sempre me senti bem.”*

Reflexão Final da Assistente Operacional

A dona A.D., ao longo da reflexão, refere o impacto positivo da minha ação e intervenção com a turma e o RC, ao mesmo tempo refere as minhas fragilidades, pois foi uma pessoa que também fez parte do meu caminho neste estágio e no qual o contacto era constante.

“sobre o meu papel com a turma e o RC”

“(...) foi sem dúvida o que mais me cativou no percurso académico da professora Christine que sempre deixou bem claro as suas ideias enquanto professora relativamente às motivações e objetivos de cada aluno durante o seu percurso escolar. Foi sempre uma pessoa empenhada, atenta, trabalhadora e principalmente muito humana que nunca desistiu perante todas as dificuldades que normalmente costumam surgir numa escola onde sobretudo provêm alunos com vários problemas a nível familiar, estrutural, social e económico. Senti que por vezes se sentia sozinha tentando minimizar todos estes problemas que surgem em contexto escolar. De facto, torna-se difícil aos professores e muito mais aos estagiários intervirem pois estes têm de obedecer a programas educativos que nada têm a ver com a resolução destes fatores, embora sejam estes em grande parte, os que acabam por afetar o insucesso e desistência de muitos dos alunos. Mas rapidamente percebeu isso, e nunca baixou os braços e os problemas tornaram-se sempre desafios que ia superando de forma exemplar.”

“sobre a importância do papel de uma coadjuvação”

A dona A.D. faz também referência à importância de uma parceria para colmatar os problemas existentes na escola, por forma a viabilizar uma maior e melhor intervenção com alunos com estas características, pois sem ela e sem a PC não teria sido possível alcançar tais objetivos.

“De facto, é preciso cada vez mais que se criem parcerias educativos e de formação, como os estágios que ajudem as equipas multidisciplinares nas escolas a efetuar uma melhor intervenção com os alunos de forma a proporcionar-lhes cada vez mais a sua individualidade porque as necessidades e os potenciais de cada um, também contam e têm os seus tempos de aprendizagem e motivações diferentes que têm de ser respeitadas e incluídas nos percursos escolares de cada um.”

Em suma os resultados obtidos demonstram a importância das parcerias com outros profissionais, como a escolha de estratégias pedagógicas adequadas a cada aluno e suas características, mas que, estas façam parte não só do aluno com NEE, mas de todos os intervenientes, que foi o caso dos colegas de turma. E que apesar de todas as estratégias utilizadas, a componente socioafetiva e os valores inerentes às modalidades tem de estar presentes, como a sensibilização desta temática. Portanto, nós enquanto docentes de EF somos capazes de torná-los uma influência positiva, por forma a fazer desaparecer estes comportamentos de exclusão social.

4.3.4 Conclusão do Estudo

“A Inclusão acontece quando se aprende com as diferenças e não com as igualdades”
Paulo Freire

Este estudo, apresentou-se como um grande desafio, pois era um tema totalmente desconhecido, sobre o qual não possuía qualquer conhecimento, mas como estava a aprender e disposta a querer saber mais para me tornar mais competente, vi neste tema esta oportunidade e com o intuito de garantir o sucesso não só do estudo, mas também da minha prática pedagógica tive de sair da minha área de conforto e abordar as pessoas entendidas no assunto, pesquisar, com o propósito de realizar uma análise o mais coerente possível, com conclusões próprias.

Uma vez finalizado o estudo, foi possível apurar que ao longo do EP, foram trabalhadas todas estas questões, verificando-se por parte dos alunos uma atitude e uma perspetiva mais positiva e mais consciente sobre a temática, conseguindo assim obter uma mudança de comportamento, de sentimentos e

expressões daquilo que os alunos aprenderam aquando incutido estas questões durante as aulas. Os resultados obtidos demonstram a importância das parcerias com outros profissionais, como a escolha de estratégias pedagógicas adequadas a cada aluno e suas características, mas que, estas façam parte não só do aluno com NEE, mas de todos os intervenientes, que foi o caso dos colegas de turma. Tudo foi possível, com esforço e dedicação sim é possível. O facto de ter tido a presença e o apoio da PC e da assistente operacional nas aulas permitiu outra dinâmica, outro acompanhamento com a turma e com o aluno mais direto e concreto, tornando as aulas mais fluidas e tornando estas num momento de mutua aprendizagem e ao mesmo tempo, nivelá-las às restantes pessoas que não têm deficiência motora, para que estas pudessem levar a cabo o seu projeto de vida, de forma digna e livre, e não sejam prejudicados ou limitado o seu livre desenvolvimento pessoal.

Em suma, apesar de todas as estratégias utilizadas, a componente socioafetiva e os valores inerentes às modalidades são de grande importância e têm de estar presentes, como a sensibilização desta temática, sendo possível presenciar um trabalho de grupo, de cooperação, de aceitação de si e do outro, de respeito, de superação, de inclusão e de apreço, que no fundo fizeram-nos crescer, tornando os alunos mais autónomos e mais responsáveis. Enquanto docentes, devemos ter particular atenção às atitudes e comportamentos discriminatórios, de exclusão social. Está ao nosso alcance prevenir tais comportamentos e atitudes, sensibilizá-los e propor-lhes atividades adequadas e positivas, capazes de desafiar todos os alunos, incluindo os alunos com NEE, por forma a que todos se sintam bem e integrados.

CONCLUSÃO E PERSPETIVAS FINAIS

“Sou um aprendiz daquilo que posso vir a ser”

A realização do estágio profissional, foi um dos pontos altos e motivacionais da minha formação docente, uma experiência que contribuiu para a concretização da minha identidade profissional, rumo à concretização de um sonho que no início temi ser impossível, que duvidava poder fazer parte de mim.

Neste sentido, importa lembrar esta experiência, dado que foi alvo de mudança na minha vida profissional e pessoa, foi um ano que me permitiu crescer, uma vez que vivi em constante aprendizagem. Foi um ano cansativo, houve momentos bons e menos bons, mas dei tudo de mim e recebi retorno por tudo, deles adquiri um conjunto de competências que me ensinaram tudo aquilo que envolve o estágio, desde a realização à prática e à prática reflexiva, permitindo adaptar as aulas aos contextos e características das turmas, bem como melhorar a minha prática pedagógica.

Apesar de todos os sentimentos iniciais, de medo, insegurança, de falta de confiança, mas ao mesmo tempo de motivação e de alegria e de todos os momentos alusivos ao estágio, foram fundamentais para crescer e evoluir. Aqui fui capaz de viver e entender a profissão docente, o papel do professor de educação física, e que este não se limita ao ato de lecionar, existindo outras funções que fazem parte da escola - como fazer parte da organização, ter a seu cargo uma direção de turma, a dinamização das atividades, interagir com a comunidade escolar.

Este ano permitiu-me comprovar o gosto por esta área, o gosto pelo ensino, a vontade de aprender, de partilhar, da procura de aperfeiçoar, de melhorar todo o processo de ensino, possibilitando superar vários desafios que fui encontrando.

O estágio profissional possibilitou o contacto com a realidade do ensino, proporcionando-me momentos de alegria, momento inesquecíveis. Tive a oportunidade de experienciar lecionar a diferentes anos de escolaridade de diferentes ciclos – turma residente, turma partilhada e 1ºciclo, o que me

possibilitou lidar com diferentes idades, personalidades, características, comportamentos, histórias, pensamentos, formas de aprender, estar e comunicar, preenchendo a minha ação e intervenção enquanto professor.

Para além de ter tido a sorte e o privilégio de estar com eles, tive a possibilidade de partilhar conhecimento, a minha história, valores e inculcá-los os mesmos, tornando-os seres mais autónomos e responsáveis no processo de aprendizagem. Com eles também aprendi, aprendi a conhecer-me, aprendi a ensinar, a liderar, a superar as minhas dificuldades, os medos e incertezas e a ser mais confiante.

Todas estas experiências e vivências com os alunos, com o núcleo de estágio, a professora cooperante e o professor orientador e com toda a comunidade escolar permitiu-me adquirir saber e competências inerentes a esta profissão. Fizeram-me sentir em casa, sentir-me um deles e agradeço por isso, por me terem recebido de braços abertos e estarem disponíveis a ensinar-me. Importa mencionar o contributo fundamental e a importância que a professora cooperante e o professor orientador tiveram na minha aprendizagem que através dos seus saberes, experiências nunca desistiram de mim, sempre me acompanharam com o intuito de me tornar numa melhor profissional, tendo inculcido sempre a necessidade de refletir.

O estágio fez com que evoluísse de aula para aula, onde através de reflexões realizadas, permitiram refletir sobre a minha atuação mantendo o espírito crítico, analisando e interpretando de forma realista toda a prática, proporcionando aos alunos através dos vários modelos de ensino, momentos de aprendizagem e de apreço pela prática de atividade física.

Existe ainda um longo caminho a percorrer sinto sempre que tenho mais para dar, sinto e sei que sou capaz de fazer mais e melhor. Ainda tenho muito para aprender e crescer, enquanto pessoa, enquanto futura professora, apesar de ter obtido grandes aprendizagens com a escola.

Com a conclusão do estágio profissional, consegui responder às questões apresentadas inicialmente aquando o começo desta etapa, sendo que foi

possível concluir que gostar de crianças é sem dúvida um ponto chave para o sentir de realização enquanto professor, bem como a dinâmica de relacionamento com o conselho de turma e comunidade escolar e os contextos familiares dos alunos.

Quanto às expectativas futuras, apesar de a profissão se encontrar numa fase incerta face à realidade que a sociedade enfrenta, apesar de estar apreensiva quanto ao seu futuro, ao mesmo tempo estou com a esperança de conseguir ingressar na escola o mais rápido possível para poder dar continuidade ao exercício da profissão que me mostrou outro caminho, a minha vocação, ser professora de educação física.

Nada acontece por acaso! Apesar de estar consciente das dificuldades que vou encontrar, pois a vida é mesmo assim, sempre a subir escadas, pois um dia iremos lá chegar, não perco a esperança, pois existem palavras e recordações que me fazem lutar por aquilo que quero e gosto (Fig.28).

“Tenho em mim todos os sonhos do mundo”
Fernando Pessoa



Fig. 29 – Lembrança da TR 8°C

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Azevedo, J. (2010). Como construir uma escola onde se aprenda melhor In A. d. República, C. d. E. e. Ciência & Conselho Nacional de Educação (Eds.), *Conferência - que currículo para o século XXI?* (pp. 52-62). Lisboa Comissão de Educação e Ciência.
- Azevedo, M., Portela, A., Graça, A., & Ávila-Carvalho, L. (2014). Compreensão da reflexão na formação de professores. In P. Queirós, P. Batista & R. Rolim (Eds.), *Formação inicial de professores: reflexão e investigação da prática profissional* (pp. 61-76). Porto: Editora FADEUP.
- Batista, P. (2014). O papel do estágio profissional na (re) construção da identidade profissional no contexto da educação física: cartografia de um projeto de investigação In P. Batista, A. Graça & P. Queirós (Eds.), *O estágio profissional na (re) construção da identidade profissional em educação física* (pp. 9-42). Porto: FADEUP.
- Batista, P., & Queirós, P. (2015a). O estágio profissional enquanto espaço de formação profissional In P. Batista, P. Queirós & R. Rolim (Eds.), *Olhares sobre o estágio profissional em educação física* (pp. 33 - 51). Porto Editora FADEUP.
- Batista, P., & Queirós, P. (2015b). (Re)colocar a aprendizagem no centro da educação física. In R. Rolim, P. Batista & P. Queirós (Eds.), *Desafios renovados para a aprendizagem em educação física* (pp. 31-43). Porto: Editora FADEUP.
- Boavista, C., & Sousa, Ó. (2013). O diretor de turma: perfil e competências. *Revista Lusófona de Educação*, 23(23), 77-93.
- Conceitos, E. (2017). *Escola: conceito, o que é, significado* Consult. 20 março 2019, disponível em <https://conceitos.com/escola/>
- Conselho Nacional de Associações de Profissionais de Educação Física e Desporto. (2013). *José Soares explica porque é essencial valorizar a Educação Física* Consult. 26 outubro 2018, disponível em <https://cnapef.wordpress.com/2013/03/25/jose-soares-explica-porque-e-essencial-valorizar-a-educacao-fisica/>
- https://www.youtube.com/watch?v=8NFjcgAYuEI&ab_channel=LaercioEliasPeira

- Cordeiro, M. (2020). *Qual a importância da escola?* Porto Editora Consult. 20 março 2019, disponível em <https://www.portoeditora.pt/paisealunos/para-os-alunos/noticia/ver/?id=113763&langid=1>
- Correia, A. P. S. d. O. (2007). *Contributos do projecto educativo para o trabalho colaborativo e reflexivo entre os professores : Estudo de um caso*. Lisboa Ana Paula Santana de Oliveira Correia. Dissertação de apresentada a Universidade Aberta - Departamento de Ciências da Educação.
- Correia, F., Marques, P., & Cunha, M. (2015). Dilemas de uma estudante estagiária: A inclusão de um aluno com síndrome de asperger nas aulas de educação física. In R. Rolim, P. Batista & P. Queirós (Eds.), *Desafios renovados para a aprendizagem em educação física* (pp. 225-244). Porto: Editora FADEUP.
- Cunha, M. A. d., Pereira, A., Carvalho, D., Ferreira, J., & Bastos, T. (2019). Estratégias pedagógicas implementadas por professores de educação física para incluir alunos com deficiência nas suas aulas: Um estudo de caso.
- Cunha, M. d. S. A. d., & Dowling, P. (2011). *Including disabled pupils in regular physical education classes: Strategies deployed by portuguese teachers* London: Mariana Cunha. Dissertação de Mestrado apresentada a Institute of Education, University of London.
- Delors, J. (2001). Os quatro pilares da educação. In J. Delors (Ed.), *Educação, um tesouro a descobrir - Relatório para a UNESCO da comissão intercultural sobre educação para o século XXI*. Porto: Asa.
- Fernandes, A., Melo, F., & Queirós, P. (2015). Aprender, viver, partilhar (n)a diferença. In R. Rolim, P. Batista & P. Queirós (Eds.), *Desafios renovados para a aprendizagem em educação física* (pp. 205-221). Porto: Editora FADEUP.
- Ferro, N. (2019). Avaliação em educação física - perspetivas e desenvolvimento. In N. Ferro (Ed.), *Avaliação em educação física - perspetivas e desenvolvimento*. Lisboa Sociedade Portuguesa de Educação Física, .
- Gadotti, M. (2007). *A escola e o professor: Paulo Freire e a paixão de ensinar*. São Paulo: Publisher Brasil.

- Graça, A. (2015). O discurso pedagógico da educação física. In R. Rolim, P. Batista & P. Queirós (Eds.), *Desafios renovados para a aprendizagem em educação física* (pp. 13-27). Porto: Editora FADEUP.
- Graça, A., & Mesquita, I. (2018). Modelo de ensino dos jogos desportivos. In A. Rosado & I. Mesquita (Eds.), *Pedagogia do Desporto* (pp. 131-165). Cruz Quebrada: Faculdade de Motricidade Humana.
- Lima, R., Cardoso, S., Resende, R., Albuquerque, A., Castro, J., & Pimenta, N. (2014). Formação inicial de professores de educação física: A perspetiva dos estudantes estagiários. In P. Queirós, P. Batista & R. Rolim (Eds.), *Formação inicial de professores: Reflexão e investigação da prática profissional* (pp. 79-92). Porto: Editora FADEUP.
- Matos, Z. (2014). Educação física na escola: Da necessidade da formação aos objetivos e conteúdos formativos. In I. Mesquita & J. Bento (Eds.), *Professor de Educação Física* (pp. 157-190). Porto: Editora FADEUP.
- Mesquita, I., & Graça, A. (2018). Modelos intrucionais no ensino do desporto. In A. Rosado & I. Mesquita (Eds.), *Pedagogia do Desporto* (pp. 39-68). Cruz Quebrada: Faculdade de Motricidade Humana.
- Ministério da Educação e Ciência. (2011). *Sobre o ministério da educação e ciência*. Consult. 7 junho 2020, disponível em <https://www.historico.portugal.gov.pt/pt/o-governo/arquivo-historico/governos-constitucionais/gc19/os-ministerios/mec/sobre-o-ministerio-da-educacao-e-ciencia.aspx>
- Moreira, J., Marques, P., & Cunha, M. (2015). A (re)construção da identidade profissional de um estudante estagiário de educação física da Faculdade de Desporto da Universidade do Porto: a influência de vivências anteriores e do estágio profissional In R. Rolim, P. Batista & P. Queirós (Eds.), *Desafios renovados para a aprendizagem em educação física* (pp. 247-268). Porto: Editora FADEUP.
- Nóvoa, A. (1992). Formação de professores e profissão docente. In A. Nóvoa (Ed.), *Os professores e a sua formação* (pp. 13-33). Lisboa: Dom Quixote
- Nóvoa, A. (2009). Para uma formação de professores construída dentro da profissão. *Revista de Educación* (350), 203-218.

- Oliveira, I., & Serrazina, L. (2002). A reflexão e o professor como investigador. In APM-GTI (Ed.), *Reflectir e investigar sobre a prática profissional* (pp. 29-42). Lisboa APM.
- Organização das Nações Unidas para a Educação, & Ministério da Educação e Ciência de Espanha. (1994). *Declaração de Salamanca e enquadramento da acção: na área das necessidades educativas especiais*. Salamanca: UNESCO.
- Queirós, P. (2014a). Da formação à profissão: O lugar do estágio profissional In P. Batista, A. Graça & P. Queirós (Eds.), *O estágio profissional na (re)construção da identidade profissional em educação física* (pp. 67-83). Porto: FADEUP.
- Queirós, P. (2014b). Profissionalidade docente: Importância das questões deontológicas na formação inicial de profissionais [de educação física e desporto] In I. Mesquita & J. Bento (Eds.), *Professor de Educação Física* (pp. 55-73). Porto: Editora FADEUP.
- Reina, M. (2015). Ser professor cooperante: em modo de despedida... In P. Batista, P. Queirós & R. Rolim (Eds.), *Olhares sobre o estágio profissional em educação física* (pp. 87 - 89). Porto: Editora FADEUP.
- Rodrigues, E. (2015). Ser professor cooperante: Das funções aos significados In P. Batista, P. Queirós & R. Rolim (Eds.), *Olhares sobre o estágio profissional em educação física* (pp. 93-104). Porto: Editora FADEUP.
- Rosado, A., & Mesquita, I. (2018). Melhorar a aprendizagem otimizando a instrução. In A. Rosado & I. Mesquita (Eds.), *Pedagogia do Desporto* (pp. 69-130). Cruz Quebrada: Faculdade de Motricidade Humana.
- Schram, S. C., & Carvalho, M. A. B. (s.d.). O pensar educação em Paulo Freire: Para uma pedagogia de mudanças *Secretaria da Educação e do Esporte* Consult. 3 mar 2020, disponível em <http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/852-2.pdf>
- Silva, M. (2013). A importância da observação de aulas no processo de avaliação de desempenho docente: concepções de professores. *Gestão e Desenvolvimento* (21), 321-344.

- Silva, R., Queirós, P., & Mesquita, I. (2017). Modelos de ensino do desporto: O olhar dos alunos. Estudo no âmbito do estágio profissional em educação física. *Revista Portuguesa de Ciências do Desporto* 2017 (S1A), 107-114.
- Sociedade Portuguesa de Educação Física. (2019). *Avaliação em educação física - perspectivas e desenvolvimento*. Lisboa: SPEF (Omniserviços).
- Torres, L. L. (2008). A escola como entreposto cultural: o cultural e o simbólico no desenvolvimento democrático da escola. *Revista Portuguesa de Educação* 21(1), 59-81.
- UNESCO. (2019). Carta internacional da educação física, da atividade física e do desporto. *UnesDoc: Digital library* Consult. 24 setembro 2020, disponível em https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000235409_por
- United Nations. (2017). *Universal declaration of human rights*. New York.
- Vickers, J. N. (1990). *Instructional design for teaching physical activities: A knowledge structures approach*. Champaign: Human Kinetics.
- Yin, R. K. (2012). Métodos de estudo de caso. In J. Green, G. Camilli & P. Elmore (Eds.), *Manual de métodos complementares em pesquisa em educação* (pp. 111-122). Washington, D.C.: Lawrence Erlbaum Associates.

ANEXOS

Anexo 1 – Planeamento Anual Geral de EF

PLANEAMENTO ANUAL GERAL DE EDUCAÇÃO FÍSICA

1º PERÍODO

Semanas	Setembro	Outubro	Novembro	Dezembro
	30 - 04	04 - 08	02 - 06	
	16 - 20	07 - 11	11 - 15	09 - 13
	23 - 27	14 - 18	18 - 22	16 - 17
		21 - 25	25 - 29	
		28 - 31		

2º PERÍODO

Semanas	Janeiro	Fevereiro	Março
	06 - 10	03 - 07	02 - 06
	13 - 17	10 - 14	09 - 13
	20 - 24	17 - 21	16 - 20
	27 - 31	27 - 28	23 - 27

1º PERÍODO	2ºCEB		3ºCEB
	6ºano	8ºano	
	Aptidão Física (4)	Aptidão Física (4)	Aptidão Física (4)
	Atletismo (12) Salto em comprimento Corrida de velocidade Lançamento da bola	Atletismo (12): Salto em altura/tesoura Corrida de precisão Lançamento do peso	Basquetebol (12)
	Badminton (11)	Badminton (11)	Atletismo (12) 7º ano: Salto comprimento corridas estafetas lançamento do peso 8º ano: Salto em altura (fostbury flop) corrida de barreira lançamento do dardo 9º ano: Triplo salto Velocidade/barreiras Peso e dardo
	Jogos (12)	Basquetebol (12)	Badminton (11)
Nº total de aulas: 38 /40			

2º PERÍODO	2ºCEB		3ºCEB		
	6º ano	8º ano	7ºano	8ºano	9ºano
	Futebol (8)	Futebol (8)	Andebol (12)	Futebol (12)/(8)	Futebol (12)/(8)
	Dança (8)	Dança (08)	Tag-Rugby (12)	Tag-Rugby (12)/(8)	Tag-Rugby (12)/(8)
	Ginástica (10)/(08) Solo: Rolamento Engrupado F/R Pino de cabeça Elementos de equilíbrio, flexibilidade e ligação Aparelhos: Salto de eixo/boque	Ginástica (10)/(08) Solo: Rolamento MI afastados F/R Pino de roda Elementos de equilíbrio, flexibilidade e ligação Aparelhos: Salto de Minitrampolim	Ginástica (12) Solo: Rolamentos Pino de braços Roda Elementos de equilíbrio, flexibilidade e ligação Aparelhos: Saltos de eixo e entre-mãos no boque e pinto	Ginástica (12)/(8) Solo: Acrobática Aparelhos: Minitrampolim	Ginástica (10)/(8) Solo: Rolamento MI estendidos F/R Rondade Coreografia de grupo com todos os elementos gímnicos
	Andebol (10)/ Natação (12)	Andebol (10)/ Natação (12)		Natação (12)	Natação (12)
Nº total de aulas: 38					

3º PERÍODO

Semanas	Abril	Maió	Junho
	14 - 17	04 - 08	01 - 04
	20 - 24	11 - 15	(8ºano)
	27 - 30	18 - 22	08 - 09
		25 - 29	

3º PERÍODO	2ºCEB		3ºCEB		
	6º ano	8ºano	7ºano	8ºano	9ºano
	Voleibol (12)	Voleibol (12)	Voleibol (12)	Andebol (12)	Voleibol (10)
	Luta (8)	Luta (8)	Dança (8)	Dança (8)	Dança (08)
	Aptidão Física (4)	Aptidão Física (4)	Aptidão Física (4)	Aptidão Física (4)	Aptidão Física (3)
Nº total de aulas: 24 (8º) e 26 (6º,8º, 7º e 9º)					

Anexo 2 – Ficha Individual do aluno



Mestrado Ensino de Educação Física nos Ensinos Básicos e Secundário
Estágio Profissional
AE EB 2/3 Pêro Vaz de Caminha
Estudante/Estagiária – Christine Gomes



Ficha Individual do Aluno – Educação Física

1. Identificação do aluno

Nome: _____ Nome a ser chamado nas aulas: _____ Ano Escolar: _____
Turma: _____ Nº de Aluno: _____ Data de Nascimento: _____ Idade: _____ Email: _____

2. Identificação do Encarregado de Educação

Nome: _____ Grau de Parentesco: _____ Profissão: _____
Habilitações Literárias: _____ Telefone: _____ Nº de telefone em caso de Emergência: _____

3. Identificação do Agregado Familiar

Nome do Pai: _____ Profissão: _____ Habilitações Literárias: _____
Situação Profissional do Pai: Empregado _____ Desempregado _____ Aposentado _____ Telefone: _____

Nome da Mãe: _____ Profissão: _____ Habilitações Literárias: _____
Situação Profissional da Mãe: Empregado _____ Desempregado _____ Aposentado _____ Telefone: _____ Nº de Irmãos: _____

O aluno vive com: Pai _____ Mãe _____ Irmãos _____ Avós _____ Tios _____ Outros: _____

4. Hábitos de Vida Diária / Vida Escolar

A que horas costumavas levantar? _____ E deitar? _____ Tomas sempre o pequeno almoço em casa? Sim _____ Não _____ Onde? _____

Como te deslocas para a escola? A pé _____ Autocarro _____ Automóvel _____ Outro _____ Qual? _____

Quanto tempo demora o teu percurso? 5 a 10 minutos _____ 10 a 20 minutos _____ 20 a 30 minutos _____ Mais de 30 minutos _____

Repetiste algum ano? _____ Em que anos? _____ Quantas vezes? _____ Nota de Educação Física no ano anterior? _____

Qual as tuas disciplinas preferidas? _____ Disciplina que menos gostas? _____



Mestrado Ensino de Educação Física nos Ensinos Básicos e Secundário
Estágio Profissional
AE EB 2/3 Pêro Vaz de Caminha
Estudante/Estagiária – Christine Gomes



5. Informação Desportiva – Estas questões são sobre os teus hábitos de atividade física. Procura ser sincero nas tuas respostas.

Modalidade favorita: _____ Modalidade que menos gostas: _____

Alguma vez participaste no Desporto Escolar? Sim _____ Não _____ Se Sim, em que modalidades _____

Este ano pretendes Participar no Desporto Escolar? Sim _____ Não _____ Se Sim, em que modalidades _____

Participas em atividades de lazer (ocupação do tempo livre) fora de um clube? Nunca _____ Uma vez por semana _____ Quase todos os dias _____

Praticas algum desporto? Sim _____ Não _____ Se sim, qual? _____ Federado? Sim _____ Não _____ Se sim, onde? _____

6. Dados relativos à saúde

Tens algum problema de visão? Sim _____ Não _____ Qual / quais? _____ Tens algum problema de audição? Sim _____ Não _____

Qual / quais? _____ Tens alguma doença respiratórias? Sim _____ Não _____ Qual / quais? _____

Tens alguma doença cardíaca? Sim _____ Não _____ Qual / quais? _____ Tens alguma doença que não conste nas alíneas acima?

Sim _____ Não _____ Qual / quais? _____ Tens alguma alergia? Sim _____ Não _____ A quê? _____

Tens alguma doença que te impossibilita de praticar atividade física? Sim _____ Não _____ Qual / quais? _____

Já tiveste alguma lesão? Sim _____ Não _____ Qual / quais? _____ Já foste operado? Sim _____ Não _____ A quê? _____

Tomas algum medicamento frequentemente? Sim _____ Não _____ qual / quais e para quê? _____

7. Na tua opinião, qual é a importância da disciplina de Educação Física?

8. Que outras atividades gostarias de realizar nas aulas de Educação Física?

ESTUDO DE INVESTIGAÇÃO

“As Necessidades Educativas Especiais na Educação Física e sua Inclusão”

Estas questões serão apenas para uso do desenvolvimento do relatório de estágio. Tem como objetivo conhecer um pouco mais o aluno e a sua perspetiva em relação à Educação Física e ao Desporto, a minha ação e atuação nas aulas, os sentimentos e percepções que o alunos teve ao longo deste ano, os apoios que tem, o apoio da escola, dos pais, da assistente operacional AD e por fim abordar um pouco sobre a turma e a sua inclusão nas duas vertente (RC – Turma / Turma - RC).

1. Fala-me um pouco sobre ti. A percepção que tens sobre a tua doença e como esta se reflete no teu dia a dia, na tua vida diária. Fala-me um pouco sobre o apoio Inconstante que os teus pais têm dado ao longo destes anos. Como te faz sentir?
2. Para ti, o que é a Educação Física (EF)? Que contributos, a EF te pode dar?
3. Qual a tua relação como Desporto e a EF? A paixão pelo FCP, o Futebol, Boccia, o Badminton, a tua modalidade favorita.
4. Aprendeste alguma coisa durante este ano nas aulas de EF? O quê?
5. Quais as tuas expetativas com a escola e com as aulas de EF.
6. O que é que achas que és capaz de realizar nas aulas de EF?
7. O que é que te acontece quando estas, a realizar as aulas de EF? (sentimentos, emoções, o teu corpo)
8. Quais são os apoios que tens? (APPC, D.A.D, Educação Especial) Como é que estes apoios se tomam facilitadores para o desenvolvimento nas tuas tarefas diárias e na escola?
9. Fala-me sobre o papel que a D.A.D tem contigo, principalmente na educação física. Como te sentes?
10. Boccia e Ténis? Fala-me sobre estes dois momentos que te marcaram ao longo deste ano.

Falemos um pouco agora, sobre as aulas de EF e a minha ação e da turma durante as aulas.

11. Como é que os teus colegas te recebem e como te tratam?
12. Achas que houve ao longo do ano, alguma mudança por parte da turma? Achas que aprenderam a trabalhar contigo? A trabalhar em equipa?
13. E tu? Achas que aprendeste a trabalhar com a turma? (mesmo tendo ao longo do ano a intervenção da professora)
14. Que estratégias foram utilizadas nas aulas de EF para te incluir nas várias modalidades e na turma? E vice-versa.
15. Achas que aquilo que foi planeado para as aulas foi possível concretizar?
16. Fala-me sobre a tua experiência na Ginástica Acrobática, no Basquetebol e no Futebol, quando jogado com um stick de hóquei? Se houver outras experiências que te marcaram, podes escrever.
17. Achas que consegui realizar um bom trabalho contigo e com a turma? Houve algum momento em que te sentiste excluído? O que aconteceu?
18. O que achas que poderia melhorar nas aulas? Que estratégias achas que poderia utilizar nas aulas para haver mais inclusão na turma?
19. Fala-me um pouco sobre as aulas de EF neste tempo de pandemia. Como te sentiste? Achaste adequadas para ti?
20. Por fim, o que gostarias de dizer sobre este ano.

Anexo 4 – Respostas ao Questionário

Estudo Caso – “As Necessidades Educativas Especiais na Educação Física e sua Inclusão”

Estas questões serão apenas para uso, e desenvolvimento do Relatório de Estágio.

Tem como objetivo conhecer um pouco mais o aluno e a sua perspectiva em relação à Educação Física e ao Desporto, a minha ação e atuação nas aulas, os sentimentos e percepções que o aluno teve ao longo deste ano. Os apoios que tem, o apoio da escola, dos pais, da dona A. E por fim abordar um pouco sobre a turma e a sua inclusão nas duas vertentes (Aluno – Turma / Turma – Aluno).

As tuas respostas são importantes, por isso peço que ao responderes a cada uma delas, respondas com total sinceridade. Agradeço, desde já, a tua colaboração.

Obrigada!
Estagiária Christine Gomes

1. Fala-me um pouco sobre ti. A percepção que tens sobre a tua doença e como esta se reflete no teu dia a dia, na tua vida diária. Fala-me um pouco sobre o apoio inconstante que os teus pais têm dado ao longo destes anos. Como te faz sentir? *

os meus pais apoiam-me todos os dias, não tenho palavras para descrever o que os meus pais fazem por mim. Todos os dias os meus pais fazem-me sorrir muito.

A minha doença não me deixa andar nem fazer muitas coisas mas eu sou muito feliz como sou.

2. Para ti, o que é a Educação Física (EF)? Que contributos, a EF te pode dar? *

A educação física é: conhecer várias modalidades, saber trabalhar em grupo e ajudar a manter-nos saudáveis.

3. Qual a tua relação como Desporto e a EF? A paixão pelo FCP: o futebol, boccia, o badminton, a tua modalidade favorita. *

A minha relação com o desporto é boa, gosto de quase todos os desportos mas o que mais gosto é o futebol.

4. Aprendeste alguma coisa durante este ano nas aulas de EF? O quê? *

Aprendi muita coisa, aprendi a jogar andebol, ténis e basquetebol.

5. Quais as tuas expectativas com a escola e com as aulas de EF? *

as minhas expectativas são boas, é acabar a escola e com a educação física é aprender muitas modalidades que antes não aprendi.

6. O que é que achas que és capaz de realizar nas aulas de EF? *

Sou capaz de realizar tudo o que posso derivado á minha doença. O que não consigo mas é possível para mim eu esforço-me por conseguir.

7. O que é que te acontece quando estas a realizar as aulas de EF? (sentimentos, emoções, o teu corpo) *

Fico cansado, cheio de sede e fico transpirado.

Facilitam de maneira que, ao eu não conseguir andar eles ajudam-me nesse sentido.

9. Fala-me sobre o papel que a D.A⁺ tem contigo, principalmente na educação física. Como te sentes? *

sinto-me bem, gosto muito da D.A⁺ ela ajuda-me em todas as aulas e em tudo o que não consigo fazer sozinho.

10. Boccia e Ténis? Fala-me sobre estes dois momentos que te marcaram ao longo deste ano. *

Ténis eu aprendi este ano, este desporto é essencialmente para pessoas que consigam andar, então é um pouco complicado para mim. O boccia é muito mais fácil para mim, pois é um jogo para pessoas como eu que não conseguem andar e é possível eu realizar sentado.

Falemos um pouco agora, sobre as aulas de EF, a minha ação e da turma durante as aulas.

11. Como é que os teus colegas te recebem e como te tratam? *

Sempre receberam e trataram bem.

12. Achas que houve ao longo do ano, alguma mudança por parte da turma? Achas que aprenderam a trabalhar contigo? A trabalhar em equipa? *

Sim

13. E tu? Achas que aprendeste a trabalhar com a turma? (mesmo tendo ao longo do ano a intervenção da professora) *

Sim

14. Que estratégias foram utilizadas nas aulas de EF para te incluir nas várias modalidades e na turma? E vice-versa. *

A maior das estratégias é ter a ajuda da D.A⁺

15. Achas que aquilo que foi planeado para as aulas foi possível concretizar? *

Sim

16. Fala-me sobre a tua experiência na Ginástica Acrobática, no Basquetebol e no Futebol, quando jogado com um stick de hóquei? Se houver outras experiências que te marcaram, podes escrever. *

Foi uma experiência diferente mas foi uma experiência boa.

17. Achas que consegui realizar um bom trabalho contigo e com a turma? Houve algum momento em que te sentiste excluído? O que aconteceu? *

Sim, consegui. Sempre me senti bem.

18. O que achas que poderia melhorar nas aulas? Que estratégias achas que poderia utilizar nas aulas para haver mais inclusão na turma? *

Eu não mudava nada

19. Fala-me um pouco sobre as aulas de EF neste tempo de pandemia. Como te sentiste? Achaste adequadas para ti? *

Eu continuei a fazer exercício em casa, mas fazer exercício na escola com os meus colegas era melhor

20. Por fim, o que gostarias de dizer sobre este ano. *

Gostava de dizer que gostei de a ter como professora estagiária, e que gostei de aprender consigo e que vou ter muitas saudades, beijinhos.

Anexo 5 - Questionário Final – “Momento de Reflexão”



TAREFA DE EDUCAÇÃO FÍSICA SEMANA 15 DE JUNHO A 19 DE JUNHO DE 2020



Olá meninos!



Espero que estejam todos bem e ainda com energias para mais duas semanas de aulas.

Sendo que estamos a terminar este longo ano letivo, que nos proporcionou vários momentos, gostaria de lançar-vos uma última tarefa. Que refletissem um pouco sobre as aulas de Educação Física e sobre a minha ação com vocês.

Serão lançadas algumas questões que queria que lessem e que com elas construíssem o vosso texto. Ao responderem às questões, pretendo que sejam o mais sinceros possível nas vossas respostas, e no caso de haver algo que queiram transmitir estão à vontade.

Esta semana vai servir mesmo para isto, para vos “ouvir”, por um lado, para saber a vossa opinião e por outro, para saber o que posso fazer e melhorar no futuro.

Aqui vão algumas questões:

1. Ao longo deste ano, na disciplina de EF, qual foi a tua maior aprendizagem, ou quais foram as tuas maiores aprendizagens?
2. Qual foi o momento que mais te marcou durante as aulas?
3. Se podes, o que é que mudavam nas aulas?
4. Achas que a EF é apenas ensinar as modalidades, ou ela oferece algo mais? Diz-nos o quê?
5. Achas que algumas coisas que aprendes na EF, influenciam a tua atitude e comportamento na sala de aula?
6. O que achas do número de aulas por cada modalidade? Achas que aprendes o suficiente? Fala-nos um pouco sobre isto?
7. O que significou este ano para ti, tendo uma estagiária a lecionar-te as aulas?
8. Como foi trabalhar em equipa, cooperando uns com os outros e ter, ao mesmo tempo alguma autonomia e responsabilidades durante as aulas?
9. Achas que deste sempre o teu melhor? Ou achas que poderias melhorar algo?
10. Fala-me um pouco sobre a tua experiência com a Inclusão de todos na turma, principalmente com o R? Como foi desenvolver o trabalho de equipa nas várias modalidades?
- *R: como foi a tua experiência com a turma nas várias modalidades, como te sentiste?
11. O que retribuem desta experiência?
12. O que aprenderam comigo durante este ano em EF?
13. Numa simples palavra ou frase, retrata como foi para ti este 3º período?
14. O que não trocarias neste ano?
15. Que mensagem deixarias para mim?

Anexo 6 – Respostas ao Questionário

Questionário final sobre a prática pedagógica à TR

1. Ao longo deste ano, na disciplina de EF, qual foi a tua maior aprendizagem, ou quais foram as tuas maiores aprendizagens?

- AF - Eu aprendi a jogar melhor basquetebol;
- JB - Aprendi bastantes coisas com por exemplo o que foi dado ao longo do ano exercícios jogos e a matéria em si;
- CR – a maior aprendizagem foi sem dúvida a amizade e o respeito;
- CG – a minha maior aprendizagem foi me controlar mais, porque ficava stressado facilmente;
- CS - quando demos futebol;
- FA – a minha maior aprendizagem na Educação Física, neste ano letivo foi o ensino à distância;
- GP – A minha maior aprendizagem foi com as outras pessoas, como o R... vive;
- LB – ao longo do ano a minha maior aprendizagem foi ginástica acrobática;
- MS – Não desistir das tarefas e tentar fazê-las;
- MF – Foi aprender a respeitar e também a aprender mais jogos, etc.;
- GM - Aprendi a trabalhar em equipa;
- NL – Ao longo deste ano, aprendi que não precisamos ser os mais habilidosos. Temos de dar o nosso melhor e termos empatia com nossos colegas mesmo eles não tendo uma boa atitude;
- RC - A minha maior aprendizagem foi o Andebol;
- RT – As minhas maiores aprendizagens foi praticamente tudo, pois estamos sempre a melhorar.

2. Qual foi o momento que mais te marcou durante as aulas?

- AF - O momento que mais me marcou foi o futebol;
- JB - Não digo marcante, mas engraçada foi quando começamos a dar futebol porque era a matéria que mais me identificava;
- CR – foram os momentos de alegria;
- CG– não sei;
- CS – nenhum;
- FA – os momentos que mais me marcaram durante as aulas foi jogar ténis sentado numa cadeira de rodas e desta forma sentir a dificuldade do próximo. Outro momento marcante foi a aula com o professor Garganta;
- GP – o meu momento foi na ginástica na hora de apresentar para a turma;
- LB – o momento que mais me marcou, foi quando a professora me colocou como capitã numa equipa de futebol, porque a professora sabia que eu conseguia fazer mais do que demonstrei;
- MS – Não sei;
- MF – as aulas que nos chamava a atenção;
- GM - Quando começamos a jogar futebol;
- NL – lembro-me de um momento que me marcou muito, foi a coreografia de ginástica acrobática, porque eu nunca teria feito algo desse género e meu pai também não deixaria, mas eu amei!
- RC - O momento que mais me marcou foi quando foram lá os jogadores do FC Porto de boccia, porque é um dos meus desportos favoritos;
- RT – o momento que mais me marcou foi no dia da apresentação da dança (coreografia de GA) com o resto do meu grupo.

3. Se podes, o que é que mudavam nas aulas?

- AF – ter mais educação física;
- JB - Nada porque acho que foram excelentes;
- CR – não mudava nada;
- CG – onde nós praticávamos EF (no salão pequeno);
- CS – nada;
- FA – Se eu pudesse mudaria as aulas à distância para aulas presenciais;

- GP – eu acho que mudava o comportamento da turma;
- LB – Eu mudava, pelo menos tentava mudar certos comportamentos;
- MS – Mais aulas com música;
- MF – fazer mais coisas de ginástica acrobática;
- GM – Nada;
- NL – se eu pudesse mudar algo eu mudaria a forma de agir com certos alunos, ter mais empatia e ver o porquê de aquilo ter ocorrido;
- RC - Se pudesse mudar mudava o horário, 3 vezes por semana, ou seja, 2 horas num dia e 1 hora noutro dia, fazia 4 horas por semana, ou seja, 2 horas seguidas de cada vez;
- RT – se eu pudesse mudar algo nas aulas, acho que fazer mais jogos da meteria.

4. Achas que a EF é apenas ensinar as modalidades, ou ela oferece algo mais?

Diz-nos o quê?

- AF – Ela oferece algo mais porque ajuda as pessoas a ficarem mais ativas;
- JB - Também nos ajuda a ser menos tímido e também a motivar-nos a fazer mais;
- CR – oferece a oportunidade de conviver mais uns com os outros, a respeitar as nossas diferenças e muito mais;
- CG – ensina-nos também a respeitarmo-nos mais e também fazemos várias coisas em conjunto;
- CS - a primeira;
- FA – a Educação Física ensina as modalidades e muito mais... Esta promove a socialização.
- GP – eu acho que EF não só nos ensina modalidades, mas também para nos tirar das cadeiras da sala de aula;
- LB – eu acho que a EF é mais do que modalidades, porque a EF é a vida de algumas pessoas, e EF também traz boa saúde para quem pratica, por isso, não, não é só modalidades;
- MS – Aprendemos a trabalhar mais em grupo e a ajudarmo-nos uns aos outros;
- MF – sim, oferece aprendizagem e ajudar o próximo;
- GM - Acho que nos oferece algo mais, o trabalho em equipa e liderança;
- NL – eu acho que EF é mais do que fazer um atleta ou ser mais saudável, eu acho que nos oferece a oportunidade de desafiarmos a nós mesmos, fazer coisas que nunca imaginávamos, ter mais autoconfiança, superar nossos medos, trabalhar em equipa;
- RC - Eu acho, na minha opinião que é apenas ensinar as modalidades, porque ensina muitas modalidades de educação física que muita gente desconhece. Mas traz também oferece mais, por exemplo faz-nos descontrair das outras disciplinas e conhecemos melhor os nossos colegas sem ser numa sala de aula;
- RT – eu acho que EF, além de ensinar modalidades também nos ajuda a melhorar o nosso físico.

5. Achas que algumas coisas que aprendes na EF, influenciam a tua atitude e comportamento na sala de aula?

- AF – Não;
- JB – Sim;
- CR – Na minha opinião sim e muito;
- CG – Sim;
- CS – Não;
- FA – O que aprendo em Educação Física Influência a minha atitude e comportamento em contexto de sala de aula;
- GP – acho que sim;
- LB – não, porque EF é uma aula e as outras aulas são outras aulas;
- MS – Sim;
- MF – sim, como já disse aprender a respeitar e ajudar o próximo;
- GM - Sim porque desgastamos mais a energia na aula e vamos mais calmos para as outras aulas;
- NL – eu acredito que tudo que vivenciamos acabará por influenciar nossa rotina como modo de pensar, agir e a forma que trabalhamos;

-
- RC - Sim Influencia, porque gastámos mais energias ficamos mais relaxados e muito mais calmos, porque eu sinto que quando vamos ter outras disciplinas está tudo mais calmo, menos barulho e menos confusão;
 - RT – as coisas que aprendi nas aulas de EF não influenciaram em nada.

6. O que achas do número de aulas por cada modalidade? Achas que aprendes o suficiente? Fala-nos um pouco sobre isto?

- AF- eu acho muito bem;
- JB - sim o suficiente porque conseguimos abordar todos os temas;
- CR – eu apesar de já saber muitas coisas, aprendi muito mesmo. Não sabia tudo acho que deveria haver mais aulas de cada modalidade;
- CG – o número de aulas que nós temos por cada modalidade chegam perfeitamente;
- CS – boas e suficientes;
- FA – o número de aulas por cada modalidade faz com que eu aprenda o suficiente porque abordamos as diferentes modalidades com muita entrega;
- GP – é bom, porque não ficamos sempre na mesma modalidade.
- LB – acho que sim, porque cada aula tinha tempo suficiente para aprender mais ou menos o necessário;
- MS – Sim, acho que o número de aulas que temos por cada modalidade é suficiente para aprendermos alguma coisa sobre desporto;
- MF – acho bem, acho;
- GM - Sim. No número de horas que temos conseguimos aprender o suficiente da disciplina
- NL – eu acredito que são aulas suficientes para aprendermos cada matéria, tudo depende do aluno;
- RC - Não, a minha resposta já se encontra na pergunta 3;
- RT – eu acho que o número de aulas, para cada modalidade são boas, pois eu aprendi o suficiente (o mais importante).

7. O que significou este ano para ti, tendo uma estagiária a lecionar-te as aulas?

- AF– muito complicado muitas aulas;
- JB - ja tinha tido esta experiência e acho que este ano foi a melhor;
- CR – significou muito, pois mesmo sendo estagiária aprendi mais do que só desporto fez um ótimo trabalho como professora;
- CG – foi normal;
- CS - foi bom;
- FA – Ter uma estagiária a lecionar as aulas é como ter uma professora.
- GP – eu achei fixe, porque a professora ficava ao pé de nós para todos fazerem as tarefas;
- LB – foi bom, a professora ajudou a fazer os exercícios e ensinou muito mais do que eu sabia fazer;
- MS – Significou muito para mim, a professora Christine ajudou-me imenso;
- MF – para já, adoro a estagiária e significou que temos de crescer e etc.
- GM - Foi bom porque conhecemos o método de outros professores;
- NL – Nunca tive uma professora estagiária e vou ser sincera que foi muito legal. Amei a experiência. Ela aprendeu coisas connosco e nós aprendemos com ela. Compartilhamos conhecimentos e isso enriqueceu a nossa amizade;
- RC - Eu acho que devia ter sempre uma estagiária nas aulas de educação física, porque ajuda a professora de E.F e os próprios alunos, e também é uma maneira das professoras estagiárias também aprenderem tanto como a professora de E.F e os próprios alunos;
- RT – Para mim este ano tendo uma estagiária foi bom, pois ela ensina bem, é paciente e não é muito séria.

8. Como foi trabalhar em equipa, cooperando uns com os outros e ter, ao mesmo tempo alguma autonomia e responsabilidades durante as aulas?

- AF - Foi bom;
- JB – Foi bom;

- CR – Foi Interessante trabalhar em grupo, nos conhecer melhor e conviver mais;
- CG – Foi bom;
- CS - foi bom;
- FA – Trabalhar em equipa com espírito de cooperação, autonomia e responsabilidade durante as aulas foi um aspeto positivo.
- GP – gostei porque no 7º fizemos isso poucas vezes;
- LB – foi um pouco complicado com certas pessoas que não estiveram a “ajudar” a equipa, mas não foi mais do que para tentar orientar mais um pouco;
- MS – Foi bom, é sempre bom ajudar os outros e ter quem nos ajude;
- MF – as vezes era bom, outras não;
- GM - Foi bom porque aprendi a saber lidar melhor com as vitórias e derrotas;
- NL – vou ser sincera que não gosto de trabalhar em equipa com certas pessoas, mas aprendi que nem tudo é a nossa maneira e consegui trabalhar com essas pessoas, isso me ajudou a adaptar-me com mais facilidades;
- RC - Eu achei muito bom e deveria ser sempre assim e não ser ninguém excluído seja forte ou fraco;
- RT – eu gostei de trabalhar em grupo, porque nos temos opiniões diferentes e dá para criar um trabalho bom que foi feito por todas as pessoas do grupo.

9. Achas que deste sempre o teu melhor? Ou achas que poderias melhorar algo?

- AF – poderia ter melhorado algumas coisas;
- JB - acho que poderia melhorar o meu esforço;
- CR – del o meu melhor quando me sentia bem, mas a professora fazia sempre questão de me fazer sentir bem;
- CG – acho que em algumas modalidades podia ter me esforçado mais;
- CS – melhorar;
- FA – a minha entrega foi sempre total, no entanto, temos sempre algo a melhorar porque a aprendizagem é constante;
- GP – eu penso que poderia dar um pouco mais de mim;
- LB- eu acho que poderia dar mais, eu sei que sim, mas não del porque às vezes tinha vergonha ou medo de magoar alguém;
- MS – Poderia melhorar a fazer as tarefas e a empenhar-me mais;
- MF – Às vezes ficava zangada e não dava, mas muitas vezes sim;
- GM - Podia ter feito melhor alguns exercícios;
- NL – sempre del o meu melhor além do mais se estamos ali para aprender, vamos aproveitar esta chance;
- RC - Acho que del o melhor;
- RT - eu acho que deveria melhorar, porque eu não sou de dar as opiniões todas e ser um pouco mais tímida e falar.

10. Fala-me um pouco sobre a tua experiência com a inclusão de todos na turma, principalmente com o RC? Como foi desenvolver o trabalho de equipa nas várias modalidades? *RC: como foi a tua experiência com a turma nas várias modalidades, como te sentiste?

- AF – normal;
- JB – Foi boa e fácil;
- CR – foi espetacular. Em relação ao RC não me importa porque todos somos iguais simplesmente tem algumas incapacidades, mas tentei dar o meu máximo para trabalhar com ele e o ajudar;
- CG – não sei bem, porque o RC não calhava muitas vezes na minha equipa, mas se calha era como se fosse um jogador normal;
- CS - foi bom;
- FA – Na turma somos todos diferentes. Não vejo nenhuma inclusão específica porque para mim são todos iguais... Cada um com o seu grau de dificuldade;
- GP – a minha experiência foi boa, penso que a turma gostou também;

- LB – eu tive poucas vezes na equipa do RC, mas quanto tive foi um pouco complicado ajudar, pois eu não sabia como, mas ajudava na mesma. Até era divertido estar com ele na equipa porque ele ajudava a equipa também e um bom amigo de equipa, mas tínhamos de ter cuidado para não o magoar;
- MS – Para mim foi como um “desafio” ter alguém “especial” como o RC na turma e ter de ajudá-lo e trabalhar em equipa com ele;
- MF – para mim ter o RC na equipa era igual, claro que temos que ter mais cuidado e assim...
- GM - Foi uma experiência no qual fomos aprendendo novos métodos de fazer certas coisas;
- NL – neste ano conheci um menino com deficiência e aprendi muito com ele. Ele sempre deu o seu melhor e nunca desistiu mesmo com as suas limitações. Gostei muito de trabalhar em equipa com o Renato, um menino muito gentil e feliz, além das suas dificuldades;
- RC - A minha experiência nas várias modalidades com a minha turma nem sempre foi a melhor experiência, porque me sinto por vezes excluído por alguns colegas por estar numa cadeira de rodas, por exemplo: eu perco a bola no andebol e já não me passam mais e tem de ser a professora a falar, porque eles pensam mais em ganhar e não na própria equipa onde eu me encontro, acho que por eles eu não fazia parte do grupo se não fosse pelos professores eu era sempre excluído sempre senti isto todos os anos;
- RT – é fixe fazer as modalidades com todos, e com o RC também pois ele é um rapaz que tem problemas, mas ele faz e se interessa.

11. O que retiram desta experiência?

- AF - Devo fazer mais EF;
- JB - retiro que sempre devemos respeitar a pessoa independentemente se a pessoa tem algum problema ou não sempre devemos respeitar.
- CR – Retirei muita coisa mesmo, sinto-me uma pessoa melhor;
- CG – Não sei;
- CS – como trabalhar em equipa;
- FA – Devemos todos aceitar e respeitar os “tempos” de cada um;
- GP - já a experiência com o RC foi diferente e divertida
- LB – uma boa experiência;
- MS – temos de encarar as dificuldades de frente e derrotá-las;
- MF - nada;
- GM - Foi boa pois fazemos exercício físico não ficamos sedentários e aprendemos a trabalhar em equipa;
- NL – retiro muitas coisas disto. Adaptações e amigos muito diferentes de mim.
- RC - Eu RC não retiro experiência nenhuma, mas dou uma sugestão, fazer uma aula de E.F todos da turma numa cadeira de rodas, ou andarem um dia numa cadeira de rodas, parece uma tarefa difícil, mas pode ser realizada, fazendo uma visita ao centro APPC do porto. Como são realizadas várias visitas de estudo, esta é a minha sugestão para os meus colegas ficarem a conhecer um bocadinho do meu dia-a-dia ou o que é estar numa cadeira de rodas por qualquer um pode nascer ou ficar assim de um momento para o outro que foi o meu caso.
- RT – eu retiro desta experiência que devesse escutar a opinião dos outros e a respeitar.

12. O que aprenderam comigo durante este ano em EF?

- AF – muita coisa;
- JB - Bastante coisa. Principalmente a respeitar os outros;
- CR – como já disse, não só as várias modalidades como também aprendi a ser mais maturo, a crescer e que a vida sem rir não vale a pena;
- CG – aprendi EF como é obvio e como já tinha dito a controlar-me mais e a ter mais respeito pelas pessoas;
- CS – Tudo;
- FA – o que aprendi durante este ano com a professora Christine foi que a disciplina de Educação Física é muito mais do que Física.
- GP – foi que todos nós somos iguais, não importa a diferença
- LB – aprendi que nem tudo é fácil, mas também não é tão fácil como parece e que se não dermos tudo de nós não vamos a lado nenhum;

- MS – aprendi que temos que nos esforçar muito e deixar abaixo algumas barreiras para atingir os nossos objetivos;
- MF – a amar as pessoas da forma que elas são e a crescer;
- GM - Aprendemos a respeitar a dificuldade dos outros;
- NL– aprendi com você em se esforçar e ver o lado das outras pessoas e sempre achar uma forma de incluir todos;
- RC - A ser mais responsáveis;
- RT – eu aprendi a ser paciente e a confiar mais em mim.

13. Numa simples palavra ou frase, retrata como foi para ti este 3º período?

- AF – Sem resposta
- JB – Diferente;
- CR – foi um dos melhores momentos da minha vida;
- CG – foi estranho;
- CS – bom;
- FA – Este terceiro período ficará para sempre na memória!
- GP – diferente e puxado;
- LB – complicado;
- MS – este período para mim foi “bipolar”, teve muito altos e baixos;
- MF – Foi não, os professores não puderam ensinar pessoalmente;
- GM - Fez com que não ficasse muito sedentário pois fui fazendo algum exercício com a disciplina;
- NL – para mim, este 3.º período resume-se em: união em primeiro lugar.
- RC - Uma seca, gostava de estar na escola;
- RT – desastre;

14. O que não trocarias neste ano?

- AF – Certas pessoas;
- JB - as pessoas novas que conheci na turma;
- CR – a professora, a companhia, turma, não trocaria nada, foi perfeito como foi;
- CG - não sei;
- CS - o meu melhor amigo FA;
- FA – Este ano não trocaria a professora Christine;
- GP – a professora;
- LB – o futebol, é uma das coisas que mais gosto de fazer em EF;
- MS – Não trocaria a turma, mesmo tendo muito problemas, mesmo não se dando sempre bem, eu gostei muito de os ter como turma;
- MF – Não sei;
- GM – O futebol;
- NL – neste ano, não trocaria minha professora por nada, muito boa e aprendi muitas coisas com ela/você;
- RC - A professora Christine;
- RT – da estagiária.

15. Que mensagem deixarias para mim?

- AF - Desejo que a professora tenha um bom ano, muitas felicidades e bom S. João e que a gente se veja para o próximo ano.
- JB - Espero que lhe corra tudo bem na sua carreira como professora;
- CR – foi uma ótima professora ajudou-me tanto dentro como fora das aulas fisicamente e psicologicamente. Tenho a agradecer por este ano letivo muito especial para mim e nunca irá sair do meu coração. Terá sempre um lugar guardado bem no meio;
- CG – Que gostei muito da professora e que nos ajudava muito e que estava sempre preocupada connosco;
- CS - se fores embora da nossa escola, espero vá para uma escola melhor;
- FA – Corra sempre atrás dos seus sonhos!
- GP – professora, gosto muito de si e que você continue a pegar nos pés dos seus futuros

alunos e que nunca se esqueça do 8ºC a melhora da Péro;

- LB – Obrigada por tudo o que fez por nós (turma), obrigada por acreditar em nós mesmo quando nós não acreditávamos e por nos mostrar como a EF é importante;
- MS – Adorei tê-la como professora, tendo você como professora foi mais fácil para mim, a professora ajudou-me imenso e agradeço-lhe pela ajuda e pelo apoio que me deu;
- MF – Nunca a esquecerei é a professora que mais gosto!
- GM - Qua continue a realizar os seus sonhos;
- NL – o que gostaria de te dizer: quero que saiba que você é uma ótima professora e me mostrou muitas diferenças do Brasil para Portugal. Sempre me falou coisas para me animar. Talvez você não saiba o quanto você me ajudou a superar os meus 13 anos de asma num grau altíssimo, sofri muito por medo e coisas que passei no passado e você foi uma pessoa que apareceu na minha vida para me mostrar que tudo já passou e temos de seguir adiante. Continue sendo essa pessoa incrível que você é!
- RC - A mensagem que eu deixo é que eu vou ter muitas saudades suas foi a melhor professora que tive na educação física;
- RT - a minha mensagem é que não mude, pois você é uma professora perfeita.

Texto – IG

“Olá setor, bem vim aqui perder um pouquinho do meu tempo para falar da disciplina de educação física. Bem as vezes nos somos teimosos e mauzinhos consigo, mas você sabe muito bem que gostamos muito de si, aprendi muito consigo, gosto muito do seu trabalho, da sua forma carinhosa de falar connosco, da forma como nos explica as coisas e da paciência que tem 😊.

Gosto muito de educação física, mas sou muito Preguiçosa. Este ano foi um ano difícil para mim por todas as coisas que fiz e pelo que não cumpri, peço por este período ter falhado muito setora.

Adoro trabalhar com os meus amigos em grupo, pois esta disciplina é a única que permite isso, por vezes dei o meu melhor e outra vezes fui muito preguiçosa, mas sempre tive interesse em aprender.

Epá trabalhar com o RC é pouco difícil não é excluir, mas temos de ter outro tipo de jogo com ele temos de ter os cuidados principais, mas gosto muito do RC, acho um bocado difícil o lugar dele ali sentado sem poder ser ele a dizer vou para e etc...

Aprendi que com esforço nos conseguimos tudo que queremos, se não formos capazes nos conseguimos tudo. O terceiro período para mim foi muito difícil.

A melhor é esta me despedir de si, epá como já disse em cima eu gosto imenso de si, não é dar “graxa”, mas foi a melhor professora que já tive até hoje, a sua simpatia, tudo que você faz por nós não sei se outro qualquer fazia.

Protege nos muito danos os melhores conselhos eu não sei como lhe agradecer por tudo que já fez por mim. Pelas vezes em que me ajudou a ultrapassar as minhas dificuldades e dar abanões para acordar e por a cabeça no sítio. Obrigado e vou ter imensas saudades suas ❤️ Agradeço por tudo mesmo um grande 😊”

Anexo 7 – Relatório Final da Diretora de Turma da TR

A professora estagiária Christine Gomes foi apresentada ao Conselho de Turma, em Setembro de 2019, aquando da primeira reunião de caracterização do 8ºC, na qual a Christine iria desempenhar as suas funções de docente.

Aos poucos, a professora foi-se integrando na turma e também no seio escolar. Ao longo do ano, a sua actuação pedagógica foi determinante e teve um impacto muito positivo junto dos alunos e membros do CT, mais especificamente com a Diretora de Turma. De facto, a Christine marcou a sua presença com uma postura colaborativa na resolução de problemas que iam surgindo na turma e também nas tarefas de direção de turma, junto da DT. De facto, demonstrou sempre interesse e preocupação para com os alunos, na resolução dos seus problemas e inquietações, revelando assim a sua faceta de conselheira e amiga, criando com os alunos, professores e funcionários uma relação profissional baseada na amizade, confiança muito vincada. Mostrou-se sempre disponível na ajuda e concretização de projetos e tarefas respeitantes à turma. Durante o período de confinamento, a Christine teve uma atuação ímpar. Trabalhou sempre em colaboração com a diretora de turma, a fim de ajudar na organização do trabalho à distância. Manteve um trabalho cooperante com os alunos, incentivando-os à concretização das tarefas e resolução das suas dificuldades. Integrou-se em projetos de turma, tendo uma postura dinâmica junto de alunos e DT. Persistiu em ajudar os alunos na consecução das suas tarefas, orientando-os, motivando-os à realização das mesmas, esclarecendo sempre as dúvidas dos alunos, numa interação constante. Sempre que solicitada pela DT, demonstrou uma atitude colaborativa e de partilha de informação, contribuindo, desta forma, para uma boa consecução das tarefas de turma e resolução de problemas, sempre disponível e bem disposta.

Em jeito de conclusão, devo dizer que a Christine se integrou harmoniosamente no seio escolar, marcou a sua presença de uma forma muito positiva junto de toda a comunidade educativa, num clima de amizade e confiança, revelando a sua vocação e amor pelo ensino. Parabéns Christine! Agradeço a colaboração neste ano tão conturbado e desejo-te os maiores sucessos e felicidades nesta nossa profissão que se reveste desafios constantes. Sei que te vais realizar nesta área porque “vestes a camisola” num tamanho XXXL!

Anexo 8 – Relatório Final da Assistente Operacional do RC

O meu nome é [] sou licenciada em Educação Social e mestrada em Ciências da Educação. Pese embora possua formação superior, neste momento, encontro-me a desempenhar funções como assistente operacional no agrupamento de escolas Pêro Vaz de Caminha e este tem sido sem dúvida um grande desafio pois acompanho diariamente um aluno com necessidades educativas especiais com quem tenho aprendido e crescido imenso a todos os níveis quer profissional e sobretudo pessoal. A minha função é principalmente educativa e de apoio escolar durante o decorrer das aulas. O [] é um menino que lhe foi diagnosticado um tumor cerebral que lhe afeta os membros superiores e principalmente inferiores do corpo, e também um pouco a linguagem. Tem por isso pouca mobilidade e tem de se deslocar numa cadeira de rodas. É desta forma um menino sem autonomia que precisa diariamente de uma pessoa que o transporte e acompanhe em todas as suas tarefas ao longo do seu dia a dia. Tive a sorte de ser eu a ter esse privilégio. Sim, porque acompanhar o [] diariamente, para mim tem sido não apenas um simples trabalho que desempenho profissionalmente para sobreviver, mas sobretudo desempenho uma função onde tento empenhar-me ao máximo para fazer tudo o que está ao meu alcance melhorando um pouco o seu dia a dia. Por isso, tento diariamente trabalhar as suas competências pessoais e sociais essenciais nas diferentes situações que se apresentam no seu dia a dia para que desta forma lhe possa proporcionar uma boa integração quer com professores, funcionários e sobretudo com os colegas promovendo a tão desejada inclusão escolar.

De facto, é preciso cada vez mais que se criem parcerias educativas e de formação, como os estágios que ajudem as equipas multidisciplinares nas escolas a efetuar uma melhor intervenção com os alunos de forma a proporcionar-lhes cada vez mais a sua individualidade porque as necessidades e os potenciais de cada um, também contam e têm os seus tempos de aprendizagem e motivações diferentes que têm de ser respeitadas e incluídas nos percursos escolares de cada um. E isso foi sem dúvida o que mais me cativou no percurso académico da professora Cristine que sempre deixou bem claro as suas ideias enquanto professora relativamente às motivações e objetivos de cada aluno durante o seu percurso escolar. Foi sempre uma pessoa empenhada, atenta, trabalhadora e principalmente muito humana que nunca

desistiu perante todas as dificuldades que normalmente costumam surgir numa escola onde sobretudo proveem alunos com vários problemas a nível familiar, estrutural, social e económico. Senti que por vezes se sentia sozinha tentando minimizar todos estes problemas que surgem em contexto escolar. De facto, torna-se difícil aos professores e muito mais aos estagiários intervirem pois estes têm de obedecer a programas educativos que nada têm a ver com a resolução destes fatores, embora sejam estes em grande parte, os que acabam por afetar o insucesso e desistência de muitos dos alunos. Mas rapidamente percebeu isso, e nunca baixou os braços e os problemas tornaram-se sempre desafios que ia superando de forma exemplar.

Foi para mim uma honra e um privilégio ter feito parte da sua equipa educativa e irei recordá-la sempre com muito carinho no meu coração. Tenho a certeza que vai ser uma excelente profissional porque acima de tudo é uma excelente pessoa. Espero que tenha muita sorte porque as escolas precisam de pessoas assim interessadas, motivadas e dispostas a mudar qualquer coisa para proporcionar o bem-estar de todos. Estou convicta que deixou uma sementinha em cada aluno que lecionou durante este ano letivo e que, tal como eu, não a irá esquecer porque de facto, marcou a nossa escola e a nossa vida de forma muito positiva derivado à excelente profissional que é e sobretudo excelente pessoa. Consigo todos aprendemos que é hora de agirmos para que as diferenças se tornem em igualdades dignificando o ser humano independentemente das suas limitações. Ajudou-nos a mudar mentalidades e ensinou-nos a dar mão à diferença porque todos temos o direito de viver com qualidade.

Desejo-lhe muita sorte e que tudo corra sempre bem na sua vida!

Um beijinho,

Relatório de desempenho de Estágio da Christine – Turma do quarto ano – Escola de S. Tomé – Docente Titular de Turma:

Este relatório reporta-se a uma turma do quarto ano, inserida no Agrupamento de Escolas Pêro Vaz de Caminha, mais propriamente na Escola EB1 de S. Tomé. Trata-se de uma turma muito numerosa (vinte e três alunos e duas alunas NEE) com alguns alunos muito imaturos, alguns deles com falta de pré-requisitos e hábitos de trabalho e por vezes de estudo. A referida turma exigiu um esforço enorme por parte da docente titular de turma [redacted], por forma a inculcar regras dentro da sala de aula, hábitos de trabalho, hábitos de organização e de estudo, bem como proporcionar sempre que necessário um apoio mais individualizado, recorrendo ao reforço positivo, como forma de superação de dificuldades.

Trata-se de uma turma bastante heterogénea. Existem alunos que possuem dificuldades ao nível da atenção e da concentração, o que dificulta a compreensão e aquisição de conhecimentos. Noutros casos as dificuldades apresentadas por estes alunos, devem-se à falta de pré-requisitos e de hábitos de trabalho, necessitando constantemente do apoio do adulto. Os restantes alunos são trabalhadores, participativos e empenhados. Tal como se referiu anteriormente, existem duas alunas com Necessidades Educativas Especiais:

que beneficiaram de Medidas de Suporte à aprendizagem e à Inclusão – Medidas Adicionais, ao abrigo do decreto-lei cinquenta e quatro de dois mil e dezoito. Estas alunas tiveram apoio direto com o Professor de Educação Especial, ao longo do ano letivo, com o apoio do CAA. Ao longo do ano letivo foram sempre acompanhadas pela professora titular de turma, pelas professoras do Ensino Especial e pelas terapeutas, que mantiveram constantes contactos e analisaram as estratégias de aprendizagem mais adequadas a desenvolver, para que estas alunas evoluíssem significativamente.

A persistência para ultrapassar as dificuldades destes alunos por parte da docente titular de turma, foi sempre uma constante.

A docente procedeu sempre ao ajuste e adoção de metodologias e estratégias ajustadas às características de cada aluno e às competências a desenvolver, de forma a permitir uma evolução constante das aprendizagens dos alunos. Procedeu-se ao reforço das aprendizagens, valorizando e estimulando a autoestima dos alunos. Os constantes reforços positivos e apoio da professora titular de turma, permitiram que os alunos progredissem nas suas aprendizagens e ultrapassassem algumas lacunas.

No que concerne ao desempenho da estagiária Christine, no início do seu desempenho escolar com estes alunos, como não conhecia os alunos desta turma, procurou recolher alguma informação acerca dos alunos desta turma, reunindo com a professora cooperante [redacted] por forma a adequar estratégias adequadas à faixa etária dos alunos, bem como às suas preferências e experiências desportivas, motivando-os através de atividades convidativas a um bom desempenho escolar e a um aumento da sua auto-estima.

A Christine revelou-se sempre muito dinâmica, estando atenta às necessidades e dificuldades dos alunos, dialogando com eles e criando situações em que fossem eles próprios os intervenientes das suas

aprendizagens. O diálogo foi o fator que teve em consideração, pois proporciona o desenvolvimento da comunicação verbal e a exposição de diferentes pontos de vista.

Utilizou uma linguagem clara e objetiva, dando as indicações pertinentes para que todos os alunos conseguissem realizar as atividades propostas com o sucesso pretendido e por si delineado, colmatando e ultrapassando as dificuldades que pudessem surgir.

Ao longo do ano letivo, o diálogo entre a docente titular de turma e a Christine foi uma constante e uma mais valia, na medida que os alunos revelaram uma maior auto-estima, um maior interesse pelas atividades propostas, estando mais confiantes e participativos.

Apesar de se tratar de uma turma muito numerosa e com alunos com posturas e interesses diversos, a Christine conseguiu estabelecer uma relação de proximidade com estes alunos, conseguindo manter os alunos empenhados e cumpridores das regras estabelecidas. Procurou sempre dar esclarecimentos concisos, deslocando-se constantemente ao longo do espaço destinado às atividades definidas, por forma a estar mais próxima dos alunos, denotando rigor científico. A possibilidade dos alunos vivenciarem as suas próprias experiências, foi um fator que considero relevante, dada a oportunidade de transpor toda a teoria e aplicá-la na prática.

As estratégias utilizadas nas suas aulas, resultaram muito bem. O empenho revelado pelos alunos desta turma foi uma realidade.

O caráter manipulativo que imprimiu às suas aulas, revelou-se interessante, pois deste modo, os alunos puderam ser eles próprios intervenientes do processo ensino-aprendizagem.

Da avaliação das aulas ministradas pela Christine, constatou-se por parte dos alunos a sua vontade crescente de aprender. O balanço destas aulas, foi muito positivo. Os alunos atingiram os objetivos propostos.

No final das aulas, a Christine procedeu sempre à avaliação da mesma, com a partilha de opiniões acerca da atividade realizada, dos aspetos a melhorar na execução das tarefas realizadas, bem como considerações acerca do seu próprio comportamento. Deste modo, privilegiou-se mais uma vez a troca de ideias e a comunicação oral, como refere Constance Kamii: "Todo o sujeito deve construir o seu saber e o seu processo de pensar, através das suas experiências e deve interagir com aqueles que o rodeiam, pois a dimensão social não é de desprezar".

No período de confinamento (ensino à distância), devido à pandemia Covid 19, a Christine continuou a acompanhar os alunos, enviando-lhes por email, fichas de trabalho. Estas propostas foram realizadas e bem aceites pelos alunos.

Relativamente às planificações realizadas pela Christine, considero-as bem estruturadas, interessantes e apelativas.

As atividades promovidas pela Christine e que implicaram a deslocação dos alunos para a sede do Agrupamento Pêro Vaz de Caminha (corta-mato – dia onze de dezembro), foram realizadas com bastante interesse e afinho por parte destes alunos.

Estas atividades permitiram a apreensão de novos conceitos e a participação ativa dos alunos.

Foram sempre definidas e reformuladas as estratégias ao longo do processo ensino-aprendizagem, de acordo com as necessidades dos seus principais intervenientes, os alunos.

No entanto, embora cada aluno apresente um ritmo de trabalho diferente, ao longo deste ano letivo, de uma forma geral, os alunos revelaram-se mais empenhados e interessados pelas atividades desenvolvidas, melhorando e progredindo nas suas aprendizagens ao longo do ano letivo, devido à utilização e reformulação, sempre que era necessário, das estratégias utilizadas. Aquelas que possibilitavam a continuidade/melhoria dos bons resultados eram preservadas.

Mais uma vez, gostaria de referir a camaradagem deste grupo de trabalho constituído pela Christine, por mim (professora titular) e alunos. O espírito de grupo é de realçar, pois permitiu-nos alcançar o sucesso neste processo de ensino e de aprendizagem, em que todos os seus intervenientes, saíram a ganhar.

Porto, 23 de junho de 2020

A professora titular de turma do quarto ano da turma de S. Tomé,